«A IGREJA DE AMANHÃ SERÁ AFRICANA OU NÃO SERÁ NADA» (PÁG. 3)

Diário de Lisboa

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS
QUINTA-FEIRA, 31 DE JULHO DE 1969 N.º 16 743 ANO 49.º UM ESCUDO

às sextas-feiras em MESA REDONDA vamos discutir...

O PAPA EM ÁFRICA

PAULO VI, ANTES DE PARTIR PARA UGANDA:

«TENTAREMOS CONVENCER A NIGÉRIA E O BIAFRA DE QUE É NECESSÁRIO ESTABELECER UMA TRÉGUA»

ROMA, 31 — (F. P. e R.) — Paulo VI deixou Roma de avião com destino a Kampala.

Foi às 6 e 54 que o aparelho pontifício descolou do aeroporto de Fiumicino. Chovia, mas a visibilidade era boa. As condições meteorológicas são boas na rota que o avião irá tomar, indicam em Fiumicino.

O Santo Padre, o primeiro Papa a visitar África nos tempos modernos, chega esta tarde a Kampala, para inaugurar um santuário em memória dos 22 mártires ugandeses e para encerrar uma importante conferência de bispos africanos.

Observadores disseram que a presença em Kampala tanto de representantes biafrenses como nigerianos, durante a visita do sumo pontífice, tornou quase certo que o Papa tentaria congraçar os dois lados em guerra.

O Governo federal nigeriano rejeitou já um apelo biafrense para um cessar-fogo durante a visita do Papa a África, afirmando que não haveria qualquer vantagem nisso.

Contudo, o comissário nigeriano da Informação, um dos negociantes mais categorizados, Anthony Enahorq, declarou pouco depois de ter chegado ontem a Kampala que estava disposto a conferenciar com os biafrenses.

Falando ontem a peregrinos na sua residência de Verão em Castelgandolfo, o Papa, de 71 anos, confirmou que tentaria servir de medianeiro para conseguir a paz na Nigéria á primeira oportunidade, embora parecesse ter poucas esperanças de êxito.

«As posições opostas em que o conflito se baseia parecem ainda demasiado distantes» — declarou.

«Continuaremos a fazer tu-

(Continua na 10.ª página)

Richard Nixon e sua mulher Pat, á chegada a Manila, primeira escala da sua viagem asiática. O presidente norte-americano visitou depois Bangkok e Saigão e chegou hoje a Nova Delhi, onde conferenciará com a senhora Gandhi. Espera-se que seja abordado o diferendo fronteiriço indo-paquistanês

Assinada a escritura da Fundação Salazar

Na presença do Chefe do Estado, em cerimónia a que assistiram o prof. dr. Marcello Caetano e vários membros do seu Governo, foi assinada hoje a escritura da constituição da Fundação Salazar que reuniu já donativos num total de mais de 228 387 contos. A comissão organizadora, constituída pelos srs. António de Medeiros e Almeida, dr. Jorge de Mello, eng.º José Frederico Ulrich e eng.º Tito Arantes, passou a ser o primeiro conselho administrativo da Fundação

EM BUSCA DE UMA RAINHA

Setubal também tem uma palavra a dizer na eleição da Rainha do Sado. A noite passada, escolheu três beldades que irão riscutir entre si, numa final que se espera emocionante, a sua representante — a de Setubal cidade, concelho — no tradicional concurso. A nossa gravura mostra o momento em que a vencedora do ano passado impunha as faixas de finalistas ás três jovens que discutirão entre si o direito de representar Setubal no grande «contest» que envolve todos os concelhos do distrito de Setubal. (Ler reportagem na página central)

HOJE 28 PÁGINAS
VISADO
PELA CENSURA

O presidente Nixon em Nova Delhi

NOVA DELHI, 31 — (A.N.I.) — O presidente Nixon chegou hoje á União Indiana para uma visita relâmpago de menos de um dia.

O avião presidencial, vindo de Bangkok, desceu no aeroporto internacional de Palam, nesta cidade, ás 7 horas (T.M.G.).

O chefe do Estado norte-americano foi saudado com uma salva de 21 tiros de canhão.

BANGKOK, 31 — (R.) — O presidente Nixon partiu hoje desta capital para a India, a fim de iniciar uma nova série de conversações acerca de problemas asiáticos, após a sua visita de três dias á Tailândia e de uma viagem relampago ao Vietnam do Sul.

(Continua na 11.ª página)

CAMPO PEQUENO

COM A PRESENÇA
DE S. EX.ª O PRESIDENTE DO CONSELHO

Corrida da Imprensa

MANOLO CORTÊS

COM
PAQUIRRI
E OS CAVALEIROS
DAVID RIBEIRO TELLES
JOSÉ MALDONADO CORTES
OS FORCADOS AMADORES DE SANTARÉM
e TOIROS DE JOSÉ LICO

DE ONTEM PARA HOJE

O IRRACIONALISMO E A VIOLÊNCIA

Andam quase sempre juntos o irracionalismo e a violência. É que, á falta de razões luminosas, de posições sólidas moral e intelectualmente, se recorre habitualmente á força bruta. Cada um dá o que tem e quem é que pode pedir ao asno o raciocínio se ele apenas tem cascos? O irracionalismo, é por isso mesmo, irmão gémeo da violência, brota espontaneo nessas atmosferas singularmente emotivas ou cuidadosamente protegidas de qualquer contradição. É por isso que o maior inimigo do irracionalismo e também da violência são aquelas «situações de equilibrada harmonia, de verdadeiro governo. Situações que sempre representam alvo de frechadas de todos os extremismos». Disse-o ontem o dr. Melo e Castro, ao dar posse no Cineteatro de Gil Vicente, de Barcelos, ás novas comissões concelhias da União Nacional dos distritos de Braga e de Viana do Castelo. E aquele homem publico prosseguiu: «De ambas as bandas extremas do tablado político não são poupados os que a todos respeitam os direitos e lembram os deveres». Os direitos do cidadão, incluindo aquelas liberdades fundamentais que as Nações Unidas compendiaram numa carta que deveria ser fundamento de qualquer legislação e prática de qualquer autoridade, constituem sem duvida limitação a governantes, que não ao seu prestígio; mas são também a garantia de um povo realmente livre, livre na sua acção, no seu pensamento, nas suas deslocações, na sua expressão. E que interessaria depois áquele que preza a liberdade não apenas nos discursos, mas nas práticas administrativas, ser apodado de «fascista» de um lado e de «cavalo de Tróia» do outro? Que interessa isso a quem tenha tranquila a consciência? Compreende-se a dificuldade da tarefa quando a queiram levar a bom termo com justiça para todos e não apenas para os amigos, quando procurem equanimidade nos actos que não apenas nos discursos. A ser assim bem compreendermos: «Tarefa difícil: — frechadas de todos os lados do extremismo. Mas o que não vale a pena, nunca valeria a pena, é zangarmo-nos, zangarmo-nos seria se não tivéssemos razão ou se defendêssemos interesses que não fossem, autênticamente, os de todo o povo português. A nossa tarefa repugnará aos extremismos, mas serve a direita e serve a esquerda, quando sejam construtivas.»

10 ANOS AO SERVIÇO DA SACOR

Na Sacor foi ontem inaugurada uma cantina, em Cabo Ruivo. Pode ela fornecer duas mil refeições e a área coberta abrange 2200 metros quadrados. Ao mesmo tempo que se inaugurava essa cantina foram distinguidos os empregados que completaram 10 anos de casa. Assistiram muitos administradores daquela empresa e o sr. ministro das Corporações, a quem o aspecto social da Sacor mereceu palavras de apreço particular.

A construção do novo edifício foi conflada, pela Sacor, ao conhecido empreiteiro sr. Carlos Eduardo Rodrigues.

PROBLEMAS FERROVIÁRIOS

Forças vivas de Espinho vieram ontem ao gabinete do sr. ministro das Comunicações apresentar um conjunto de sugestões, visando a resolução tão rápida quanto possível dos problemas que o actual traçado da via férrea, a deficiência das passagens de nível, e outras causam áquela vila De acordo com as sugestões apresentadas foram tomadas várias resoluções, como automatização de algumas passagens de nível, passagens subterrâneas, etc.

PALÁCIO DE BELÉM

O sr. Presidente da Republica recebeu ontem os srs. dr. Correia de Oliveira, presidente do conselho de administração do Banco Fonsecas & Burnay; brigadeiro Armando Girão e prof. eng. Edgard Cardoso; António de Medeiros e Almeida, presidente da comissão organizadora da Fundação Salazar, e eng. Luís de Azevedo Coutinho, presidente da Câmara Municipal de Cascais.

REUNIÃO DE SÓCIOS DA PRAGMA

Cerca de 200 sócios da PRAGMA — Cooperativa de Difusão Cultural e Acção Comunitária, reuniram-se ontem, num restaurante do Campo Grande, em jantar de confraternização e de jubilo pela decisão do Supremo Tribunal Administrativo que, como já foi anunciado, deu provimento ao recurso interposto pelos advogados da mesma contra a dissolução da Cooperativa, determinada pelo ministro do Interior.

O jantar decorreu em ambiente de franco e entusiástico convívio. Após algumas palavras proferidas pelo presidente da direcção, arq.º Nuno Teotónio Pereira, o encontro terminou com algumas baladas, na qual participou a maior parte dos presentes.

COLÓQUIO SOBRE TELEVISÃO

Amanhã, ás 21 e 30, o crítico de televisão do nosso jornal estará presente num colóquio organizado pela Academia Recreativa e Musical de Sacavém. O colóquio abordará o tema: «*Aspectos educativos da actividade da TV*».

Tem diminuído a importação de bacalhau

A Associação Industrial Portuense no seu ultimo relatório, e tal como o fizera em relatórios anteriores, volta a referir-se á «crise estrutural que fere o sector piscatório, obrigado a transformar as suas estruturas e os seus métodos, para acompanhar as novas solicitações da procura e o novo condicionalismo em que a sua actividade se processa». E, em seguida, reafirma «a urgência da política de apoio ao sector, exigida pela actual conjuntura interna e agravada por uma concorrência internacional dia a dia mais intensa».

Relativamente aos resultados das ultimas campanhas bacalhoeiras e como resultado do «esforço de renovação» da respectiva frota, diz-se no citado relatório:

«A importação de bacalhau terá rondado, em 1968, os 275 000 contos, soma bastante inferior aos 705 000 do ano anterior, mas que demonstra ainda como estamos longe da suficiência, em relação a um produto de consumo tão arreigado nos nossos hábitos.»

Vice-presidente do Município de Castro Daire

CASTRO DAIRE, 31 — Foi proposto para o cargo de vice-presidente da Camara Municipal deste concelho o sr. Inocêncio dos Santos Cruz, comerciante nesta vila, que vinha exercendo as funções de presidente da Junta de Freguesia local.

ora diga-nos...

— Quando faz um piquenique, costuma guardar os restos?

Piquenicar é um hábito que se vem enraizando nos portugueses. Mas nem todas as pessoas tomam os devidos cuidados para deixar o local escolhido para umas horas bem passadas tal como o foram encontrar. Os nossos entrevistados de hoje não são desses.

● *Eduardo Ferreira de Almeida, empregado dos T. L. P., acha que a vida está má e os ordenados também.*

— Como não somos ricos, trazemos todos os restos que se podem aproveitar para casa.

— ...

— Tem-se o cuidado de deixar tudo limpo.

● *Um colega do primeiro, o sr. José Mauricio dos Santos, choca-se muito com a sujidade que muitas pessoas deixam nos locais onde comem ao ar livre.*

— Evita-se sempre deixar porcaria para não incomodar as pessoas que possam vir depois. Mas, infelizmente, nem toda a gente faz assim. Nem é preciso ir para o campo e para as matas. Basta passear pelo Campo das Cebolas num domingo á noite. Deviam lá pôr umas retretes.

● *A sr.ª D. Maria Elisa Silva Nunes, empregada na Escola Primária n.º 42, quando vai a um piquenique como tudo.*

— Levo sempre pastéis de bacalhau. Mas daqueles bem feitos. Sou eu que os faço.

— ...

— (Ó sr. fotógrafo, olhe que eu quero ficar a rir.) Não, não sobra nada. Aquilo com um

bom verde desaparece tudo. E os papéis deixam-se lá ficar... num recipiente.

3.º CICLO
EXAMES DE 2.ª ÉPOCA
LABORATÓRIOS
Telef. 831416 (ao Chile)

Operações de Bolsa
BANCO DO ALENTEJO

A IGREJA DE AMANHÃ SERÁ AFRICANA OU NÃO SERÁ NADA

Depois da Ásia, depois da América, da Europa e da África, depois das multidões amarelas de Bombaim ou brancas de Portugal, eis a dos negros do Uganda chamada a aclamar Paulo VI. Este Papa itinerante assume mais uma vez o encargo de ir até àqueles que por falta de meios materiais não podem aproximar-se dele. Tornou-se habitual ver o sucessor de Pedro sair do Vaticano, que é todo o contrário duma casa de vidro, para tomar no local o pulso das cristandades longínquas. Protocolares e rodeadas de pompa — por quanto tempo ainda? — estas deslocações perdem o brilho ligado ao seu carácter até há pouco insólito. Mas mantêm o seu atractivo. Porque ninguém pode enganar-se com isso: o seu objectivo não é publicitário. Nada quadra menos a Paulo VI do que colocar-se em realce ou procurar um êxito pessoal. O Papa apresenta-se de todas as vezes como peregrino e pastor. **«No nosso coração»**, diria em Roma a 19 de Março ao anunciar a sua viagem, **«levaremos o destino espiritual e cívico de toda a África.»**

Não se trata duma cláusula de estilo. Visìvelmente não é para ele, mas para Aquele de quem é «o servidor dos servidores», que Paulo VI pretende fazer voltar aos olhares.

No momento em que o Papa, rodeado unicamente pelos cardeais Villot, secretário de Estado, Tisserant, decano do Sacro Colégio, Agagianian, prefeito da Congregação das Missões, e principalmente por Joseph Amichia, antigo presidente negro da J. O. C. da Costa do Marfim, membro de Justiça e Paz e do Conselho dos Leigos, aterrar no aeródromo de Entebbe, situado a 10 quilómetros ao norte do Equador, uma das primeiras coisas que atrairá o seu olhar vai ser, no meio das auriflamas amarela e branca, o famoso mastro «todos os azimutes», que indica num movimento de espiral as distancias de trinta e uma grandes capitais mundiais: Nova York, 7065 kms; Roma, 3143; Paris, 3817; Londres, 4036, etc. Outras tantas cidades onde se encontram espalhados cristãos de todas as confissões e uma massa constantemente em aumento de não-crentes.

No Uganda os cristãos compõem 65% da população (católicos, 36%; anglicanos ou protestantes, 23% ortodoxos, 4%). Cerca de

por HENRI FESQUET

27% são animistas e 10% muçulmanos, ou seja duas vezes mais do que em 1960. Aqui como noutros locais o impulso muçulmano é irresistível. Repelidos do Sudão, uns 50 mil refugiados, em geral cristãos, vegetam miserávelmente no Uganda, país onde se misturam por outro lado sub-raças tão diferentes como os pigmeus prognatas, os bantos, os piloticos, os hamitas e tantos mais.

Mosaico étnico, mosaico religioso também, concretizado nas três colinas arborizadas que sobrepujam Kampala com uma mesquita ismaelita, uma catedral anglicana e uma basílica católica. No coração da cidade, a poucos metros um do outro, um templo hindu e uma igreja ortodoxa (1). Contam-se 50 mil indo-paquistaneses no Uganda, que assumem altas funções na vida económica do país, em particular na Banca. O Uganda teve outrora questões religiosas, muito vivas, mas começa por sua vez a ser atingida pela vaga ecuménica; pelo menos no cume, porque os fiéis permanecem reservados. Um Conselho Cristão Inter-Confessional, caso excepcional em África, existe ao escalão nacional. Em Rushere há desde o ano passado, uma igreja comum aos anglicanos e aos católicos.

Três padres em oito são negros

O pretexto para a viagem do Papa foi, como se sabe, fornecido pela consagração de um altar erigido em honra de vinte e dois mártires negros, pagens do rei Nwanga, monarca de costumes especiais, que resistiram aos seus caprichos e que, por este motivo, foram queimados ou horrorosamente mutilados no fim do século XIX.

Por outro lado Paulo VI aproveitará a sua estadia para consagrar doze bispos recentemente nomeados: quatro do Uganda, dois da

DE «LE MONDE» em exclusivo para o «DIÁRIO DE LISBOA»

Nigéria, dois do Kénia, um do Gabão, um da Zâmbia, um do Alto Volta e outro dos Camarões.

A indigenização do clero está particularmente adiantada no Uganda, onde os sacerdotes negros são cerca de trezentos num total de oitocentos (2). Contam-se além disso, em todo o continente, cento e um prelados africanos, dos quais vinte e seis são arce-

(Continua na página seguinte)

Nota do dia

LÁ VAI ÁGUA!

NÃO SE SABE COMO É, mas é. Todos os dias os jornais se fazem eco dos queixumes de habitantes ou estivantes das regiões ditas privilegiadas de Sintra e de Cascais, todos igualmente aflitos com a falta de água. Parece estranho, parece inesperado, parece que não se entende e não se entende mesmo, mas a água falta. Na região Cascais-Estoris fizeram-se, talvez há menos de uma dúzia de anos, obras que se supôs poderem assegurar o abastecimento, fizeram-se captações, construíram-se depósitos, fez-se a albufeira do Rio da Mula, ficou-se com a ideia de que sim, que era problema resolvido. Mas pelos vistos fazemos as obras sempre pela medida dos dois palmos adiante do nariz e depois é isto. É isto que se vê.

Sintra é o que se sabe. Atravessa-se a serra, de encosta a encosta, mesmo pelo Verão, levando nos ouvidos o murmúrio feliz das águas que cantam de todos os lados. Pois apesar disso, não se percebe como, também não há água nalgumas localidades da região de Sintra. Não há nos canos, claro, porque não se fazem as captações, condutas e depósitos que assegurem o abastecimento, mas há águas livres, águas soltas que correm, brincam e cantam, serra acima e serra abaixo.

O abastecimento de água, quer a Sintra quer a Cascais, além das reservas naturais da região, que não são tão poucas como isso, faz-se ainda pela via de recurso das águas de Lisboa. O poderoso reino do Alviela alarga-se e espaneja-se, talvez sem arrogâncias mas pelo menos com orgulho, oferecendo o que lhe sobra à secura dos seus vizinhos arrabaldinos, para lhes regar o horto e garantir o banho. Pois mesmo assim, com águas próprias e águas de fora, não há águas que cheguem.

A tudo isto acresce a circunstância bem conhecida de estar a decorrer um ano em que choveu a potes sobre todo o País. Tanta chuva que parecia nunca mais acabar, tanta chuva que se prolongou até às portas do Verão. Onde está a água? **Ela** não foi para a Lua, nem se evaporou toda. Ela foi, evidentemente, por caminhos que lhe são conhecidos, infiltrar-se até às reservas subterrâneas. Pelos arredores de Sintra dizem os poceiros que se sonda e a água brota, límpida e cantante, all à flor da terra. Mas às canalizações não chega.

Isto passa-se precisamente em duas regiões justamente orgulhosas dos seus pergaminhos naturais, duas regiões com Junta de Turismo e cartazes apregoando os seus chamarizes para quem quiser ver e ouvir. Há tudo quanto faz falta, há hotéis, campos de golfe e de cavalos, há perfumes e refrescos, esplanadas e esquimó fresquinho, há isso tudo, sim senhores, mas água tenham paciência, às tantas fecha-se ou não chega lá acima, porque não tem força, a não ser à força de braços levada em garrafões.

Nesta coilsão evidente de esforços e resultados apura-se que qualquer coisa há-de haver que não está correndo bem: a água pelo menos não corre — e é disso precisamente que se trata. Não basta, porém, ficar-se nos lamentos inúteis e nos queixumes inconsequentes. É preciso fazer qualquer coisa, ver qual é o remédio e quem o pode aviar. As Câmaras e as Obras Públicas como é que se concertam para isso? Se nos perguntarem a nós o que é que se há-de fazer, nós não sabemos nem temos obrigação disso. Mas sabemos que é uma situação pelo menos desairosa e incómoda e sabemos que há corpos constituídos que nisso têm uma das suas obrigações. Esperemos daqui que a saibam cumprir.

RECTÂNGULOS DA VIDA

HISTORIETA LUNÁTICA

Os ultimos astronautas no tempo, Hardy, Harding e Harwood, chegaram á sua (terceira ou quarta viagem com passeio), o dia tantos de tal ás 11 horas, 20 minutos e 10 segundos, tempo de Greenwich. A Imprensa, a Rádio e a Televisão falaram com o entusiasmo que já é habitual, desta nova proeza do Homem. O mundo inteiro tem pois os olhos fitos na Lua, e há em todos um grande desejo de saber mais coisas, de ouvir portanto uma vez mais as impressões — minuciosas —, de Hardy, Harding e Harwood.

Agora os três astronautas vêm a caminho. Chegam amanhã, chegam hoje, chegam agora, já chegaram. Mas não, não chegaram, onde se meteram? É que houve um acidente, um botão qualquer não funcionou como devia, e os três astronautas, em vez de descerem onde estava previsto, foram cair algures no centro do continente africano, precisamente numa tribu de adoradores da Lua.

Milagrosamente, Hardy, que sempre teve a bossa das línguas exóticas, consegue fazer-se entender. E explica que ele e os dois amigos chegaram agora mesmo da Lua — aquele pózinho nos fatos, estão a ver aquele pó-

por MARIA JUDITE DE CARVALHO

zinho cinzento? Pois é da Lua. E conta pormenorizadamente ao soba como é o nosso satélite.

Ora o soba não é parvo, por isso é soba. Ele sabe perfeitamente que ninguém pode ir á Lua, e, se aqueles três homens de fatiotas estranhas chegaram de lá, dentro daquela coisa de metal, é porque são homens da Lua, é porque são deuses que querem viajar incógnitos. Chamado de urgência, o feiticeiro corrobora as sábias opiniões do chefe da tribu. O pó é realmente pó da Lua, os homens vieram da Lua.

De subito prosterna-se e todos com ele, incluindo o soba. Eis os três astronautas nomeados deuses. E deuses serão durante o resto da vida, o que promete tornar-se multíssimo fatigante.

Enfim, o mundo inteiro tem os olhos fitos na Lua, mas o modo de a olhar ainda pode ser muito diferente. Mesmo no tempo dos astronautas Hardy, Harding e Harwood. Porque a Lua parece estar afinal de contas muito mais perto dos homens do que algumas parcelas da Terra. Coisas...

tv pronto
ASSISTÊNCIA OFICIAL ÀS MARCAS: AUTOVOX EKCO PYE LOEWE OPTA
REPARAÇÕES DE TELEVISORES DE TODAS AS MARCAS
tv pronto
R. DA QUINTINHA, 72-A
TELEF. 368902 / 3
LISBOA

Crédito Universitário
BANCO DO ALENTEJO

Ainda o Inverno vem longe e já os costureiros londrinos lançaram a moda dessa estação — com os modelos «Electra», criados por Hardy Amico. Um é em xadrez laranja e castanho, em «tweed», de gola subida e bolsos fundos. Destina-se a ser usado sobre calças de boca de sino e uma blusa de «jersey» branca. O outro modelo é um ultra-sofisticado maxi-casaco e que foi a grande estrela da passagem de modelos do grande costureiro. É de um amarelo forte com um cinto de pele negra a marcar a cintura alta. Pelos vistos, vamos ter os maxi-casacos a fazerem uma guerra às mini-saias

A IGREJA DE AMANHÃ SERÁ AFRICANA OU NÃO SERÁ NADA

(Continuação da pág. anterior)

bispos residenciais, sessenta e sete bispos residenciais, dois administradores apostólicos, um bispo coadjutor, um vigário apostólico e quatro bispos auxiliares. Recordemos que os cardeais são três: Rugambwa (Tanzânia), Zungrana (Alto Volta) e Mabula (Congo-Kinshasa). Além disso há um cardeal malgaxe, monsenhor Rakotomalala, arcebispo de Tananarive (Madagáscar).

Apesar de tudo o Cristianismo faz ainda figura de religião europeia, e uma das preocupações do pontificado actual, na esteira de Vaticano II, é remediar esta anomalia.

O padre Nioka podia escrever na obra «*Personalidade Africana e Catolicismo*» (3): *Não se cristianizou de forma alguma o pensamento africano, nenhuma manifestação da vida quotidiana. Importou-se um cristianismo separado social e psicològicamente das actividades principais da comunidade africana, Eis uma realidade desconcertante*».

O que é um pagão?

Outro padre negro escreve no mesmo livro: «*A Igreja fez de nós, que éramos primitivos, crianças grandes. A religião dos nossos pais, que sem dúvida alguma precisava de ser corrigida, revista e convertida, vê-se tratada com um desprezo que era até há pouco tempo violento e hoje é misericordioso, sob a acusação vaga e destituída de sentido de que é paganismo. Teve-se alguma vez a preocupação de definir teològicamente o paganismo? (4). Muitos clérigos africanos retomaram igualmente o autoritarismo do missionário europeu*».

Há muito para fazer neste continente, assim como na Igreja latino-americana, tanto no plano litúrgico e pastoral como teológico ou mesmo doutrinal. A longo prazo pode dizer-se que a Igreja de amanhã em África será africana ou não será nada.

A diminuição extremamente nítida das vocações para missionários terá pelo menos tido a vantagem de acelerar esta evolução necessária.

De resto encontra-se já em marcha uma descentralização ao nível institucional. Durante o concílio Vaticano II, sob o impulso dos monsenhores Zoa (Camarões) e Blomjous (Tanganica), os bispos negros ganharam o gosto do trabalho em conjunto. Depois a pouco e pouco, criaram-se novas Conferências Episcopais. Estas eram em número de vinte quando do Concílio. Hoje são cerca dumas trinta, nacionais ou internacionais. As Conferências Episcopais da África de Leste (cinco nações, setenta e dois bispos) formam desde 1967 uma associação. Os presidentes destas conferências encontrar-se-ão precisamente no Simpósio Pan-Africano que se efectuará no Uganda de 28 a 31 do corrente.

A assembleia constituirá um novo passo da África católica para a sua unidade, ainda que esta se encontre longe de estar realizada. Na mesma linha deve assinalar-se a reunião da Conferência Pan-Africana Inter-Confessional que se realizará no mês de Setembro em Abidjan, na presença de quinhentos participantes representando as igrejas Anglicana, Metodista, Reformada e Baptista, com o apoio do Conselho Ecuménico das Igrejas. Roma estará ali representada por quatro observadores oficiais, designados pelo Secretariado para a Unidade dos Cristãos, entre os quais monsenhor Joseph Amichia, que vai, como dissemos, com Paulo VI ao Uganda.

H. F.

(1) A Igreja Africana Ortodoxa obedece ao patriarca de Alexandria, que tem um arquimandrita em Kampala. Na sua origem encontra-se a conversão à ortodoxia, em 1949, dum pastor anglicano, conselheiro do *kabaka* (rei) do Bugandu. O Uganda conta além disso, com uma comunidade europeia duma dezena de milhar de pessoas.

(2) O Uganda só é ultrapassado neste ponto pelo Congo-Kinshasa, com 621 padres autóctones; a Tanzânia, 403; e África do Sul, 354 (estatísticas de 1967).

(3) Obra franco inglesa publicada pela «Présence Africaine».

(4) De facto o padre Henri Maurier escreveu uma obra intitulada: «*Ensaio duma teologia do paganismo*», prefaciada pelo futuro cardeal Daniélou, 320 páginas.

san remo

CADEIRA PARA EXTERIORES

FOC

SERVIÇOS COMERCIAIS

Rua S. Estêvão 177-A e C — LISBOA
Telefones: 53 88 81/6 - Apartado 1412
Rua de Bonjardim 308 — PORTO
Telefones: 324 64, 340 31

AS PESSOAS DE BOM GOSTO USAM ÓCULOS Persol

PATENTE ITALIANA

À VENDA SÓ NOS OCULISTAS

all airlines are alike only people make them different!

através do mundo

em boa companhia

Na realidade todas as Companhias se assemelham. Só o seu pessoal pode torná-las diferentes.
A simpatia e as atenções que o nosso pessoal dedica aos passageiros, fazem da TAP uma Companhia de Aviação eficiente e... diferente.
Viaje num avião da TAP e certifique-se desta verdade.

TAP

TRANSPORTES AÉREOS PORTUGUESES

Consulte o seu Agente de Viagens... e deixe a viagem a nosso cuidado

CLUBE 100 À HORA

VIII CIRCUITO DE MONTES CLAROS

2 e 3 de Agosto de 1969

— Corridas de Automóveis de Grande Turismo, Sport, Protótipos, Turismo, Turismo Especial e Fórmula «V»

— Corridas de Motos

PROCOLOR

LABORATÓRIOS FOTOGRÁFICOS A COR, LDA.

AV DUQUE DE LOULÉ, 105-4.º — LISBOA (elevador)

O MAIS MODERNO LABORATÓRIO A CORES DO PAÍS

EXECUTA TODOS OS TRABALHOS DE LABORATÓRIO E FOTOGRAFIA INDUSTRIAL A CORES

COLÉGIO NUN'ÁLVARES

PRIMÁRIO - C. PREPARATÓRIO - 1.º, 2.º e 3.º CICLOS

DIURNO e NOCTURNO — por discip. e secções

Semi-internato — transporte

Praça João do Rio, 2 (ao Areeiro) - Tel. 722461 - Lisboa

PRIMEIRAS EXIBIÇÕES

• NO AVIS

TÍTULO — «O Superagente Flint».

REALIZADOR — Mariano Laurenti.

INTÉRPRETES — Raimondo Vianello, Pamela Tudor, Rafaela Cará.

Flint é um agente que James Coburn lançou (e que lançou James Coburn...) com certo êxito, o que nem era inteiramente injusto. O modelo era evidentemente o de Bond-Solo-Matt Helm e companhia, mas a composição não deixava de ter um ou outro aspecto mais curioso.

Como desenvolvimento em terceiro ou quarto grau, o filme italiano ontem estreado no Avis não chega a atingir aquele nível mínimo que é de exigir a este tipo de películas. Trata-se de uma obra para o Verão, isto é, para aquele período em que as pessoas vão muito pouco ao cinema, e não vale a pena arranjar muito mais...

C.

TEATRO DA TRINDADE
(F. N. A. T.)
HOJE, dia 31, às 21.30
Espectáculo subsidiado pela Fundação Calouste Gulbenkian
ÚLTIMO ESPECTÁCULO DAS ÓPERAS DE ROSSINI
«LA SCALA DI SETA»
(A ESCADA DE SEDA)
e «LA CAMBIALE DI MATRIMÓNIO»
(A CAMBIAL DE MATRIMÓNIO)
Pela COMPANHIA PORTUGUESA DE ÓPERA
Maiores de 12 anos
ÓPERA PARA TODO O PÚBLICO A PREÇOS POPULARES
— DESDE 5$00 —
O TEATRO TEM AR CONDICIONADO

«Quem quiser passar além do programado tem de passar além do Mensurado»

Com o pedido de publicação, recebeu o director do nosso jornal a seguinte carta assinada por José Mensurado, alvo de uma apreciação no «Canal de Crítica» da nossa página «TV dia a dia».

Pela segunda vez, nos últimos anos, venho recorrer da sentença que o sr. Mário Castrim, no seu «Canal de Crítica», entendeu por bem aplicar-me. E recorro apenas porque, como réu, me assiste o direito de contestar o processo por ele adoptado para levar os leitores do «Diário de Lisboa» a concluirem, imediatamente, que a R. T. P. cometeu uma leviandade ao escolher-me para apresentar «a complexa viagem da Apolo-11» e que eu fui totalmente incompetente na execução dessa missão.

Longe de mim responder no tom e no estilo por ele adoptado na apreciação que fez, os quais ultrapassam todos os limites da dignidade e da decência que a função crítica exige. Em relação a este aspecto, vou limitar-me a guardar o recorte para nunca mais me esquecer de que entre nós foi possível, em 25 de Julho de 1969, utilizar as colunas de um prestigioso jornal para a mais perfeita expressão de ódio, de incompreensão e de intolerância de que me lembro, numa linguagem insultuosa de inconcebível baixeza.

Posto isto, devo dizer-lhe, em abono da verdade, que a R. T. P. não teria muito por onde escolher desde que o critério fosse (como foi) o de não recorrer a técnicos para o relato das reportagens. Está mais do que provado (em Portugal como em toda a parte) que a utilização de técnicos torna fastidiosos os programas deste tipo. Assim, incorrendo naquilo que o sr. Castrim designa por «vício do amadorismo», entendeu por bem designar um jornalista com experiência não só de apresentações na TV como também familiarizado com a complexa engrenagem das ligações, dos circuitos, etc., capaz de se adaptar a qualquer emergência. Não pecarei por vaidade se lhe disser que eu oferecia à R. T. P. garantias, tanto mais que, ao contrário do que o sr. Castrim gratuitamente diz, a apresentação de programas deste género não foi inédita para mim. Recordo, por exemplo, que fui eu que fiz o relato da primeira transmissão em directo da Mundovisão, quando da entrada em funcionamento do primeiro satélite Telstar, e também, nos últimos seis ou sete anos, dos voos da série «Gemini» e já da série «Apolo».

Quanto ao meu trabalho, e dado o facto de saber que o público, como muito bem diz o sr. Castrim, fora «exaustivamente informado por todos os meios de informação» (TV incluída), afigurou-se-me aconselhável não o saturar mais e dar, apenas, o complemento ou o eventual esclarecimento das imagens. Ser-me-ia extremamente fácil ter utilizado as copiosas informações técnicas que me foram facultadas, quer pela Embaixada dos Estados Unidos, quer pela R. T. P., quer pelas numerosíssi-

(Continua na 8.ª página)

J.J. GONÇALVES, SUCRS. S.A.R.L

DIVISÃO DE ELECTRODOMÉSTICOS E EQUIPAMENTO INDUSTRIAL

ZANUSSI NAONIS

*

Informa que a partir de 30 de Julho muda as suas instalações em Lisboa passando a funcionar os seus serviços nos locais a seguir mencionados:

DIRECÇÃO
SERVIÇOS ADMINISTRATIVOS
SERVIÇOS COMERCIAIS
EQUIPAMENTO INDUSTRIAL
SALA DE EXPOSIÇÃO
na Av. Elias Garcia, 123-3.º telef. 776052/3 e 777297

SERVIÇOS DE ASSISTÊNCIA TÉCNICA
PEÇAS E ACESSÓRIOS
na Travessa do Noronha, 19 telef. 676514/676548/676887

ARMAZÉM GERAL
na R. do Vale Formoso de Baixo, 114-A (a Cabo Ruivo)
telef. 383873 e 384797

Ele esteve aqui! ...e aqui! ...e aqui!

NADA ESCAPA AO SORTILÉGIO DESTE ADORÁVEL, IRRESISTÍVEL... FASCINANTE PANTOMINEIRO!

Ladrão ou... benemérito?

THE MIRISCH CORPORATION apresenta

Dick Van Dyke

em

O Escroque Elegante

"Fitzwilly"

SÃO JORGE — PROGRAMAÇÃO RANK

APRESENTA HOJE ÀS 21,30

UMA SÁTIRA SENSACIONAL!

O MELHOR SENTIDO DE HUMOR NA ANÁLISE DUM AUTÊNTICO LADRÃO...

MAS SIMPÁTICO E GENEROSO!

com BARBARA FELDON · JOHN McGIVER EDITH EVANS Miss Victoria Woodworth MUSIC JOHNNY WILLIAMS

Argum.de ISOBEL LENNART Bas.na nov.de Poyntz Tyler Prod. de WALTER MIRISCH Realiz. de DELBERT MANN A Mirisch-DFI Film

COLOR DeLuxe PANAVISION®

Uma prod. WALTER MIRISCH

Adultos

RANK FILMES

UNITED ARTISTS

NORTENHOS!

RESIDENTES EM LISBOA, que ninguém falte ao

COLISEU EMP.ª RICARDO COVÕES (HERD.) HOJE

ÀS 21.45 HORAS

PARA VER E APLAUDIR O GRANDE ESPECTÁCULO POPULAR DESTA TEMPORADA

«A DANÇA E A CANÇÃO DO NORTE VÊM A LISBOA!»

PROMOVIDO POR «MUSIARTE», DIRIGIDA POR MARIA ODETE AMARAL E SOB O PATROCÍNIO DO «JORNAL NOTÍCIAS» DO PORTO

I PARTE:

TODO O MARAVILHOSO FOLCLORE NORTENHO

APRESENTADO PELO EMINENTE POETA E FOLCLORISTA DR. PEDRO HOMEM DE MELLO, COM A COLABORAÇÃO DOS: «RANCHO FOLCLÓRICO DE CRASTOVÃES», TROFA DO VOUGA; «GRUPO FOLCLÓRICO DE S. COSME», GONDOMAR; «ACADEMIA DE DANÇAS DA ESCOLA INDUSTRIAL INFANTE D. HENRIQUE», DO PORTO, E «RANCHO TÍPICO DE SR.ª MARIA DA REGUENGA», DE SANTO TIRSO

II PARTE:

GRANDE PARADA DOS MAIS JOVENS ARTISTAS DA CANÇÃO NORTENHA

APRESENTADOS PELO DISTINTO LOCUTOR PORTUENSE ALFREDO ALVELA EM QUE COLABORAM: MARIA DA LUZ (O IDOLO DA JUVENTUDE), EMÍLIO DOS SANTOS (O ROUXINOL DO NORTE), SILITA LOPES (A RITA PAVONE PORTUENSE), MARIA ANTÓNIA (UMA ESTRELA QUE DESPONTA) E AS ULTIMAS GRANDES REVELAÇÕES DA CANÇÃO NACIONAL: EMÍLIA REIS E FERNANDO MARQUES DE OLIVEIRA, ALÉM DO VIBRANTE «CONJUNTO TÍPICO MIRADOURO» E «CONJUNTO TÍPICO SOL DE PORTUGAL»

III PARTE:

EM HOMENAGEM AOS SEUS COLEGAS DO NORTE

GRANDIOSO DESFILE DOS MELHORES NOMES DO TEATRO E DA RÁDIO NACIONAL

EM QUE GENTILMENTE SE DIGNAM COLABORAR, APRESENTADOS PELO DISTINTO LOCUTOR DA EMISSORA NACIONAL FERNANDO CORREIA; A GRANDE ATRACÇÃO NACIONAL CIDÁLIA MEIRELES, ANTÓNIO CALVÁRIO, MIRENE CARDINALLI, SÉRGIO, ARTUR RIBEIRO, ADA DE CASTRO, JOAQUIM CORDEIRO «O REI DO HUMORISMO», E A POPULAR VEDETA FERNANDA BAPTISTA, GENTILMENTE CEDIDA PELO EMPRESÁRIO JOSÉ MIGUEL, E, AINDA, A ANUNCIAR MUITAS SURPRESAS E ALGUNS DOS MELHORES INTÉRPRETES DA CANÇÃO MODERNA E POPULAR À

ÚLTIMA HORA

A MAIOR ATRACÇÃO PORTUGUESA DE SEMPRE!!!

BILHETES À VENDA

PREÇOS POPULARES

MAIS DE 150 PESSOAS EM CENA!!!

OS MAIS LINDOS CANTARES, TRAJOS E DANÇAS DO NORTE DE PORTUGAL NUMA NOITE INESQUECÍVEL

PARA M/ DE 12 ANOS

10 ESCUDOS

é o preço MAIS BARATO

PARA VER O GRANDE ESPECTÁCULO de VASCO MORGADO

A 1.ª REVISTA

DOS PARODIANTES DE LISBOA

No T. 55 51 33

MONUMENTAL 2 SESSÕES 20.45 e 23 H.

* TEATRO COM AR REFRIGERADO *

NO ELENCO (ADULTOS)

CAMILO e FLORBELA

À FRENTE DUM ELENCO FANTÁSTICO

ÓPERA NO TRINDADE

«WERTHER» de Massenet

WERTHER a popular ópera de Massenet baseada na célebre narrativa romanesca de Goethe, voltou ao cartaz do Teatro da Trindade e, tal como há dois anos, na língua original da partitura, ou seja, em francês.

Diga-se, antes de mais, que o espectáculo constituiu uma notável «réussite» e fica mesmo como uma das realizações mais felizes, no plano da concepção interpretativa, apresentadas até agora pela Companhia Portuguesa de Ópera. Isto deve-se fundamentalmente — é de justiça acrescentar — a Tomás Alcaide. A encenação do grande artista português (que fora, aliás, um intérprete primoroso e internacionalmente festejado do protagonista) recomenda-se pela propriedade do sentido dramático, pelo bom gosto e o requinte e pelo extremo cuidado em inúmeros pormenores no que se refere a arranjos de cena e guarda-roupa. Tomás Alcaide encontrava-se já muito doente quando levou a cabo, com um esforço inaudito, todo o seu trabalho de orientação e ensaios. E esse trabalho constituiu, afinal de contas, o triunfo do profissionalismo e de uma ética artística exemplar.

Nesta reposição do WERTHER manteve-se a fidelidade aos ensinamentos e á orientação do célebre tenor português, o que se tornou possível por mais de um motivo. Em primeiro lugar, porque Tomás Alcaide planificava, com grande soma de detalhes, as suas encenações e delas deixou esquemas minuciosos indicando todas as marcações. Depois porque Asta-Rose Alcaide, sua viúva, encarregada agora dos ensaios e da supervisão do espectáculo, teve a preocupação de não se afastar do caminho traçado, o que conseguiu com inegável êxito. E finalmente porque todos os cantores fizeram por dar o seu melhor.

Carlos Jorge tem, no papel de «Werther», uma excelente criação de verdadeiro nível internacional. A maneira como pisa o palco, as suas atitudes sempre distintas, o seu adequado jogo fisionómico (traduzindo uma expressão ora sonhadora ora exaltada e dramática), a intenção cheia de propriedade com que «diz», mas sem preciosismo, constituem autênticos trunfos que não deixaram de agir sobre o público. Acrescentem-se a estas virtudes, mais propriamente de ordem interpretativa, outras que se relacionam mais de perto com o «métier» de cantor, como a facilidade no registo agudo e a possibilidade de «apianar» um *lá* sustenido (recorde-se, a propósito o célebre trecho «Pourquoi me réveiller»). Quanto ao centro da voz, o ponto mais vulnerável deste cantor, está agora menos «baço».

Helena Cláudio distingue-se por uma voz de rara beleza, cujo timbre, só por si, é um manancial expressivo. Menos escura e potente nos graves do que há uns anos atrás, a voz da inteligente artista continua deslumbrante na região mais aguda e porventura mais igual em toda a sua extensão. Especialmente predisposta a transmitir sentimentos intensos e dramáticos, Helena Cláudio encontra no 3.º acto particular ensejo de revelar a força do seu temperamento, sem abandonar, no entanto, uma linha de contenção do melhor gosto. De desejar porém, que cuide mais da articulação, de modo a tornar suficientemente perceptíveis as palavras do texto.

O papel de «Sofia» foi desempenhado por Elsa Saque com gentileza e natural desenvoltura. A sua voz manteve-se inalterável quanto a beleza e frescura, Pena as oscilações que se sentiram no *lá agudo* que remata as suas pequenas tiradas a solo no 2.º acto. João Veloso («Baillio») apresentou-se com aquele aprumo cénico que é seu timbre, controlando melhor, desta vez, o volume de voz. Manuel Leitão, no desempenho da ingrata personagem de «Alberto», evidenciou progressos quanto á emissão, não acompanhados, é certo, dos mesmos progressos no que respeita á articulação. De salientar a boa presença em cena. Armando Guerreiro e João Pessanha, nos dois amigos do «Baillio», conduziram-se de acordo com as exigências das personagens, destacando-se vocalmente Armando Guerreiro, como é óbvio. Curtas mas certas as intervenções do Coro de S. Carlos. Simpático mas não irrepreensível de afinação o contributo prestado por um pequeno conjunto de alunos da Academia de Santa Cecília. Cenários funcionais de Furiga. Guarda-roupa de Anahory, aliás muito feliz quanto aos dois principais intérpretes masculinos («Werther» e «Alberto»).

Para um mais completo êxito da récita teria sido necessária uma orquestra mais equilibrada. Algumas falhas tornaram-se particularmente notórias numa partitura em que reina uma grande finura de colorido. Deve, porém, assinalar-se a justeza dos andamentos geralmente adoptados pelo maestro Jaime Silva, que também sublinhou determinadas passagens de forte tensão dramática.

NUNO BARREIROS

O último espectáculo

A Companhia Portuguesa de Ópera do Teatro da Trindade (F. N. A. T.), dá esta noite, ás 21 e 30, o último espectáculo da actual temporada lírica, com a apresentação de duas óperas em 1 acto de Rossini que registaram o maior êxito junto do público:

«A Escada de Seda» (La Scala di Seta) e «A Cambil de Matrimónio» (La Cambiale di Matrimónio).

Colabora a Orquestra de Ópera da Emissora Nacional.

«OS DIREITOS DA MULHER» NO VARIEDADES

A Companhia Teatro Alegre voltou e, com ela, uma onda de riso que tornou a comédia de Alfonso Paso, «Os direitos da mulher», o acontecimento teatral deste Verão.

Vasco Morgado, ao apresentar a sua Companhia mais antiga, deu ensejo a que o publico recorde uma divertida peça dispensando-lhe os mais calorosos aplausos.

No elenco de «Os direitos da mulher» Henrique Santana, a quem pertence também a direcção da Companhia, Irene Isidro, Costinha, Maria Helena, Henrique Santos, Lia Gama, Luísa Durão, Helena Isabel e Benjamim Falcão. «Os direitos da mulher», no Variedades, todas as noites, ás 21 e 45.

Recintos de diversões

* *A fadista Fernanda Maria, acompanhada pelo conjunto da «Lisboa á noite» gravou recentemente as seguintes composições: «Não passes com ela á minha rua»; «A mais linda canção», «Zanguei-me com o meu amor» e «Desilusão».*

* *Tem letra de Azinhal Abelho e musica de Alberto Costa o fado «Hei-de rogar-te uma praga», novo grande êxito de Benvinda Cruz.*

FESTIVAL DO FOLCLORE DE MAFRA

MAFRA, 31 — Por iniciativa da comissão para a construção da nova igreja do Sobreiro, vai realizar-se no próximo dia 3, às 22 horas, o I Festival de Folclore de Mafra.

A iniciativa tem ainda o patrocínio da Comissão Municipal de Turismo de Mafra e a colaboração do jornal «O Jovem».

NA

FEIRA POPULAR de LISBOA

A FAVOR DA COLÓNIA BALNEAR INFANTIL DE «O SÉCULO»
SORRIDENTE E FELIZ, O POVO FREQUENTA TODOS OS DIAS O PARQUE DE ENTRECAMPOS

HOJE — NOITE DE PRÉMIOS — HOJE

TODOS OS SENHORES VISITANTES QUE ADQUIRAM BILHETE DE ENTRADA NA FEIRA, FICAM IMEDIATAMENTE HABILITADOS AOS SEGUINTES VALIOSOS PRÉMIOS

Uma motoreta da famosa MARCA CASAL
oferta da METALURGIA CASAL, LDA., de AVEIRO

— E —

Um colchão MOLAFLEX
oferta da MOLAFLEX, em colaboração com os MÓVEIS CONFIANÇA

ABERTURA ÀS 19 H. — ENTRADA: QUINZE TOSTÕES

J. J. GONÇALVES, SUCRS. S.A.R.L

DIVISÃO DE ELECTRODOMÉSTICOS E EQUIPAMENTO INDUSTRIAL

ZANUSSI NAONIS

Comunica que de 1 a 14 de Agosto encerra os seus serviços de Assistência Técnica de Electrodomésticos em Lisboa, por motivo de férias do pessoal e mudança de instalações

A CARTA DE JOSÉ MENSURADO

(Continuação da 5.ª página)

mas publicações de que disponho. Preferi não o fazer, na convicção (fundamentada, aliás) de que assim o serviria melhor. Pelos vistos, o sr. Castrim não gostou. Paciência... As simpáticas telefonistas da R. T. P. em serviço na «penosa» noite de 20 para 21 de Julho podem testemunhar as muitas centenas de pessoas, representando milhares, que preferiram e até se congratularam pela forma como eu me desempenhei da tarefa. Não houve, portanto, a tal «cisão da TV e do público», como pretende a demagogia delirante do sr. Castrim. Os telespectadores puderam verificar que as minhas intervenções se limitaram ao essencial e que os comentários, parcos como me impus, referiram o fundamental. Como todos puderam ouvir, não me limitei a falar da missão histórica *ou do feito* espantoso e extraordinário — *palavras que, pelos vistos, tanto irritam o sr. Castrim e o seu indisfarçável e doentio antiamericanismo, mas que também foram unânimemente utilizadas por todos os meios de Informação, incluindo os da União Soviética e da República Popular da China...*

A R. T. P. não pretendeu nem me incumbiu de dar ao público através do acontecimento, a cultura que o sr. Castrim pretende. Se tal acontecesse teria sido, com certeza, naquela altura, uma maçada para toda a gente — menos para o sr. Castrim, claro... De resto, tem sido o mesmíssimo sr. Castrim a dizer, repetidamente, que a linguagem televisiva tem uma expressão própria, na qual a economia de palavras é um axioma.

Foi rigorosamente de acordo com este «figurino» — adoptado pela TV francesa e espanhola, pelo menos — que o trabalho foi realizado. Aliás, o plano relativamente ás entrevistas que precederam e se seguiram ás transmissões foi, por coincidência, rigorosamente igual ao da O. R. T. F., que também não utilizou técnicos para a apresentação dos programas, mas sim quatro jornalistas e habituais colaboradores: dois em Paris e dois em Cabo Kennedy (depois em Houston), como revela «L'Express» n.º 940.

Termino aqui o meu recurso, que é, afinal, uma simples e serena explicação aos leitores do «Diário de Lisboa».

Rogo-lhe, sr. Director, o favor de mandar publicar esta carta na integra — — não vá o sr. Mário Castrim repetir o que fez quando de uma outra rectificação que eu apresentei: truncou as minhas palavras e retirou-as do contexto da missiva, para assim poder realizar os seus habituais malabarismos literários...

Com os meus melhores cumprimentos e «sans rancune», subscrevo-me com a maior consideração,

José Mensurado

1 — Falar de **sentença**, como o faz Mensurado, na sua carta de queixinhas-ó-director, é erro. Limitei-me a debuxar o processo de uma situação de amadorismo, processo em que os telespectadores são condenados a pagar as custas.

2 — A propósito dos «limites da dignidade e da decência» seria interessante averiguar o que entende Mensurado por uma e outra coisa, caso ele tivesse alguma noção disso.

3 — «A R. T. P. não teria muito por onde escolher...». Estamos em presença de um pessimista em estado de angústia. Aliás, não se discute a existência do muito ou do pouco, de técnicos ou não técnicos. Trata-se, pura e simplesmente, de uma competenciazinha. E não me digam que entre nós não há disso, ao menos.

4 — Apresenta Mensurado a lista de outras reportagens por ele já feitas no mesmo estilo. O facto, como se prova, tem antecedentes e agravantes.

5 — Mensurado é homem de muitas artes. A qualquer pessoa medianamente dotada se torna visível que a indicação dos adjectivos preferidos pelo encarregado se entende como demonstração de incapacidade para destruir os limites do lugar-comum. Quando á observação e informação objectivas, se preferem as muletas gastas dos adjectivos baratos; quando o entusiasmo, a emoção, a força de alma se exprimem por meis tão primários, de duas, uma: ou a força de alma é de poucos cavalos ou o repórter tem reduzidas possibilidades de a transmitir ao publico.

6 — Era, pois, nitida a minha intenção. Mas, como digo, Mensurado é homem de muitas artes. Hábilmente transforma as minhas palavras em «*indisfarçável e doentio antiamericanismo...*».

Ninguém é tão ingénuo que ignore a pontaria de olho vesgo (a piar de todas as pontarias) da prosa de Mensurado. Eis-me apontado á execração de todo o «mundo livre», com os inconvenientes que se adivinham quando um pacato cidadão fica exposto á potência de fogo do dólar.

Mensurado, porém, enganou-se. Há, em mim, um profundo, um arreigado americanismo. Não coincidente com o americanismo dele? Possivel. Tanto pior para Mensurado.

7 — O meu americanismo é o de Lincoln, de F. D. Roosevelt, não o de Truman e Johnson; é o americanismo dos pacificos campos de algodão do Mississipi, não o dos campos de violência de Dallas, é o americanismo que manda homens para a Lua e não o que manda homens para o Vietnam, é o americanismo de Zinneman perseguido por McCarthy e não o de McCarthy perseguidor de Zinneman, é o americanismo do Whitman, de Sandburg, de Michael Gold e não o de Rockefeller e seus pares; é o de Salinger («Uma agulha em palheiro») e não o de Tommy Something, campeão de basebol; é o de «Bonnye e Clyde» e não o de «Boinas Verdes»; é o americanismo dos brancos e brancas que, como se pode ver em documentários passados pela televisão portuguesa, acompanham os americanos negros nas suas marchas — e não os brancos assassinos dos luthers kings. Em resumo: é o americanismo do povo americano e não o dos magnatas americanos, o que tem por símbolo a dignidade de Ethel Rosemberg e não o medo de Richard Kimble; é o americanismo da inteligência e não o da imbecilidade organizada.

É em nome desse americanismo que combato a americanice. Eu sei que, deste modo, não recebo convites para banquetes, para recepções, para viagens passeatas e estadias em estancias de diversão ou de cultura. Mas o que é que heide fazer. Eu até nem gosto de usar anéis...

8 — Como simples apontamento, dir-lhe-ei que a Republica Popular da China não se referiu ao acontecimento em termos mais ou menos encomiásticos pela simples razão de que não se lhe referiu em termos nenhuns. Mas isso é com os chineses...

9 — A cisão do publico-televisão foi evidente. Inumeras cartas e testemunhos chegaram at mim a comprovar este facto: telespectadores que tinham olhos para a televisão e ouvidos para Eurico da Fonseca, da Emissora Nacional. Mensurado não chama a isto cisão. Chame-lhe o que entender mas não deixe de meditar no facto, se é que lhe resta lucidez bastante para olhar de um ponto exterior a si próprio.

10 — Como disse há pouco, Mensurado é homem de muitas artes. A sua carta termina pela demonstração doutra. Acusa-me de qualquer coisa como um assalto á pena armada. Eu teria violentado a sua missiva a fim de extrair dela facilidades aos meus propósitos litero-sanguinários. Ora Mensurado pode brincar aos reporteres de televisão, já que lho permitem, para mal de nossos telepecados. O que não pode é brincar com os meus processos e com as minhas intenções. Fica, pois, convidado a provar o que afirma: que trunquei as suas palavras para etc., etc.

Quanto ao mais, eu e muitos telespectadores ficamos desejando que a televisão portuguesa siga no caminho já encetado pela colaboração de João de Freitas Branco, Cabral Valente, etc., ou seja, pelo caminho da seriedade das palavras, do profissionalismo. Até para aliviar o trabalho das telefonistas da RTP, coitadas.

MC

I CONCURSO INTERNACIONAL DE CANTO «W. A. MOZART» DA COSTA DO SOL

Por iniciativa da Junta de Turismo da Costa do Sol vai realizar-se, de 1 a 7 de Setembro, em pleno período dos VIII Cursos Musicais Internacionais de Férias, o I Concurso Internacional da Costa do Sol «W. A. Mozart» de Canto.

Trata-se, sem duvida, de uma iniciativa da maior projecção nos meios artísticos e que está a despertar grande interesse no País e no estrangeiro. O concurso é aberto a cantores de todas as nacionalidades, nascidos depois de 31 de Dezembro de 1934.

O juri, a que preside Paul v. Schilhawsky, do Mozarteum, de Salzburgo, apreciará os concorrentes em qualidade vocal, técnica, interpretação musical e personalidade artística. Todas as peças serão cantadas de cor, na língua e tonalidade originais, excepto no caso dos «lieder» que podem ser cantados em transposição.

Cada concorrente, além da peça obrigatória, deve estudar e mencionar no boletim de inscrição quatro árias de ópera, uma ária de concerto ou uma peça de musica sacra e quatro «lieder», que escolherá do programa indicado para cada voz.

Serão atribuídos os seguintes prémios: 1.º, 20 000$00; 2.º, 12 000$00; 3.º, 7000$00. Haverá ainda o prémio Pró-Arte de 4000$00 para o cantor português mais classificado, além de menções honrosas e diplomas.

Atrás do reposteiro

- Só em Setembro ficarão concluídas as obras do novo teatro «Maria Matos».
- Ao actor Francisco Ribeiro já foram entregues as «rábulas» que interpretará na nova revista do ABC.
- Prosseguiu já a sua digressão por Angola, integrado na respectiva companhia, o actor Tomás de Macedo que em Luanda fora acometido de doença.
- O actor Barroso Lopes ingressou no elenco do Maria Vitória.

NSU Prinz 4 o carro ideal para as suas férias

INSUPERÁVEL

NSU 1000 | NSU 1200 | NSU TT | NSU RO 80

CARACTERÍSTICAS PRINCIPAIS

MOTOR NSU a 4 tempos, «TWIN» de 598 C.C., arrefecido por ar, árvore de cames à cabeça. **CAIXA** de 4 velocidades completamente sincronizada. **SUSPENSÃO** Independente nas 4 rodas com amortecedores hidráulicos telescópicos e molas helicoidais de efeito progressivo. **TRAVÕES** hidráulicos de grande eficiência, de maxilas de grandes dimensões. **CARROÇARIA** monobloco de aço com 2 portas 5 lugares. **PERFORMANCE** 36 HP. velocidade máxima 120 Km/h. aceleração de 0 a 80 em 14 seg. consumo médio ca. de 5,7 litros aos 100 Kms.

EFICIENTE ASSISTÊNCIA TÉCNICA em todo o território nacional NSU

em exposição nos stands

Lusolanda, Lda. Av. António Aug. de Aguiar, 25-C — R. Latino Coelho, 63 — Av. da República, 84 — LISBOA

agentes em todos os distritos

AUMENTOU A PRODUÇÃO (em 1968) DE CERVEJA E DE CIGARROS

Durante o ano de 1968 verificou-se um aumento de quase 12 por cento na produção de cerveja, que alcançou 501 000 contos. A produção de cigarros atingiu, por sua vez, 1345 milhares de contos, o que representa um aumento de 8 por cento.

Aliás, no sector da alimentação e bebidas continua a afirmar-se a tendência para uma franca recuperação, depois da quebra registada em 1966 — segundo refere o relatório da Associação Industrial Portuense, referente a 1968. A maioria das produções denotam acréscimos sensíveis, em relação a 1967.

Assim, nos produtos lácteos, a alta foi geral: leite em pó, 71 000 contos (ou +24 %); manteiga, 76 000 contos (+38 %); natas, 91 000 contos (+34 %); produtos dietéticos, 78 800 contos (+16 %) e queijo, 99 000 contos (+8,7 %).

Nas conservas de peixe, regista-se a subida das conservas de atum, cuja produção atingiu os 41 000 contos (+24 %). Em contrapartida caiu sensivelmente o peixe congelado, com 74 000 contos (−14 %); e, mais ainda, as conservas de sardinha, que se quedaram em 396 000 contos (−29 %). Esta ultima reflecte, directamente, a quebra do volume de pesca da sardinha.

A moagem de farinhas espoadas manteve-se praticamente estacionária; e o arroz descascado e branqueado subiu a 566 000 contos (+3 %).

Outra quebra sensível ocorreu nos concentrados de tomate, que passaram de 763 000 contos a 772 000 em 1968.

A produção de bolachas e biscoitos subiu para 161 000 contos (+6,3 %); mas a de bolos e pastéis caiu de 205 000 contos, em 1967, para 121 000.

A produção de açucar ascendeu para 1175 milhares de contos (+7 %); a de cacau e chocolate fixou-se em 173 000 contos (−4 %); a de massas alimentícias em 351 000 (+0.4 %).

A refinação de óleos de amendoim e gergelim registou uma quebra acentuada, caindo de 807 000 contos, em 1967, para 660 000 no ano findo. A produção de margarinas alcançou os 312 000 contos (+12 %); a de café, os 307 000 (+4 %).

Anote-se, finalmente, um ramo de produção que tem conhecido um surto espectacular: o dos alimentos para animais, cujos fabricos passaram de 1060 milhares de contos para 1 650 000 em 1968.

UM MOTORETISTA EM PERIGO DE VIDA E CICLISTA FERIDO

SABUGOSA, 31 — Quando os srs. Henrique Nunes Martins, casado, serralheiro, de 30 anos, natural de Mosteiro de Fráguas e Luís dos Santos Coimbra, casado, motorista, de 27, natural do Carregueiro (Vilar de Besteiros) e residente em S. Miguel de Outeiro, regressavam, de madrugada, de uma festa em Santa Ovaia de Baixo (Santa Maria de Canas), um em motoreta e outro em motorizada, ao entrarem no ramal de Sabugosa de Baixo, fizeram-no com tanta infelicidade que embateram um no outro e ficaram muito feridos. Recolheram ao Hospital da Misericórdia de Tondela, onde o Henrique ficou em perigo de vida, gravemente ferido na cabeça. O Luís sofreu fractura de um braço e ferimentos diversos.

Festa mundana de beneficência nos Capuchos da Caparica

À semelhança do que aconteceu nos anos anteriores, uma comissão de senhoras, a que preside a infanta D. Maria Adelaide, vai organizar, no dia 16 de Agosto, nos Capuchos da Caparica, uma festa a favor das crianças a cargo da Fundação de Assistência D. Nuno Álvares Pereira.

Pensa a referida comissão que «o enorme êxito alcançado nas festas anteriores é, por si, a melhor prova do sucesso destas realizações mundanas onde acorre toda a aristocracia portuguesa e europeia.»

Traçamos no presente o rumo do futuro

Participamos num esforço comum para prestar um real serviço à economia da nação.

CONSULTE OS NOSSOS SERVIÇOS:

LISBOA
Rua Braamcamp, 5

PORTO
Av. dos Aliados, 58-64

LUANDA
Av. Duarte Pacheco Pereira, 12

LOURENÇO MARQUES
Av. Fernão de Magalhães, 2

BANCO DE FOMENTO NACIONAL
IMPULSIONADOR DO CRESCIMENTO ECONÓMICO NO ESPAÇO PORTUGUÊS

Actualidade internacional

Restabelecido o contacto com a «Mariner-7»

PASADENA (Califórnia), 31 — (R.) — Cientistas restabeleceram hoje contacto parcial com a sonda «Mariner-7», que emudeceu ontem quando se encontrava perto de Marte, quando a cápsula gémea, a «Mariner-6», estava a 3436 quilómetros do planeta vermelho.

A «Mariner-7» não respondeu á «chamada para despertar» transmitida sete horas antes e cientistas do Laboratório de Propulsão a Jacto, nesta cidade, julgavam que a sonda fotográfica tivera uma avaria na energia que a alimenta.

Contudo, inesperadamente, respondeu a um sinal para ligar a noite passada a sua antena de baixa potência.

Entretanto, a «Mariner-6» passou sobre a superfície marciana a oito quilómetros por segundo, tirando fotografias de perto e amostras da atmosfera do planeta para se averiguar se Marte pode manter vida tal como se conhece na Terra. As experiências das sondas são um preludio para um desembarque americano não tripulado em Marte em 1973.

OS CIENTISTAS IGNORAM

As duas sondas «Mariner» foram lançadas com cinco dias de intervalo entre si.

Dizem os cientistas do projecto que não fazem a menor ideia acerca do que pode ter ocasionado a falta de energia verificada.

«As razões para o «blackout» que não se conheceram de imediato na altura da ocorrência continuam a ser desconhecidas para nós e não sabemos a que atribuir a avaria» — declarou um dos técnicos.

Se um motor de ignição falhar em reactivar a energia, enfraquecerá o poder de emissão da sonda «Mariner-7» que só poderá continuar a enviar para a Terra uma fracção mínima das fotografias e informações transmitidas pela «Mariner-6».

Ontem á noite, á medida que se dirigia para o Pólo Norte marciano, a fim de tirar grandes planos a essa região — previstos para 4 de Agosto — a sonda estava a enviar breves sequências de informações com 9 minutos de intervalo.

SEGUNDA SÉRIE DE FOTOGRAFIAS

Ontem á noite a «Mariner-6» emitiu uma segunda série de fotografias a longa distância da superficie marciana, dentro de um raio de acção a cerca de 96,5 milhões de quilómetros, e começou a baixar o seu nível de voo a partir das 5 e 18 T.M.G.

Após vinte minutos de interrupção de emissões, a sanda surgiu do outro lado do planeta vermelho e imediatamente começou a transmitir dados científicos no complemento da sua missão. A partir de ?, a «Mariner-6» entrará no campo gravitacional do Sol e, eventualmente, pode vir a ser arrastada para a planejante superfície do astro-rei.

Durante os seus 25 minutos de trajecto de um para outro lado de Marte — 18 passados na parte iluminada do planeta e 7 na parte em escuridão — as câmaras fotográficas tiraram, em sucessão muito rápida, pequenos e grandes planos.

A segunda série de fotografias tiradas pela «Mariner-6» a longa distância, confirmaram o que já tinha sido revelado pela «Mariner-4» — que a superfície marciana tem o solo convulsionado e marcado por crateras do tipo das existentes na Lua.

A Lua conquistada brilha sobre o Laboratório de Recepção Lunar, em Houston. Lá dentro, os astronautas da Apolo-11 cumprem a quarentena de vinte e um dias

Operações de Bolsa
BANCO DO ALENTEJO

Paulo VI em África

(Continuação da 1.ª página)

do que seja possível para convencer os lados opostos de que é necessário chegar a uma trégua, garantida, se for necessário, por qualquer potência africana neutral».

O Papa pôs de lado uma viagem á Nigéria, explicando que ela daria simplesmente lugar a interpretações políticas que tornariam muito mais difíceis as suas diligências de paz.

Durante a sua estada na capital do Uganda, espera-se que o Santo Padre reitere a neutralidade do Vaticano quanto ao conflito nigeriano. O assunto tem sido muito discutido em Lagos, que critica persistentemente a atitude da Santa Sé, por causa dos voos de auxílio a Biafra pela Caritas, a agência internacional de socorro católica romana.

Além do conflito nigeriano, a África tem sempre interessado o Papa que está preocupado com os problemas das nações pobres e subdesenvolvidas, como evidenciou durante a sua visita à Colômbia no ano passado.

A África é, também, uma area onde a igreja Católica Romana fez grande progresso, alargando os seus fiéis de 10 milhões em 1947 para 39 milhões hoje.

O simpósio dos bispos católicos romanos, que termina hoje nesta capital deverá, segundo se espera, publicar um documento sobre o papel da igreja em conseguir a paz em África. Esse importante documento abrangerá todas as áreas perturbada do continente.

Funcionários eclesiásticos têm estado a trabalhar duramente em Kampala, atrás dos bastidores, para conseguirem uma iniciativa papal de paz quanto á Nigéria. Contudo, não se espera que o documento seja especialmente áspero na sua redacção e é provável que se incline para a generalização dos problemas.

DÍSTICOS DE BOAS-VINDAS

A capital ugandesa, uma linda cidade tropical metida entre colinas e cercada de luxuriantes plantações, tornou-se alegre para a visita do Papa.

Dísticos de boas-vindas, incluindo uma onde se lê «Pepsicola saúda o Papa», encontram-se espalhados por toda a cidade. Têm-se registado vendas enormes de camisas à «Papa Paulo», com as cores nacionais de Uganda e as fotografias do Santo Padre, do presidente Obote e do Vaticano.

Chapéus de palha e emblemas aludindo á ocasião estão, também, a deparar com boa venda e uma cantiga especial, com um ritmo vivo, está a ser transmitida continuamente pela Rádio Uganda.

Até mesmo os templos hindu e sikh no centro da cidade se encontram iluminados e engalanados para a ocasião.

A VIAGEM ASIÁTICA DE NIXON

(Continuação da 1.ª página)

O presidente partiu para a próxima etapa da sua viagem pela Ásia, após chegar a amplo acordo com dirigentes tailandeses sobre o novo papel asiático que ele atribuiu aos Estados Unidos. Contudo, enquanto o avião presidencial se dirige para Nova Delhi, Nixon concentrar-se-á numa série de problemas, inteiramente nova incluindo as delicadas relações entre a India e o Paquistão.

Embora a disputa fronteiriça entre os dois países não esteja pacificamente incluida para discussão nas conversações com a sr.ª Indira Gandhi, primeiro-ministro indiano, enfrentando correntemente problemas dentro do seu próprio Partido do Congresso, que governa a India, a questão do congelamento de fornecimentos militares americanos durante a guerra de Caxemira de 1965 deverá certamente ser apreciada.

HOJE NO CENTRO DO LIVRO BRASILEIRO

realiza-se o sorteio do concurso «DIVULGAÇÃO CULTURAL», integrado no plano de «Intercâmbio Cultural Luso-Brasileiro»

Estarão presentes os representantes oficiais do Governo Civil de Lisboa e altos funcionários da Embaixada do Brasil, em Portugal. A administração do Centro do Livro Brasileiro convida todos os seus Clientes e Amigos, e o público em geral, para assistirem a esta reunião que encurtará mais as distâncias entre as margens atlânticas das duas pátrias irmãs

HOJE dois portugueses serão premiados com uma viagem ao BRASIL

VIAJARÃO NOS TRANSPORTES VARIG
IRÃO VIVER NO HOTEL SÃO PAULO NA CIDADE PAULISTA
E NO GRANDE HOTEL OK, NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO

"DIVULGAÇÃO CULTURAL"

PARA ALÉM DO VIETNAM

A visita do presidente Nixon á Ásia acelera a concentração da politica soviética nos assuntos do Extremo-Oriente e traz em germe uma modificação dos dados que formavam, até aqui, a base das relações russo-americanas, portanto, do sistema internacional. Ainda que a U. R. S. S. se esforce por passar, no Ocidente, por uma potência europeia, acima de tudo, é na Ásia que se situam três quartas partes dos seus 23,4 milhões de quilómetros quadrados, 25 a 30 por cento dos seus 239 milhões de habitantes e a sua mais longa fronteira, isto é, 7.900 quilómetros em comum com a China, não contando o estado da Mongólia Exterior. Um terço das terras asiáticas emersas são soviéticas. Estes factos, entre outros de carácter histórico, ideológico ou militar, explicam a importancia que o Kremlin atribui necessáriamente a todo o acontecimento novo que se verifica na região. A viagem de Nixon é um desses acontecimentos, e significativo.

A visita presidencial ás Filipinas, Indonésia, Tailândia, Vietnam, India e Paquistão segue de muito perto — duas semanas — os primeiros repatriamentos dos G. Is. O começo da retirada americana, longe de ser uma operação isolada, inscreve-se no reexame global empreendido pela Casa Branca na Ásia. Entre os outros problemas submetidos a esse reexame figuram a procura de uma estratégia de substituição no Pacifico, a valorização económica de numerosos países do Extremo-Oriente, os eventuais contactos a ter, no momento azado, com Pequim, não a um estádio tal que leve ao restabelecimento das relações diplomáticas (impedido pela questão da Formosa), mas que permita substanciais trocas comerciais e culturais. Não é exagerado vermos nas diversas iniciativas asiáticas de Nixon uma tentativa com vista a substituir progressivamente uma politica bloqueada pelo conflito vietnamiano por uma diplomacia de movimento.

● Como reage o Kremlin?

O Kremlin tem tido na Ásia um papel que não é de subestimar, no refluxo dos franceses, holandeses, e, agora, dos americanos. Mas, no momento em que o processo parece aproximar-se do seu fim, as condições são diferentes das que existiam quando a U. R. S. S. encorajava a luta dos nacionalistas locais. Moscovo não é já a unica Meca do comunismo nem o Kremlin, o unico herdeiro do mundo descolonizado: o cisma de Mao Tsé Tung fez aparecer um imenso rival. Dominados por uma verdadeira obcecação chinesa, os soviéticos fazem apelo a um vasto reagrupamento contra as «ambições de Pequim» junto desses povos que se inquietam, ou podem vir a inquietar-se com o **vácuo**, que, segundo eles, a partida dos americanos vai criar. No Extremo Oriente, apresentam-se como o unico abrigo face ao «perigo chinês»; no Ocidente, como os ultimos brancos da Ásia, expressão aproximativa no plano histórico visto que a India constitui u... dos troncos comuns d) mundo branco mas expressão que diz bem o que quer dizer.

Prevendo a evolução que se seguirá ao fim das hostilidades no Vietnam, a U. R. S. S. enviou, nos ultimos meses de 1968, um emissário á Formosa, pátria dos inimigos jurados da China comunista, e, depois, personalidades oficiais em missão a várias capitais asiáticas; por exemplo, Kossyguine, a Nova Deli, em Maio. Em seguida houve a convocação a Moscovo dos representantes diplomáticos nos países seguintes: Vietnam do Norte, Coreia do Norte, Japão, Laos, Cambodja, Tailândia, Malásia, Singapura, Indonésia, Austrália, China, Estados-Unidos. Finalmente, a 7 de Junho, Brejnev pronunciou-se perante a conferência dos partidos comunistas pela «criação de um sistema de segurança colectiva na Ásia».

por RENÉ DABERNAT

Depois de ter procurado isolar a China no seio do campo comunista, a U. R. S. S. está agora a esforçar-se por a isolar igualmente frente ao universo não comunista. Quando, por sua vez, a politica de Nixon, por incompleta ou aleatória que seja, pode oferecer aos chineses uma oportunidade de sairem do seu **ghetto**, se quiserem aproveitá-la.

● As preocupações soviéticas

Não devemos subestimar as preocupações soviéticas. Não voltaremos aqui a falar daquilo, que, há tantos séculos, opõe, através das sucessivas rivalidades sino-soviéticas, dois povos, duas raças, dois impérios. O comunismo devia suprimir as «contradições nacionais» entre países irmãos: mas o comunismo não só se revelou incapaz de apagar o passado, como ainda veio acrescentar numerosos diferendos. Talvez, em compensação, devamos levar em conta uma razão particular que dá á U. R. S. S. já subpovoada, na Sibéria, um sentimento de inquietação, frente a uma China regorjitante: o rápido desenvolvimento da Manchuria.

Durante muito tempo, sustentou-se que a China imperial não se estendera mais para Norte porque ao seu povo faltavam, fundamental e definitivamente, as qualidades necessárias para a valorização das terras do tipo das que se situam entre o Senisei e o Pacifico. Era um «cliché» tão falso como a afirmação segundo a qual os chineses permaneceriam indefinidamente um povo de comerciantes, camponeses e letrados, incapaz de se transformar em país industrial e de dominar as técnicas modernas. A expansão da Manchuria, que abrangeu as regiões geladas, demonstra, com efeito, que a Ásia Soviética apenas beneficiou de um avanço provisório e que se havia avaliado mal da faculdade de adaptação dos chineses. Ora as regiões do ...ongar, afluente do ... não são sensivelmente diferentes das terras baixas da Sibéria oriental. Mas os chineses dificilmente poderiam valorizar estas primeiro, antes da era das vias férreas, como observa Pierre Gourov (in **L'Asie**, da Hachette), «como a rede de caminhos de ferro da Sibéria oriental foi construída, não pelos chineses, mas pelos russos», escreve ele, «é aos russos que compete imprimir a sua marca na região». Se é verdade que a Manchuria tem a esperar 100 ou 110 milhões de habitantes lá para 1980, o seu peso demográfico e económico contrastará com o fraco povoamento e a insuficiente expansão da Ásia Soviética, a menos que a U. R. S. S. se concentre mais nesta parte do seu território.

Sem duvida: a União Soviética tem vindo a multiplicar os seus esforços neste sentido. No orçamento de 1969, um terço dos investimentos estende-se a regiões situadas para lá dos Urais. O Kremlin, por outro lado, propôs ao Japão planos de cooperação na Sibéria, tão grandiosos que os banqueiros e os industriais japoneses, habituados, embora, a iniciativas desta envergadura não deixaram de mostrar a sua estupefacção. Contudo, embora uma tal politica reforce Tóquio (já muito solicitada noutras zonas), assenta no postulado de que a U. R. S. S. é e deve continuar a ser a maior potência comunista da Ásia, a unica que conta. Pelo contrário, a viagem de Nixon e a retirada iniciada no Vietnam podem levar os E. U. A. a admitir que existem duas grandes potências comunistas, em vez de uma. A visita presidencial á Roménia não significará, na verdade, que a América está a deixar de considerar a U. R. S. S. como o unico interlocutor possivel, mesmo na Europa comunista? Esta evolução não obsta a acordos especificos entre Moscovo e Washington. Permite, no entanto, pensar tendo em conta a aproximação com o Japão, Alemanha e Mercado Comum, que essa politica orienta o sistema internacional para o fim do «mundo a dois» e que anuncia um sistema multipolar, no qual, em especial, a Europa, caso se una, poderia encontrar o seu papel.

Exclusivo «Le Monde»-«Diário de Lisboa»

Um dos atractivos mais insólitos do «Zoo» de Southport, no Lancashire, é este par de bons amigos, constituído pelo poney Prince e a tartaruga gigante Speedy Gonzalez. Complexado quando as suas qualidades de corredor eram confrontadas com as dos outros cavalos maiores que ele (Prince tem apenas 36 polegadas de altura) o poney parece agora muito mais seguro de si, desde que confraterniza e corre com Speedy...

As razões do exílio de Anatoli Kuznetsov

— segundo o «Daily Telegraph»

LONDRES, 31 — (F. P.) — Anatoli Kuznetsov tinha decidido deixar a União Soviética há um ano, no momento da invasão da Checoslováquia, afirma hoje o «Daily Telegraph», no qual o escritor soviético se apretara na segunda-feira á tarde, depois de fugir ao seu guia-intérprete nas ruas de Londres.

Segundo o jornal, Kuznetsov explicou que a entrada de tropas soviéticas na Checoslováquia impressionou profundamente toda a inteligência, que na maior parte passou para a oposição.

Kuznetsov, segundo indica o «Daily Telegraph», declarou que nada podia persuadi-lo a regressar á União Soviética onde pensava ser impossível continuar a sua obra de escritor. Afirmou ter obtido autorização para se deslocar ao estrangeiro comprometendo-se a escrever um livro sobre Lenine.

Ainda segundo o «Daily Telegraph», George Andjaparidze, o intérprete que acompanhava Kuznetsov, teria tentado obter, através de um dos repórteres do jornal, a morada onde o escritor se esconde para lhe transmitir uma mensagem. O jornalista do «Daily Telegraph» contentou-se em aconselhar o seu interlocutor a dirigir-se ao Ministério do Interior britânico.

DESAPARECIMENTO DA MULHER DE KUZNETSOV?

LONDRES, 31 — (F. P.) — O director da sociedade editora «Macgibbon e Kee», Reginald Davis-Poynter, revelou, «de fonte muito segura», no «Times» desta manhã, que a mulher de Anatoli Kuznetsov teria desaparecido há cinco semanas.

Kuznetsov devia escrever uma série de artigos para as edições «Macgibbon e Kee», durante a sua permanência na Grã-Bretanha.

SALVADOR COMEÇOU A RETIRAR

WASHINGTON, 31 — (F. P.) — O Governo de Salvador começou a retirar as tropas dos territórios hondurenhos ocupados desde o passado dia 14, anunciou Galo Plaza, secretário-geral da Organização dos Estados Americanos. Esta declaração foi feita durante a sessão de encerramento da 13.ª reunião consultiva dos ministros dos Negócios Estrangeiros da O.E.A.

Galo Plaza precisou que a retirada das tropas salvadorianas lhe tinha sido confirmada por dois telegramas enviados respectivamente á sede da O.E.A. em Washington por Fidel Sanchez Hernandez, presidente da Republica de Salvador, e pelo general Guzman, chefe do Estado-Maior do Exército salvadoriano.

A retirada continua

SAIGÃO, 31 — (R.) — Mais 2850 soldados americanos abandonam amanhã o Vietnam, elevando o total evacuado desde 8 de Julho a 10 300, segundo anunciou hoje o comando militar dos Estados Unidos.

O Q.-G. regimental e o 2.º batalhão da 9.ª divisão de fuzileiros navais — 2200 homens ao todo — partirão de barco de dois portos no Norte do país, a fim de serem desdobrados em Okinawa. Os outros 650 homens, que partem amanhã, pertencem ás unidades de reserva do 8.º Exército, que deixarão de existir com a chegada de avião dos soldados aos Estados Unidos.

Ontem, 750 soldados da 9.ª divisão de Infantaria partiram da base de Bien Hoa, a 32 quilómetros ao norte de Saigão.

Registara-se especulação de que o presidente Nixon — que anunciara no mês passado que 25 000 soldados americanos seriam retirados do Vietnam até ao fim de Agosto — apareceria para se despedir deles. Contudo, em vez disso, o presidente passou uma hora da sua visita-relâmpago a conversar com soldados que se preparavam para uma missão de combate na base de Di An da 1.ª divisão do Exército americano, a 20 quilómetros de Saigão.

FORAM ÀS URNAS 70 POR CENTO DOS ELEITORES DE GIBRALTAR

GIBRALTAR, 31 — (R.) — Funcionários contaram hoje 10 318 votos lançados nas urnas durante a eleição de ontem para o primeiro Parlamento de Gibraltar.

Espera-se que os resultados sejam conhecidos ainda hoje.

Após um inicio lento da votação, começou a registar-se afluência ás urnas e os mesmos funcionários revelaram que 70 por cento do eleitorado — 14 445 eleitores inscritos — votaram.

Observadores julgam que o resultado mais provável da votação é um Governo chefiado por «sir» Joshua Hassan, de 54 anos, o actual ministro principal.

Quem quer que seja eleito não há qualquer probabilidade de Gibraltar abrandar a sua oposição ás reivindicações espanholas quanto ao domínio da colónia. Num referendo que se realizou há dois anos, 12 000 habitantes do rochedo votaram a favor de domínio britanico e 44 por cento pela Espanha.

Conta Infantil
BANCO DO ALENTEJO

ECOS

A indústria francesa atravessa uma fase de mutações de grande importância. Depois de a Rhône Poulenc se colocar à cabeça da indústria química francesa, a um nível internacional, e de a C. G. E. Thomson-Brandt, **leader** da construção eléctrica superar também todas as previsões favoráveis, eis que um novo grupo resultante da fusão da Pont-à-Mousson e da Saint Gobain surge na pista dos gigantes, revolucionando as técnicas da construção industrial de edifícios de habitação. Saliente-se que o ar condicionado aparece já como condição indispensável de vida mesmo no que respeita às residências da chamada classe média inferior. O mundo do Euromercado obtém, senão condições ideais de justiça, pelo menos condições agradáveis de existência para a maioria.

★

JERZY Kosinski, escritor polaco sem sombra de complacência, surge, através da tradução francesa de um dos seus romances, «L'Oiseu Barilé», **como o pai tranquilo da atrocidade, no dizer de Robert Kanters.** O pesadelo atroz da Polónia ocupada pelos nazis revive na pena deste romancista prodigioso.

★

BIAZ BENDAOUD, marroquino, escreve à «Jeune Afrique» uma carta hábil, com o título «Um Luxo Perigoso», da qual extraímos: «Se uma despolitização pudesse levar os nossos estudantes não a revoltarem-se contra a ordem estabelecida mas a tomarem consciência das realidades africanas, fazerem o inventário das suas possibilidades e meios para sair do subdesenvolvimento, então seria de gritarmos bem alto: «Viva a despolitização!»

★

DEGAS, o grande pintor impressionista cujos quadros, desenhos, pastéis e esculturas (295 obras-primas) estão em exposição na Orangerie, disse, na fase áurea da sua produção estética: «A arte é o vício; ninguém a desposa definitivamente: violamo-la».

★

EM França está-se fazendo um concurso público de tipo original, após meio ano de negociações entre o Ministério do Equipamento e os grandes potentados das obras públicas. Trata-se de dotar a França com uma rede de auto-estradas de primeira qualidade, sendo tal tarefa entregue ao vencedor dos concorrentes, que são sobretudo banqueiros (Paribas, B. N. P., Société Générale, C. I. C., C. C. F., Dreyfus, Les Banques Populaires) e empresas privadas de construção (Grands Travaux de Marseille, Routière Colas, Foujerolle, Limousin, S. C. R. E. G., Schneider, etc.). Deste modo, a auto-estrada passa da iniciativa estadual para a mão dos industriais e dos banqueiros. O neocapitalismo francês quer dar provas da sua vitalidade e dinamismo. Entre nós haverá chefes de empresa capazes de seguirem este exemplo? O turismo nacional ganharia com isso e os industriais ou banqueiros que a tal se arriscassem também poderiam ganhar. A questão é encontrar a fórmula que convenha ao momento económico do nosso País.

NUMA NOITE (QUASE TRISTE) DE ILUSÕES

SETÚBAL escolheu as suas represe... para a Final do Concurso da «Rainha d...

São 26 mãos que não sabem o que fazer... Sem pouso nem repouso. São 130 dedos que, tremendo, ora se esticam, ora se comprimem, ora tocam as pernas inseguras, ora pendem, quase mortos, ao longo de uns quadris escorridos.

Ora... ora... ora nada, ora bolas! Foi ontem á noite, até ao princípio da madrugada de hoje, em Setubal, para o apuramento das três representantes da cidade e do concelho para a final do título (ou título, na versão de uma concorrente) de Rainha do Sado. E foi com 13 donzelas desajeitadas, e na sua maioria, as pobres, tão feiinhas — com 13 donzelas, elas, elas...

Setubal: «terra das boas laranjas e das lindas raparigas», asseverava o habitual, local e esforçado locutor, que várias vezes locutou dizendo ser aquela uma iniciativa que contribuia para o bom nome da cidade, e lançando apelos veementes para que no futuro as jovens sadinas acorram em maior numero e (entendia-se) melhor qualidade.

Pois, voltando áquela conversa das laranjas e das raparigas, das laranjas, de Setubal, já provei, já comi, e posso confirmar que sim, há-as boas. Quanto a raparigas, entre aí umas oito centenas de espectadores, topava-se, uma meia duzia á altura das laranjas. O que não se pode escrever, em geral sobre as 13 concorrentes (uma 14.ª não compareceu), por mais caridoso ou benévolo, que um repórter se pretenda.

A eliminatória de ontem para escolher as representantes de Setubal á final do concurso da Rainha do Sado efectuou-se no ginásio do Clube Naval daquela cidade, no decorrer de um espectáculo de variedades em que colaboraram alguns dos chamados «artistas» da nossa musica (muito) ligeira. Acentue-se que aquele certame é a primeira vez que se estende a todo o distrito: cada concelho escolhe três representantes, e no próximo sábado, e na quarta-feira seguinte, realizar-se-ão as primeiras finais de selecção com as concorrentes dos diversos concelhos. Depois, a 30 de Agosto, será a finalíssima.

«Traço de união entre os concelhos» — assim definiu conciso, um elemento da organização da Comissão de Festas de Setubal falando para o nosso jornal sobre o alargamento da iniciativa.

«É pena — acrescentou — que as raparigas da cidade não tenham correspondido. Muitas têm vergonha e medo do publico — por isso não vêm».

● E assim se desfilou

Mas as raparigas que vieram, afiançamos nós, foi com vontade. Uma delas, por exemplo, ali de Setubal, onde era costureira, mas que agora está em Lisboa «a ser-vir», não quis deixar de estar presente. E provocou alarido quando, desciam as concorrentes da sua primeira passagem no palco ante o juri e o publico, o conjunto «Napolitano» a atacar uma que eles lá sabem, ela, a Dionísia, 14 anos, levantou os braços e atirou beijos para as bancadas:

— *Se tenho esperanças? Tinha* — declara-nos —, *mas já me desmoreceram, parece que não devia ter atirado aqueles beijos para o publico...*

As concorrentes, nervosas, sentavam-se em cadeiras, nervosas também. Chamavam-nas pelos numeros e lá subiam os degraus penosos para desfilar, como sabiam, mostrando, sob os vestidos humildes (arranjados, em tantos casos, com que sacrifício!), o projecto de busto, a perninha escalavrada, a nádega rotunda, o sorriso modesto.

De um modo geral, todas passaram timidamente, com cumprimento especial para o juri constituido pelos srs. dr. Amadeu da Costa, advogado, e Carlos Monteiro, professor do ensino técnico, e pelas sr.as D. Maria Augusta Fialho, pela Comissão de Turismo da Arrábida, D. Ernestina Gonçalves, cabeleireira, e D. Lídia Pereira, modista. Uma rapariguinha de branco, com uma gola alta, não conseguia, dentro dela, mexer o pescoço, parecendo irrecuperávelmente empena-

da. Out... nia de ... trás e a... te, num... to. Um... resoluta... cerrados... Bem; e... trinho... de proc... Passos... gumas... nhas! — ... comove... seriedad... quase c...

● Cla... dios... pec...

Das... critas u... dada c... por o... apenas... já para... Enquan... sabendo... riam en... nanda... anos. c...

— Dis... vam un... recebi... cheguei... balho, e... soube. ... ranjar, ... bém go... palco. S... nitas q... que ma...

E lá ... Votação ... públic... levantou... Benedit... com 24 ... bete Ri... 22; e M... deiro Vi... mas, dit... sector, ... te, algu... um olha... bstituiu ... panto. ...

(Na... nas co... lho ho... lo, ch... face ... do pa... muita... -lhe q... coisa ... sei le... que ... despr... passa... dizen...

— ... dou ... Cha... sé G... Apan... medic... mada...

— C... as pe... Ser... esper...

— ... Já nó...

— ... fotog...

— ... desde... mexa...

● As... ven...

A 1.ª... pática, ...

— Pe... ram po...

CICO... BARRE...

XIV ANIVERSÁRIO DE FARMOQUÍMICA BALDACCI

Foi comemorada há dias a passagem de mais um ano de actividade da Farmoquímica Baldacci, produtora de Especialidades Farmacêuticas.

Para assinalar o acontecimento, e num gesto altamente significativo das boas relações existentes entre Administradores e Colaboradores, todos se reuniram num Restaurante do Ribatejo, onde foi servido um almoço, a que presidiu o Director da Sociedade, dr. Manuel Rodrigues Loureiro

Presentes Médicos e Proprietários das Farmácias locais, a quem foi expressa a mais viva satisfação pela sua comparência, significando-lhes, para além disso, a homenagem muito sentida que através deles se pretendia alargar ás classes que representam. Foi, também, realçada a evolução que se vem acentuando promissoramente, sublinhando-se que para isso muito tem concorrido, a par do bom labor científico dos Técnicos, a excelente actividade dos Colaboradores e, ainda, a dedicação dos seus Depositários Ultramarinos, representados pelos seus mais directos responsáveis. Depois de terem sido anunciadas algumas melhorias bastante significativas, foram distinguidos Colaboradores em função de bom e efectivo serviço que vêm desempenhando na Empresa. Com 10 anos de serviço, os srs. José Anselmo Côdea e Arminda da Conceição; com 15 anos, a dr.ª Maria da Luz P. Fernandes e os srs. Jaime Alves dos Santos e António Maria Aguiar; com 20 anos de actividade, os srs. Virgílio Augusto Pereira Nunes, Eufrásio da Silva Moreira, Armanda Ramadas Silva e Carlos Alberto Santos Cabral.

Em nome de todo o pessoal foi oferecida á Direcção da Empresa uma valiosa placa de prata. Também em idêntica homenagem, se assinala a oferta de uma outra placa, esta da Firma Medilusa, concessionária do Instituto De Angeli, de Milão, cujo fabrico de medicamentos foi entregue a esta Empresa.

Secção Permanente da Câmara Corporativa

Na Câmara Corporativa, prosseguiram hoje os trabalhos de apreciação dos projectos de decreto-lei sobre concessões para prospecção, avaliação e aproveitamento de recursos minerais nas plataformas continentais e sobre instalações arqueológico-militares de interesse público.

Para o efeito, reuniu-se sob a presidência do dr. Luís Supico Pinto a secção Permanente da Câmara Corporativa, com procuradores agregados.

São relatores dos pareceres, respectivamente, os procuradores Armando Manuel de Almeida Marques Guedes e Fernando de Sandy Lopes Pessoa Jorge.

O grupo de concorrentes pouco antes do desfile

«DIÁRIO DE LISBOA»

Veio á nossa redacção, apresentar cumprimentos, o sr. Robert Berry, que é o novo adido de Imprensa da missão da Rodésia em Lisboa. Agradecemos a amabilidade.

NOIVOS
As alianças e prendas da OURIVESARIA DA MODA dão felicidade
RUA DA PRATA, 257

Pasta Medicinal Couto Evita e trata doenças da boca PORQUE É MEDICINAL

SÕES

esentantes a do Sado»

da. Outra arranjou uma vénia de pôr os braços para trás e a cabeça para a frente, num jeito raras vezes visto. Uma terceira avançava resoluta, e de punhos quase cerrados. Outra ainda... Bem: era um misto de teatrinho de bairro falhado e de procissão da Senhora dos Passos lograda. Mas, em algumas pequenas — tão feiinhas! — chegava quase a ser comovente a sua (burlesca) seriedade: Palavra a sério: quase comovente.

As três primeiras classificadas conversam com o nosso redactor

● Classificação, episódios e um atento espectador

Das 14 concorrentes inscritas uma faltou e outra, já dada como faltosa, acabou por chegar, participando apenas no segundo desfile, já para a votação do juri. Enquanto roía as unhas, não sabendo ainda se a deixariam entrar, a atrasada, Fernanda Faleiro dos Reis, 15 anos, costureira, contou-nos:

— *Disseram que mandavam uma carta, afinal não recebi nada. Quando hoje cheguei a casa vinda do trabalho, eram dez horas, é que soube. Ainda tive de me arranjar, cheguei tarde. E também gostava de passar no palco. Se calhar há mais bonitas que eu: mas o juri é que manda...*

E lá passou, última das 13. Votação e um resultado que o público achou certo e não levantou polémica: Noémia Benedita Tirano Baptista, 1.ª, com 24 pontos; Maria Elizabete Ribeiro Brás, 2.ª, com 22; e Maria Conceição Cordeiro Viegas, 3.ª, com 21. Palmas, ditos da *matula* de um sector, três passos em frente, algumas das outras com um olhar onde a tristeza substituiu um certo ar de espanto. E etc.

(Na parte da frente, nas cadeiras, está um velho homem de bigode ralo, chapéu nos joelhos, face vermelhusca, olhando para aquilo tudo com muita atenção. Pedimos-lhe que nos diga alguma coisa e responde: «não sei ler». Volvemos-lhe que não é preciso. Não desprega olho do que se passa em cima, e lá vai dizendo:

— Vim por vir. Não dou muito apreço...

Chama-se Joaquim José Gomes («profissão? Apanhar ervas para as medicinas») e é de Almada.

— Que tal lhe parecem as pequenas?

Sempre sem se voltar, esperto, responde:

— A minha vista é má. Já não abarco tudo.

— Pode-se tirar uma fotografia?

— Tire o que quiser, desde que eu não me mexa daqui...)

● As declarações das vencedoras

A 1.ª, Noémia, tímida, simpática, rosto bem desenhado:

— *Pessoas amigas insistiram para que me inscrevesse, até que acabei por o fazer. Fui a última: sou envergonhada. A primeira vez custou-me muito a ir ao palco. A segunda já foi melhor. Talvez isto me ajude a subir um pouco na vida. Na final? Não sei o que será.*

A 2.ª, Elisabete, 17 anos, trabalhando em serviços domésticos:

— *O ano passado já concorri e fiquei em quarta na primeira eliminatória. Achei graça e voltei a concorrer. Estou contente com o 2.º lugar e até tinha esperança do 1.º. Assim uma pessoa sempre se torna um bocadinho mais conhecida.*

A 3.ª, Maria da Conceição, 18 anos, á procura de emprego, com a 4.ª classe e um curso de dactilografia, ex-vendedora de produtos de beleza, e de outros:

— *Há três anos que concorro e é o primeiro que consigo ir á final. Estou muito satisfeita. Gostava de ser artista. De quê? Sei lá: tenho jeito para tudo. Até já entrei numa ópera (mas não escreva isto, não ponha aí). Mas não vale a pena dizer-lhe mais nada. Não gosto de publicidade. E se fosse a dizer tudo era uma página inteira...*

● Lucrécia, rainha de 68

As faixas das vencedoras foram colocadas pela Rainha do Sado de 1968: Lucrécia Brás, 18 anos, telefonista numa empresa, estudante (á noite) do Curso Comercial, e que deseja ser secretária. Lucrécia, essa sim, muito bonita, *gira*, atraente (aqui fica a proposta: seres tu, contra o regulamento do concurso, reeleita...) declarou-nos:

— *Acho que dentro das possibilidades de escolha, esta foi certa. Eu não era capaz de voltar a concorrer — mas era bom que isto se alargasse e engrandecesse, aparecendo mais raparigas, até para prestígio das que já ganharam. Se ser eleita dá aqui uma certa fama? Sim, um bocado: mas não é por muito tempo. Depois tudo passa. Mas eu gostaria também de passar... subindo.*

E enquanto Lucrécia nos falava, e as 13 donzelas, elas, se preparavam para recolher a casa e despir as ilusões, cantava, para fim de festa, uma fulana chamada Sissi, a qual parece que ganhou um festival da canção não sei onde — e foi muito bem feito...

A necessidade de promover o escoamento das batatas da presente colheita salientada na reunião da Corporação da Lavoura

O recente despacho do secretário de Estado do Comércio que condiciona o regime cerealífero a vigorar na presente campanha foi um dos temas focados na reunião da direcção da Corporação da Lavoura a que, mais uma vez, presidiu o sr. D. Manuel de Almeida e Vasconcellos.

Sobre aquela diploma foi decidido «agradecer o que nele traduz compreensão das graves dificuldades com que se debate o sector, em consequência de erros passados ainda não compensados, agora acrescidos por adversidades climáticas excepcionais, tão duramente sentidas.»

Os responsáveis pela Corporação entendem, porém, que as concessões dadas deveriam ter maior amplitude.

Na reunião, o presidente da Corporação referiu-se mais uma vez á situação penosíssima em que se encontra a olivicultura nacional e ás diligências ultimamente feitas para obter a sua correcção.

Por outro lado, foram anunciadas as posições tomadas perante a Junta Nacional das Frutas, respeitantes á produção nacional de batata e á necessidade de se promover o escoamento da colheita presente, dentro das limitações impostas nas portarias n.os 23724 e 23970, já de 22 de Novembro de 1968, e 12 de Março do corrente ano.

Os componentes do júri assistem ao desfile

CHOCOLATES TAGIDES
BARREIRO · LISBOA · QUELUZ

Operações de Bolsa
BANCO DO ALENTEJO

NOVO CASINO ESTORIL
SALA DE JOGOS
TODOS OS DIAS
DAS 15 ÀS 3 HORAS
"SLOT MACHINES"
ACESSO LIVRE
MAIORES DE 21 ANOS

LIMA KIM
vedeta Sul-Coreana da canção

THE CHARLIVELS
FAMOSOS COMEDIANTES DA ACROBACIA

LIDIA RIBEIRO

BLUEBELL GIRLS' SHOW

SHEGUNDO GALARZA e seu conjunto
JIRINA'S COMBO
FERRER TRINDADE e sua orquestra

no grande salão restaurante às 23.30h m/17 anos — no wonder bar à 1.00h m/21 anos

STORMY SUMMERS
SÓ NO WONDER BAR

No CINEMA, às 17 e 21 e 30 h.
PEQUENO ALMOÇO
EM CAMA DE CASAL
(M. 17 anos)

Ourivesaria da GUIA
UM NOME NA OURIVESARIA PORTUGUESA
RUA D. DUARTE, 4-B
(Edifício do Hotel Mundial)

DE COIMBRA

Um professor de Medicina no corpo docente de um curso na capital do México

Subsidiado pelo Instituto de Alta Cultura, partiu, em missão oficial, para Bordeus, de onde seguirá de avião para a Cidade do México, o sr. prof. dr. Carlos Miguéis, da Faculdade de Medicina e director da Clínica de Otorrinolaringologia dos Hospitais da Universidade.

Aquele professor fará parte do corpo docente do Curso de Rinocirurgia Otológica, que decorrerá na capital do México, de 6 a 9 do próximo mês, sob a égide da Fundação prof. Portmann, com sede naquela cidade francesa.

O sr. prof. dr. Carlos Miguéis foi convidado pelo secretário-geral do IX Congresso Internacional de O. R. L.

Juramento de bandeira

No Centro de Instrução de Condução Auto N.º 4 decorreu hoje a cerimónia do juramento de bandeira pelos soldados recrutas do 2.º subturno do 2.º turno da escola de recrutas deste ano.

Na «Parada da Rainha Santa» houve concentração de forças, sob o comando do sr. capitão Coelho de Moura. Logo após a chegada das entidades oficiais e dos convidados, incluindo o comandante militar da guarnição, sr. coronel Ildo Baptista, procedeu-se à recepção ao estandarte regimental com as honras devidas. Depois, o sr. capitão Augusto Soares procedeu à leitura dos deveres militares e o sr. alferes miliciano Gonçalves Maia dirigiu uma prédica aos novos soldados.

Durante a cerimonia do juramento, o segundo-comandante da unidade, sr. major Machado de Figueiredo leu a fórmula, que foi repetida por todos os recrutas e, por fim, a retirada do estandarte teve o mesmo cerimonial da recepção. Foram entregues diplomas aos soldados que mais se distinguiram na instrução e medalhas aos vencedores das provas atléticas.

A cerimónia terminou com o desfile, em continência, das tropas em parada.

Rendimento de um cortejo de oferendas

A comissão promotora do Cortejo de Oferendas realizado em São Martinho do Bispo tornam público que o apuramento total foi de esc. 122 244$40.

Embora se trate de uma verba importante, não condiz, na realidade, com o valor dos lugares da freguesia, e está bem longe de satisfazer o objectivo do cortejo a construção de uma residência paroquial.

Arranjo de uma estrada

A Câmara Municipal adjudicou, pela importância de 196 874$00, a obra de reparação da estrada municipal 537, entre a estação velha e a Carreira de Tiro, mais conhecida pela Estrada de Eiras.

Todos devem colaborar para a limpeza da cidade

— segundo afirmou o presidente na reunião da Câmara de Coimbra

COIMBRA, 31 — Na reunião da Camara Municipal, com a presença do vice-presidente, de todos os vereadores e técnicos, o presidente, sr. eng. Araujo Vieira, deu conta de uma carta que lhe foi enviada pela Camara Municipal do Porto, sugerindo uma campanha na TV, além de esforços locais, para que tanto as cidades, como vilas e aldeias, por todo o País, se apresentem limpas e higiénicas.

Sobre essa carta fez o presidente algumas considerações, afirmando que aos Serviços de Higiene não é possível manter a limpeza dos locais publicos sem a colaboração das pessoas que os utilizam. Acrescentou que a maior parte do lixo espalhado pelas ruas — papéis, restos de fruta, detritos de toda a espécie — são normalmente abandonados por pessoas despreocupadas. Se elas pensarem em quanto se torna difícil a limpeza dos arruamentos das nossas cidades, vilas e aldeias, naturalmetne que pensariam duas vezes antes de deitarem para a rua os papéis e detritos, que podiam ser colocados em locais apropriados.

Além disso, esclarecer o publico da dificuldade em recrutar pessoal para este serviço é uma campanha em que todos se devem empenhar.

O crescimento da cidade

Referindo-se ao caso especial de Coimbra, o orador disse que a cidade atravessou ultimamente um período de crescimento brusco das suas infra-estruturas resultantes do aumento das necessidades da vida dos munícipes. Assim são precisos mais água, electricidade, telefónes e saneamento onde o não havia ou era insuficiente. Para isso necessário se torna abrir mais valas, não se olhando se seria possível tapá-las. Mas havia a necessidade de colocação de mais cabos de energia eléctrica e impunha-se a ampliação das redes dos telefones, da água, do saneamento.

Toda essa ampliação — acrescentou — foi feita a contento do público, mas, por falta de pessoal, encontram-se ainda para refazer os pavimentos dos passeios e calçadas por reconstruir e incompletas.

Só depois de tudo isto pronto e abrindo-se valas apenas quando houver a garantia de logo se arranjarem, salvo em casos de força maior, embora se deva operar da mesma forma ou quanto á reposição do que se desfez, após isso, pode-se pedir a colaboração do público, de forma a que a campanha de limpeza resulte, entendendo que se devia dar adesão á iniciativa da Câmara do Porto.

Sobre o assunto pronunciaram-se alguns vereadores, e o sr. eng.º Azevedo Sobral pôs a sugestão para que se colocassem recipientes de lixo em certos locais e se colocassem nas paredes outros para papéis, etc.

A zona de protecção ao Observatório e a linha férrea da Lousã

O presidente informou, ainda, que fora enviado ao sr. ministro das Obras Públicas um ofício solicitando uma rectificação da zona de protecção do Observatório Astronómico, em Santa Clara.

O vereador sr. eng.º Azevedo Sobral voltou a ocupar-se da linha do caminho-de-ferro da Lousã, salientando que no I Colóquio Regional de Turismo e Termalismo de Lafões, que decorreu em São Pedro do Sul, foi apreciada a importância para o desenvolvimento da região da via férrea que a serve, concluindo-se que aquele meio de transporte não satisfaz, e que houve a coragem de, nas conclusões de trabalhos, se propor o seu encerramento e a concessão de carreiras de camionagem de qualidade e velocidade convenientes para a substituição da linha do Vale do Vouga.

Referindo-se ao que se passa com a linha da Lousã, a qual se encontra nas mesmas condições, disse que aqui nos temos limitado a solicitar a construção da estação de S. José e a eliminação da passagem de composições na cidade durante o dia e que a chamada estação nova seja afastada para o lado da estação velha. Disse que não era pedir muito, nem que o pedido pudesse apresentar qualquer objecção que não seja de carácter económico; e que a linha da Lousã não é de tanta valia que o mesmo não se possa aplicar-lhe, isto é eliminá-la.

Exames no Conservatório de Música

Perante o juri constituido por professores do Conservatório Nacional, começaram no Conservatório Regional de Música os exames dos diversos cursos deste estabelecimento do ensino artístico.

UM MORTO E SEIS FERIDOS NUM ACIDENTE DE VIAÇÃO

UNHAIS DA SERRA, 31 — Cerca da meia-noite, no sítio do Orundinho, limite de Contes, um automóvel, conduzido pelo sr. Francisco dos Santos Gouveia, natural do Paul (Beira Baixa), que vinha de França, embateu numa árvore.

Teve morte instantânea a sr.ª D. Maria de Jesus dos Santos Vicente, de 46 anos, também natural de Paul, casada com Alfredo Duarte Pereira Guerra.

No automóvel seguiam mais seis pessoas, que tiveram de ser conduzidas ao hospital da Covilhã.

Tomou conta da ocorrência a G.N.R. local.

Ciganos feridos

VISEU, 31 — Voltou-se uma carroça na qual seguiam os ciganos sr. Manuel Fernandes, de 38 anos, casado; as pequenas Maria de Lourdes, de 7; Ana Maria, de 2 e Ana Maria Ferreira, de 9 meses, todos de Repeses. Ficaram feridos e foram levados para o Hospital da Misericórdia.

Bolsa de Lisboa

AS COTAÇÕES DO DIA ANTERIOR

FUNDOS DO ESTADO	Efec	Compra	Venda
Consolidado 4 3/4%	—	—	525$
Consolidado 5%	540$	—	540$
Consolidado 5 1/2%	640$	—	640$
Centenários 4%	480$	—	—
Obrigs Tesouro 5%	1 000$	—	1.000$
Externo Série	—	750$	800$
Externo Série C	—	—	—
Externo 3 Série	—	—	800$
Externo 3.ª Série C	—	890$	920$
Cauteias 3 Série	—	175$	—
OBRIGAÇÕES			
Aguas Lisboa 5%	—	—	—
A. P. I. 5% 56	—	—	—
A. P. I. 5% 58	930$	925$	935$
C. P. 4 1/2% 65	930$	925$	930$
C. P. 5 1/2% 67	—	895$	900$
C. U. F. 6%	—	1.005$	—
C. U. F. 6% 68	1.004$	1.004$	—
Gás Elect 4% 48	—	—	998$
Gás Elect 4 1/2% 51	—	—	—
Gás Elect 5% 54	—	875$	—
Gás Elect 5% 58	—	—	—
Gás Elect 5% 59	915$	—	925$
Gás Elect 5% 62	915$	—	915$
Gás Elect 5% 63	—	—	—
Gás Elect 5% 65	—	926$	930$
Gás Elect 5% 67	—	—	—
H. E. Alentejo 5%	—	1.005$	—
H. E. Cávado 5%	—	825$	835$
H. E. Cávado 6%	825$	820$	825$
H. E. Douro 5%	1 000$	998$	—
H. E. Douro 6%	825$	820$	825$
H. E. Norte Port 5%	995$	992$	998$
H. E. Estrela 6%	—	830$	—
H. E. Zêzere 5% 55	990$	—	995$
H. E. Zêzere 5% 57	—	—	—
Lisnave 6%	—	—	—
Metropolitano 4%	1.002$	1.002$	1.004$
Metropolitano 5 3/4%	—	—	900$
Moçambique 5%	1 030$	1.025$	1.035$
Nac. Electr. 5%	—	—	—
Nitratos 5%	—	—	850$
Nitratos 5% 60	825$	820$	835$
Petroquímica 5%	—	—	—
Port. Celul. 5%	—	—	900$
Sacor 5% 54	—	950$	—
Sacor 5% 60	—	920$	—
Siderurgia 5% 2.ª	855$	850$	—
Siderurgia 5% 3.ª	—	—	830$
Siderurgia 5% 4.ª	—	—	—
Sonefe 5%	—	—	835$
T. A. P. 4%	845$	840$	—
Termoelect. Port. 5%	950$	—	—
U. E. P. 3 3/4%	825$	—	825$
U. E. P. 4%	—	—	—
U. E. P. 4 1/2%	—	—	—
U. E. P. 5%	—	—	—
U. E. P. 5% 60	—	—	86$
U. E. P. 5% 63	—	—	835$
	—	—	870$
AÇÕES			
Bancos			
Agricultura	1.370$	1.370$	1.373$
Alentejo	784$	782$	786$
Angola	2 600$	2.580$	2.600$
Burnay	—	—	—
Créd. Predial	3 420$	3.420$	3.450$
E. Santo	20.000$	19.000$	21.000$
E. Santo n.	—	—	—
Fonsecas S. p.	—	18.000$	20.000$
L. G. Açores p.	7 000$	7.000$	7.050$
L. G. Açores n.	—	—	—
P. Atlântico p.	—	—	6.500$
Portugal n.	—	—	3.000$
Portugal p.	3.600$	3.550$	—
Totta Aliança	6.400$	6.350$	6.450$
Ultramarino n.	2.530$	2.520$	2.530$
Ultramarino p.	2.750$	2.740$	2.760$
Seguros			
Alentejo	—	73$	76$
Douro	—	1.000$	1.500$
Mundial	520$	515$	525$
Sagres	—	1.500$	1.800$
Tranquilidade	—	45.000$	—
Ultramarino	—	15.000$	30.000$
Ultramarinos			
Açúcar de Angola	750$	750$	760$
Ag. Cassequel	—	700$	710$
Ag. Incomah	—	1.900$	3.000$
Ag. Neves	—	—	450$
Ag. S. Tomé e Príncipe	—	275$	310$
Boror	—	—	—
Buzi	—	73$	74$5
Cabinda	190$	190$	195$

Ultramarinos	Efec	Compra	Venda
Diamantes Angola	1.950$	—	1.955$
Ind. Revue	—	—	635$
Ilha do Príncipe	—	—	920$
Moçambique	—	118$	121$
Sonefe n.	—	356$	360$
Sonefe p.	367$	367$	368$
Zambézia	—	75$	—
Angolana	—	—	—
Diversos			
Cidla	—	7.350$	7.500$
Cim. Leiria	—	—	4.100$
Cim. Tejo	—	—	6.200$
Co. Navegação	1.350$	1.350$	—
C. U. F.	1.325$	1.320$	1.325$
Ina. Aliança	—	—	545$
Nac. Navegação	3.330$	3.300$	—
Petroquímica	—	—	—
Port. e Colónias	1.480$	1.470$	1.500$
Port. Celulose	—	4 150$	—
Port. Pesca	1.100$	—	—
Port. Tabacos	660$	660$	662$
Sacor	4.900$	4.900$	4.950$
Siderurgia Nac.	—	1.360$	—
Socc.	2.900$	2.900$	2 920$
Tabacos de Portugal	—	—	—
Tabaqueira	14.000$	13 800$	14.500$
J. Azoto	760$	755$	760$
Agua. Electr. e Gás			
Aguas Lisboa p.	—	400$	—
Aguas Lisboa 34	400$	400$	—
Aguas Lisboa 36	—	400$	—
Eléct. Beiras	1.600$	1.590$	1.610$
Gás Electr.	415$5	415$	416$
H. E. Alto Alentejo	157$	157$	157$5
H. E. Cávado	1.295$	1.295$	1.300$
H. E. Douro	1.256$	1.253$	1.257$
H. E. Norte Portugal	—	—	305$
H. E. S. Estrela	—	—	—
H. E. Zêzere	1.330$	1.329$	1.345$
Nac. Electricidade	1.350$	1.345$	1.355$
Termoeléctr. Port.	1.345$	1.340$	1.350$
U. E. P.	196$	195$	197$
FUNDOS DE INVESTIMENTO			
F. I. Atlântico	—	177$5	182$8
F. I. D. E. S.	—	118$5	122$1

ÍNDICE BORGES & IRMÃO

COTAÇÃO DAS ACÇÕES (Base: Dez. 65 100)

	23/7/69	29/7/69	30/7/69
GERAL	130,4	136,5	137,1
METROPOL.	126,5	132,5	132,8
ULTRAM.	159,3	166,1	168,7

PAÍSES	Compras	Vendas
Africa do Sul:		
— Rands de 1 e 2	34$00	36$50
— Rands de 5 a 20	35$00	37$50
América		
— Dollars de 1 e 2	28$15	28$55
— Dollars de 5 a 1000	28$35	28$75
Canadá — Dollar	26$10	26$60
Alemanha — Marco	7$05	7$30
Áustria — Schilling	1$08	1$15
Brasil — Cruzeiro Novo	5$50	7$50
Espanha — Peseta	$402	$417
Holanda — Florim	7$75	8$00
Inglaterra — Libra	67$20	69$20
Itália — Lira	$04,45	$04,65
Marrocos — Dirham	4$75	5$25
Bélgica — Franco	$52	$55
França — Franco	5$30	5$70
Suíça — Franco	6$55	6$75
Dinamarca — Coroa	3$70	4$00
Noruega — Coroa	3$90	4$20
Suécia — Coroa	5$40	5$70
Ouro:		
Inglaterra — Libra Isabel	315$00	330$00
Inglaterra — 1/2 Libra	255$00	275$00
Ouro fino — Barra	38$00	39$50

J. BURNAY, L.DA
RUA DO OURO, 72
Notas estrangeiras
Papéis de crédito
Tel. 321273

Espectáculos para hoje

CINEMAS

AVENIDA - Às 21 e 30: «Os protagonistas» (17 anos).

ESPLANADA DOS BOMBEIROS VOLUNTARIOS — Às 21 e 45: «O regresso dos sete magníficos» (17 anos).

Farmácias de serviço

DONATO — Rua Ferreira Borges (Tel. 22603).

CRUZ VIEGAS — Rua do Brasil (Tel. 22961).

CRUZ E COSTA — Rua Dr António José de Almeida (Tel. 22715).

RAINHA SANTA — Rua da Figueira da Foz (Telefone 24737).

Diário de Lisboa

O pequeno Carlos Manuel foi morto por asfixia e não por estrangulamento — revelou a autópsia

PORTO, 31 — Continua envolto em mistério, que suscita o interesse do público, o caso da morte trágica do pequeno Carlos Manuel.

Entretanto, continua detido, e a prisão foi oficializada pela Polícia Judiciária, o forjador José Pereira, «O Ramalho», de 49 anos, casado, residente na Travessa de Avilho, 48, na Senhora da Hora. É submetido a frequentes interrogatórios, uma vez que há indícios, como sejam a folha de féria com o seu nome, vestígios de fetos nas calças e, ainda, as suas contradições.

Apontam-no como possível criminoso. No entanto, a Polícia Judiciária, prosseguindo nas investigações, que se desenrolam junto da residência do infeliz garoto e noutros locais, procurando, activamente, outros possíveis indícios que possam levar á descoberta do criminoso ou criminosos, pondo termo ao drama que tanto impressiona a opinião publica, arrastando-se já há dias, e que ontem se revestiu de «suspense».

A autópsia revelou sevícias praticadas no corpo da infeliz criança, cuja morte parece ter sido, efectivamente, por asfixia, e não por estrangulamento.

Necrologia

FALECIMENTO

D. Mariana Domingas Gonçalves Champalimaud Batista Limpo

Faleceu a sr.ª D. Mariana Domingas Gonçalves Champalimaud Batista Limpo, de 78 anos, natural de Grândola, viuva, tia da sr.ª D. Maria Madalena Champalimaud Sallaty de Aires Mateus e do sr. António de Aboim Champalimaud Barahona. O funeral, a cargo da Agência Salgado, realiza-se amanhã, ás 10 horas, da sua residência, á Avenida Manuel da Maia, 26-2.º, esq.º, para jazigo de família no cemitério da terra da sua naturalidade onde deverá chegar cerca das 12 e 30 horas.

Farmácias de serviço esta noite (6.º turno)

ANTERO DE QUENTAL, Rua de A. de Quental, 520 (Tel. 45048) ✲ **AZEVEDO,** R. do Meiral, 508 (Tel. 52344) ✲ **CONSTITUIÇÃO,** Rua da Constituição, 93 (Tel. 490813) ✲ **CORREIA DE ARAUJO,** R. Santa Catarina, 259 (Tel. 25644) ✲ **CRUZ,** R. Costa Cabral, 1082 (Tel. 4004) ✲ **GUARANI,** R. Pedro Hispano, 367 (Tel. 62250) ✲ **HERCULANO,** R. Alex. Herculano, 384 (Tel. 27943 ✲ **LIGA A. S. MUTUOS,** R. Bonjardim, 286 (Tel. 21711) ✲ **MAGALHÃES,** Rua Serralves, 566 (Tel. 63531) ✲ **NOVA DE MONSANTO,** Rua de Monsanto, 48 (Tel. 490889 ✲ **RIBEIRO JUNIOR,** Rua Firmeza, 97-A (Tel. 23849) ✲ **SAMPAIO,** R. Cedofeita, 636 (Tel. 21782) ✲ **SANIL,** R. Paraíso, 214 (Tel. 23935 ✲ **VITÁLIA,** Pr. Liberdade, 37 (Tel. 24183) ✲ **GONDARÉM,** R. Gondarém, 360.

Passagem de modelos

Hoje a partir das 21 horas, haverá, na Quinta da Conceição em Leça da Palmeira, uma repetição da passagem de modelos antigos dos séculos XVIII a XX.

O produto reverte para as obras de beneficência de Leça da Palmeira e da praia da Granja.

Espectáculos

ANTÓNIO PEDRO — Às 21 e 45: «A Raposa e as Uvas» (17 anos)
SÃO JOÃO — Às 21 e 30: «Um homem em leilão» (17 anos)
COLISEU — Às 21 e 30: «A minha missão é matar» (17 anos)
RIVOLI — Às 21 e 30: «Jhonny Yuma, o vingador» (17 anos).
OLIMPIA — Às 21 e 30: «O homem que matou Liberty Valance» (12 anos).
TRINDADE — Às 21 e 30: «Fantasia» (12 anos)
ÁGUIA DE OURO — Às 21 e 30: «Sob o signo da metralha» (12 anos).
ESTÚDIO — Às 21 e 30: «Um italiano na América» (17 anos).
CARLOS ALBERTO — Às 21: «O homem sem medo» e «Beau Geste» (12 anos).
JULIO DINIS—Às 21 e 30: «Rocco e seus irmãos» (17 anos).
VALE FORMOSO — Às 21 e 30: «Elisabeth» (6 anos)
BATALHA — Às 21 e 30: «O cérebro do mal» (17 anos).
CINEMA DO TERÇO—Às 21 e 30: «O cérebro do mal» (17 anos)

Amanhã, à tarde

SÃO JOÃO—Às 15 e 30: «L.S.D. — droga alucinante» (17 anos).
COLISEU — Às 15 e 30: «Cem armas ao sol» (12 anos).
RIVOLI — Às 15 e 30: «Jonny Yuma, o vingador» (17 anos).
ESTÚDIO — Às 5 e 30: «Obras-primas de Walt Disney» (6 anos)
BATALHA — Às 15 e 30: «O cérebro do mal» (17 anos)
ÁGUIA DE OURO — Às 15 e 30: «Sob o fogo da metralha» (12 anos)
CARLOS ALBERTO—Às 15: «Cem mil dólares para um massacre» e «A eterna duvida» (17 anos).
OLIMPIA — Às 15 e 30: «O homem que matou Liberty Balance» (17 anos)
VALE FORMOSO — Às 15 e 30: «O prisioneiro do passado» (17 anos).
CINE-ERMESINDE — Às 15 e 30: «Trinta Winchesters» (12 anos)

Revisão para breve das remunerações do pessoal de enfermagem da Previdência

— anunciada no Porto pelo ministro das Corporações

PORTO, 31 — A revisão para breve das remunerações do pessoal de enfermagem da Previdência foi anunciada hoje pelo ministro das Corporações em discurso que proferiu nas instalações da «Efacec» para assinalar a homologação do cordo colectivo de trabalho entre aquela empresa e o respectivo pessoal.

O prof. dr. Gonçalves de Proença anunciou ainda a próxima apreciação pelo Governo do novo regime de contratação colectiva e de trabalho, pelo qual são estabelecidos prazos para a negociação e a obrigatoriedade do recurso á conciliação e á arbitragem, quando não haja acordo entre as partes.

Acentuando o significado desta homologação, o ministro das Corporações afirmou que «á custa de se repetirem, os actos de conciliação social, implícitos nas convenções colectivas de trabalho, deixaram há muito de constituir motivo para grandes cerimónias susceptíveis de interessar a opinião publica.»

O novo regime de contratação colectiva que a Camara Corporativa já aprovou na generalidade, determina, essencialmente, o reguinte, segundo as palavras do ministro Gonçalves de Proença:

■ Estabelecimento de um prazo dentro do qual a negociação deverá decorrer (prazo que em regra não deverá ultrapassar os seis meses sobre o momento em que é recebida a resposta á proposta de negociação);

■ Obrigatoriedade de tentativa de conciliação quando a negociação não conduza a acordo (em princípio essa conciliação será efectuada pela entidade designada na convenção ou pela Corporação respectiva);

■ Frustrada, eventualmente, a tentativa de conciliação, o conflito deverá ser resolvido pelo recurso á arbitragem, que terá lugar perante um órgão constituído por três árbitros, dois dos quais designados pelas partes;

■ Finalmente, obtida a a decisão arbitral (também sujeita a prazos), esta passará a vigorar com plena obrigatoriedade, após homologação ministerial e publicação no órgão oficial.

A inauguração do Bairro dos Telefonistas

Aquele membro do Governo inaugurou, também, de manhã, o Bairro dos Telefonistas, próximo da igreja de Aldoar, constituído por 45 moradias. Foi construído em colaboração com a Cooperativa dos Telefonistas e da Caixa de Previdência dos Telefones e que importou em 500 contos.

O ministro, que foi ali recebido por altas individualidades, funcionários superiores dos Telefones, de Lisboa e Porto, descerrou uma placa comemorativa e presidiu a uma sessão solene, numa tribuna ao ar livre.

Para saudarem o ministro, agradeceram a obra realizada e falaram do empreendimento, usaram da palavra os srs. Augusto Pereira Cardoso, em nome dos moradores do novo bairro; Joaquim Francisco de Castro, presidente da Cooperativa dos Telefonistas, e dr. Heitor Salgueiros.

No final, o sr. prof. Gonçalves de Proença congratulou-se com aquela obra, que — disse — nasceu de um sonho, como todos os sonhos poderão ser realizados, se o homem quiser e por isso fizer.

Em seguida, o ministro presidiu á inauguração da sede do Sindicato dos Profissionais de Seguros do Distrito do Porto e do posto médico da Caixa de Previdência dos Seguros em edifício próprio, construído pela Caixa, e que custou 12 mil contos.

Tiveram alta os sobreviventes da tragédia das Berlengas em que morreram cinco pessoas

PENICHE, 31 — Estão livres de perigo, tendo tido alta do hospital local, os sobreviventes da tragédia ontem ocorrida na Berlenga e que arrebatou a vida a cinco pessoas, quatro pertencentes á mesma família e o mestre do barco que as transportava bem como a mais três, também da família daquelas.

O drama aconteceu ontem á tarde. Um barquito que na estreita passagem do Ouvido Furado foi apanhado por duas vagas sucessivas, batendo-o contra as rochas. As oito pessoas que iam a bordo foram sacudidas violentamente dentro da gruta. A batalha desesperada que travaram contra a rudeza das águas teve um saldo negativo: cinco mortos e três sobreviventes combalidos, recuperados no ultimo momento a grande custo.

Os outros desapareceram. Os seus corpos foram recolhidos, alguns pelo pescador corajoso, o sr. Aníbal de Sousa Carriço que foi buscar á gruta os três sobreviventes, os ultimos por homens com equipamento de mergulhador.

Um dos aspectos mais chocantes da tragédia é o facto de se ter passado com sete pessoas da mesma família, tirando o velho que conduzia o barco, um pescador muito conhecido nesta vila por «Chico Careca». Todos naturais do Porto, á excepção de um, os membros dessa família trágicamente diminuída, são: o sr. Adão Alves Rodrigues, de 41 anos, um dos sobreviventes, emigrado, desde há seis anos, em Paris, onde trabalha como cinzelador; a esposa, sr.ª D. Zulmira Branca Ferreira, de 37, morta; o filho Augusto Rodrigues, de 15, estudante, a residir na Madalena, Vila Nova de Gaia, com o resto dos parentes envolvidos na desgraça; a sogra do sr. Adão Rodrigues, D. Maria Alcina Ferreira, de 60, morta; a outra filha desta, sr.ª D. Iria Alcina Ferreira, de 36, sobrevivente, o seu marido, sr. Henrique Guilherme de Melo, de 34, empregado de escritório, morto (este natural de Ancede, Baião); e a filhinha do casal, a Deolinda Maria, de oito, igualmente morta. No lugar do Maninho, Rua 2, n.º 9, na Madalena, Vila Nova de Gaia, onde viviam todos menos o casal emigrante, ficou o sr. Francisco José Ferreira, de 60 reformados dos Caminhos-D. Maria Alcina Ferreira, -de-Ferro, casado com a sr.ª uma das vítimas. O unico morto que não estava ligado a esta família é o dono do barco naufragado, sr. Francisco Franco, antigo e experimentado pescador de 74 anos, quase todos passados na Berlenga, e que a vila de Peniche conhecia como o «Chico Careca».

O casal viera de França passar uns tempos de férias e reunira-se com os parentes de Vila Nova de Gaia, para uma volta pelo Sul. Ontem, o passeio fora combinado para a Berlenga, onde lhes foi indicado o «Chico Careca» para os levar a ver as grutas.

O velho pescador fazia estes circuitos turísticos há muito tempo, possuindo, para o efeio, segundo nos explicou o capitão do porto de Peniche, todas as licenças necessárias. O seu barco, uma lancha com motor fora-de-borda, chamado «O da Velha», e com a matrícula PE-1110-TL, tinha capacidade para oito pessoas, justamente o número que seguia a bordo.

O «Ouvido do Furado» é excepcionalmente belo, e essa deve ter sido a razão que levou o cauteloso e experimentado «Chico Careca», por um excesso de gentileza, a meter-se lá com maré cheia. As grutas não estão vedadas á navegação, mas todos os pescadores sabem que, com a maré cheia, o espaço entre a água e o tecto de rochas encurta perigosamente. Na opinião do capitão do porto, comandante Jacinto Rosa, deve ter sido justamente a confiança depositada nas suas próprias qualidades e conhecimento do local que levou o pescador a facilitar... e a correr para a tragédia.

FRAMAR

Informa os seus estimados clientes e fornecedores que encerra todos os seus estabelecimentos de Lisboa e Porto, para férias do seu pessoal, de 1 a 17 de Agosto.

COMUNICADO

Bicicletas motorizadas VELOSOLEX

A

S. I. N. F. A. C. — VELOSOLEX

Tem o prazer de comunicar que nomeou seu Representante-Exclusivo para Portugal Continental e Insular a

SORODA

Sociedade Europeia de Representações, Lda.

S. I. N. F. A. C. — VELOSOLEX

68, Boulevard de Verdun Courbevoie (Seine) — FRANÇA

A

SORODA

Sociedade Europeia de Representações, Lda.

Tem o prazer de informar os seus estimados clientes, amigos e o público em geral que foi nomeada Representante-Exclusivo para Portugal Continental e Insular da Firma francesa

S. I. N. F. A. C. — VELOSOLEX

SORODA

Sociedade Europeia de Representações, Lda.

ESCRITÓRIO — STAND E OFICINAS
Travessa Henrique Cardoso, 67-A (á Av de Roma)
Telefone 772162 — LISBOA-5

venha experimentar um TOYOTA COROLLA 1100

DE 28 DE JULHO A 2 DE AGOSTO
DAS 9 ÀS 24 HORAS

SÓ ASSIM PODERÁ VERIFICAR
A SENSAÇÃO DE GUIAR
O MAIS EXCITANTE COMPACTO
DA INDÚSTRIA JAPONESA

TOYOTA veio para ficar!

Transmotor

AV. FONTES PEREIRA DE MELO, 17-A - LISBOA — TELEFS. 5 23 16 • 5 22 41 • 5 25 59

sonarie

SENHORES CAPITALISTAS

DESEJAM COLOCAR O VOSSO CAPITAL NAS MELHORES CONDIÇÕES?

A NORTENHA é uma organização devidamente autorizada pelo Decreto-Lei n.º 43.767, colocando dinheiro com TODA A SEGURANÇA, SIGILO E RAPIDEZ, sobre hipotecas de propriedades a juro compensador permitido por Lei.

Prestamos toda a assistência até reembolso total do capital emprestado, nada cobrando de comissão aos srs. Capitalistas, tratando também de toda a documentação, registos, etc.

EMPRESA PREDIAL NORTENHA

MEDIADOR OFICIAL

LISBOA	PORTO	COIMBRA
P. da Alegria, 58-2.º	Av. D. João I, 25-1.º	Av. Fernão de Magalhães, 288-2.º
Telef. 3 33 08	Telef. 2 00 85	Telef. 2 90 45

GRANDE CERVEJARIA-RESTAURANTE

AO CAMPO GRANDE — TRESPASSA-SE

OU CEDO TOTAL DAS QUOTAS, PARA QUALQUER RAMO, ÓPTIMA LOCALIZAÇÃO, ENORME ÁREA, RENDA BAIXA, PREÇO BAIXÍSSIMO SE FOR A PRONTO PAGAMENTO. URGENTE.

TRATAM: **AFRA FILHOS** AV. DUQUE LOULÉ, 1 (Das 10 às 13 horas)

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os comboios eléctricos.

O «Diário de Lisboa» vende-se no Porto

O «Diário de Lisboa» encontra-se á v e n d a nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista, P r a ç a Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da Republica, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30, e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas

CRIADAS

Organismo oficial admite criadas com o salário mensal de 625$00 e 725$00 no caso de não terem vagas nas camaratas, com direito a alimentação e reforma e com perspectivas de melhoria.

Devem possuir a habilitação da 4.ª classe e idade compreendida entre os 18 e 34 anos.

Resposta ao n.º 311

CARTÃO DIPLOMATA

O mais distinto bilhete de visita em relevo executado em placa de cobre ou cunho de aço de absoluta necessidade em praxes protocolares para pessoas de distinta condição social bem como de bom gosto

ANÍBAL GRAVADOR
A casa que melhor trabalha
Rua Nova do Almada, 64
LISBOA

EXCURSÃO DA C. P.

DOMINGO, 3 DE AGOSTO

Comunica-nos a C. P. de que realiza no dia 3 do próximo mês de Agosto, em colaboração com a Empresa Geral de Transportes, uma excursão de Lisboa a Faro, Quarteira, Vilamoura, Olhos de Água, Balaia, Albufeira, Armação de Pêra, Senhora da Rocha e Silves, incluindo a viagem no comboio FIAT (1.ª classe e ar condicionado), almoço no comboio e circuito turístico em autocarro.

PREÇOS

Excursão completa ... 280$00
Só transporte em caminho de ferro (ida e volta)
— De Lisboa:
Tunes ..... 147$00
Faro ..... 170$00

Bilhetes á venda nas estações de Lisboa (Rossio) e Lisboa (Santa Apolónia), nas Agências de Viagens autorizadas, na Empresa Geral de Transportes (Rua do Arsenal, 124) e nos Despachos Centrais do Caminho de Ferro em Lisboa, onde são distribuídos folhetos descritivos.

ROULOTTES CAVALIER

A única solução para umas férias felizes, com segurança e economia

REPRESENTANTE EXCLUSIVO:

FONSÉ, LIMITADA

Calçada da Ajuda, 72-B (Garagem)
Telefone 63 29 99 — L I S B O A-3

SEPSA

SOCIEDADE DE CONSTRUÇÕES ELECTRO MECÂNICAS, S A R L.

As Instalações Fabris encerram em 2 de Agosto próximo, para férias ao Pessoal, reabrindo em 18 do mesmo mês.

CONHEÇA A CURIA

Neste preço está compreendido A C. P. proporciona-lhe, durante os meses de Julho a Outubro, um bom domingo passado na Curia, com o seu bilhete turístico emitido em Lisboa ao preço de:

Esc. ..... 305$00

o transporte em caminho de ferro em comboio rápido, almoço na Curia, entrada no Parque e «lanche» para a viagem de regresso.

Peça folheto descritivo e adquira o seu bilhete nas estações de Lisboa (Rossio) ou de Lisboa (Santa Apolónia), nos Despachos Centrais do Caminho de Ferro e nas Agências de Viagens autorizadas.

Rádio

PROGRAMAS DE HOJE

EMISSORA — 1.º Programa — 451 m — 665 kc/s. — Às 16: Noticiário; 16 e 05: Luz no horizonte; 16 e 30: Que quer ouvir? 17: Ginástica de pausa, pelo dr. Marques Pereira; Programa da tarde — Canções do nosso tempo; 17 e 25: A orquestra de... 17 e 35: Do Choupal até á Lapa; 18 e 10: Programa da mulher, por Maria Emília Cancela de Abreu e Judite Navarro; 18 e 40: Musica e sonho; 19 e 45: Rádio rural — Musica só musica; 20: Diário sonoro; 20 e 20: Solistas ligeiros; 20 e 40: 18.º episódio do folhetim «Tristezas á Beira-Mar»; 21: Jornal de actualidades; 21 e 30: Musica ligeira; 21 e 40: Tom maior; 22 e 30: Musica ligeira; 23 e 05: Programa da noite; 1: Fecho.

2.º Programa — 397 m — 755 kc/s. — Às 16 e 30: 2.º, 3.º e 4.º actos epílogo da ópera «Mefistofeles» (Boito); 18: Musica do século XX — Obras de Francis Poulec; 19: Crítica literária, pelo dr. João Bigotte Chorão; 19 e 10: Folclore português — Musica da Beira Alta, recolhida por Artur Santos (gravações cedidas pela B. B. C.); 19 e 25: Musica de piano; 20: Diário sonoro; 20 e 20: Musica instrumental; 20 e 30: Cantata BWV 57 (Bach) — solistas, coro e orquestra de Estugarda sob a direcção de Rolf Reinhardt; 21: Soneto em fá maior, op. 31 (Spohr) — Elementos da Orquestra Filarmónica de Viena; 21 e 30: Panoramas da História, pelo dr. João Ameal; 21 e 50: Recital de piano por Maria da Glória Esteves — 7 Preludios (Debussy); 22 e 20: Poemas sinfónicos; 23: A voz do Ocidente; 1 e 15: Fecho.

2.º Programa (cultural MF 1) — 94,3 mc/s. — Às 23: O pianista Andor Foldes — Carnaval opus 9 (Schumann); 23 e 30: Musica francesa — um programa cedido pela Radiodifusão-Televisão Francesa; 0: Duo para viola e piano (Barbara Pentland) — solistas; 0 e 23: Musica para cordas (Arthur Bliss) — Orquestra Filarmonia, dirigida pelo autor; 1: Fecho.

Rádio Universidade — 451 m — 665 kc/s. — Às 19 e 10: Rádio Universidade

RÁDIO CLUBE — 290,13 m — 1034 kc/s. — Às 16: Programa C. D. C.; 18: Ela e o seu mundo; 18 e 15: Canções ao acaso; 18 e 30: Lisboa á tarde; 19 e 15: No mundo aconteceu; 19 e 30: Rádio-Jornal. Entre as 20 e as 21: Hoje convidámos... 20: Nota de abertura e noticiário; 20 e 07: Conjuntos vocais; 20 e 30: Jornal dos espectáculos; 20 e 45: Rádio Placard; 21 e 03: Diálogo; 21 e 09: Portugal de hoje; 21 e 32: Impacto; 22 e 30: Quando o telefone toca; 23 e 08: Musica tradicional e palestra religiosas; 23 e 22: Grande rodo; 0 e 02: «P. B. X.»; 2: Contacto; 3 e 02: A noite é nossa; 6 e 02: Diário rural; 7 e 03: Talismã.

Modulação de frequência—97,4 mc/s. — Às 16 e 04: Programa C. D. C.; 17 e 57: O nosso programa; 19 e 04: Em órbita; 21 e 02: Boa noite em FM; 22 e 02: Programa á Gô-Gô; 0 e 02: Alta Fidelidade Phillips; 1 e 03: Banda sonora; 2: FM-67 e fecho.

Emissor de Miramar — 383,6 m — 782 kc/s. — Às 16: Programa C. D. C.; 18: Depois do chá; 18 e 30: Ela e o seu mundo; 18 e 45: Matinée teatral; 19 e 03: Miscelanea; 19 e 20: Robbialac; 19 e 35: Estudio 64; 20 e 10: Norte dia a dia; 21 e 02: Orquestra; 21 e 15: Só-Rádio; 21 e 30: Leitura; 21 e 45: Francisco e Ernesto; 22 e 03: O Santo; 22 e 15: Cristo para todas as nações; 22 e 30: Presença coimbrã; 23 e 04: Clube da juventude.

RÁDIO RENASCENÇA — 233,2 m — 1286 kc/s — Às 16: Radiorama; 18: Cartaz musical de Paris; 18 e 30: Terço e bênção da Basílica dos Mártires; 19 e 05: Musica seleccionada; 19 e 30: Página 1; 20 e 55: Meditando; 21: Variedades; 21 e 30: Vozes portuguesas; 21 e 45: O conjunto de Manfred Mann; 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: Pentagrama; 22 e 45: Musica variada; 23: A 23.ª Hora. 2: Fecho.

Estação do Porto — 256,6 m — 1169 kc/s. — Às 16: Radiorama; 18: Uma orquestra; 18 e 30: Terço da Basília dos Mártires, em Lisboa; 19 e 05: Musica seleccionada; 19 e 30: Página 1; 20 e 55: Meditando; 21: Mosaico; 21 e 30: Chamadas musicais; 22: Auditório; 23: A 23.ª Hora; 2: Fecho.

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA — Onda média — 188 m — 1594 kc/s. — 94,4 mc/s. — **Rádio Peninsular** — Das 7 ás 8 das 10 ás 12 e das 19 e 30 ás 22: **Rádio Voz de Lisboa** — Das 17 ás 19 e 30 e das 22 ás 2: **Clube Radiofónico de Portugal** — Das 12 ás 14 e 30: **Rádio Graça** — Das 8 ás 10 e das 14 e 30 ás 17

TV dia a dia

HOJE PODE VER...

VARIEDADES:

OS BONS VELHOS TEMPOS

MAIS UM PROGRAMA desta série, realizado pela BBC para a Eurovisão, e apresentado esta noite, cerca das 22 e 05, com a orquestra «The Northern Dance», dirigida por Bernard Herrmann, que acompanhará um grupo de cantores irlandeses — «The Bachelors» e Sheila Buxton (cançonetista).

Participam ainda no programa Lennie Bennett (comediante); Potassy (ilusionista); Alan Randol e Les Rennos (cómicos).

A apresentação, brilhante e agradável como sempre, é de Leonard Sachs, enquanto Fernando Pessa se encarregará, como habitualmente, da versão lusitana.

2.º PROGRAMA

«Horizonte» e «Danger Man» são as duas rubricas que preenchem a emissão de hoje do Emissor Regional.

Pelas 21 e 30 é apresentado em repetição, o programa «Horizonte» transmitido no passado domingo na rede nacional e que oferece fartos motivos de interesse.

Também em reposição, cerca das 23 e 20, será exibido um episódio da série de aventuras «Danger Man» com Patrick McGoo Lam no papel de John Drake, que investiga e deslinda desta vez, o caso do agente secreto britanico Standfort...

AVENTURAS DE «OLHO VIVO»

DON ADAMS, Conrad Janis Mandie Pricket são os principais intérpretes do episódio filmado da série «Get Swart» («Olho vivo») que se exibe cerca das 23 e 05

«Olho vivo» (Don Adams) vai actuar como agente duplo. Para se introduzir no meio dos adversários, tenta degradar-se como jogador, ébrio, etc., mas tudo lhe sai ao contrário.

Quando devia perder ao jogo, ganha. Por fim verifica-se que os espiões do campo oposto são agentes secretos...

PROGRAMA DE HOJE

I Programa — Às 19 e 30: Telejornal; 19 e 50: No Mundo da Arte; 20 e 10: Sangue na Estrada; 20 e 30: Parada da Industria; 21: Telejornal; 21 e 30: IV Jogos Luso-Brasileiros; 21 e 45: Museu do Cinema; 22 e 05: Os Bons Velhos Tempos; 23 e 05: Get Smart; 23 e 35: Marcha do Mundo; 23 e 50: Meditação e fecho.

II Programa — Às 21: Telejornal; 21 e 30: Horizonte; 23 e 22: Danger Man; 0 e 13: Fecho.

TELEVISORES GRUNDIG

AMANHÃ — **I Programa** — Às 19: Abertura; 19 e 02: Juventude no Mundo; 19 e 30: Telejornal; 19 e 50: Vida Sã em Corpo São; 20 e 05: Cartaz TV; 20 e 35: «Portugal além da Europa»; 21: Telejornal; 21 e 35: IV Jogos Luso-Brasileiros; 21 e 55: Convergência — quinzenário de actualidade literária, coordenado por Eduino de Jesus; 22 e 15: Noite de Cinema (Desportista á Força); 23 e 45: Marcha do Mundo; 24: Fecho.

II Programa — Às 21: Telejornal; 21 e 30: Folhetim «David Copperfield»; 21 e 55: «Zip-Zip» (5.º Programa) (Apresentado no I Programa em 23-6-59); 23 e 50: Fecho.

canal da crítica

A CASA DE APANHA... LÁ MAIS ESTA

Devem ter ficado profundamente desiludidos todos aqueles que alguma vez, nos últimos tempos, acreditaram em melhorias na programação das noites de teatro. Ontem não foi debalde que tanto se falou em tradição, pois à pior tradição do teleteatro voltámos — áquela tradição tão má, tão má, tão má que nunca a ela julguei ser possível tornar. Figueiredo de Barros, o autor da peça, não possui um mínimo de qualidade capaz de lhe garantir lugar, ainda que breve, na dramaturgia portuguesa.

Possui, no entanto, grande experiência no amanho das peças popularuncarúnchicas e teleartríticas com a qual seria legítimo que nos desse alguma coisa diferente *daquilo* de ontem. Por desgraça nossa, os escritores com avença na Alameda das Linhas de Torres continuam a fornecer a R. T. P. com produtos que se encontram na Idade da Pedra do teatro para televisão. Assistem a produções inglesas e francesas e americanas e nada aprendem e nada esquecem. Fecham os ouvidos, olhos, alma. O resultado está á vista Quer se chame, como se chamava ontem, «A Casa da Penha», ou de qualquer outra maneira.

Numa peça que durou praticamente todo o serão, é lamentável não ter acontecido um só momento que, picado, deitasse sangue. Tudo era cinza. Tudo era falso. Tudo era convencional.

As personagens na aldeia falam como doutores, muito embora Figueiredo de Barros tenha encontrado em dois deles costelas de quase doutores em Coimbra, o que em nada modifica a situação. Dizer, como disse o Mário Antunes, «nós somos como que o elo entre os homens e Deus», soa a deslavada doutorice e literatice insuportável aos ouvidos a quem importa a verdade e não o latinório. Exemplos dessa literatice podia apontá-los exaustivamente.

O fidalgo da Penha vai refazer a sua fortuna e casar com a prima Joaninha. A traça da história descobre-se logo desde as primeiras palavras. O Jorge e a Berta da «Casa Mourisca» deixaram para aí uma prole numerosa e pobretana que não tem vergonha de viver á custa da mãe e do pai, que eram umas excelentes pessoas, vocês não acham.

Todo o interesse podia ainda residir no estudo de algumas figuras ou cenas populares. Mas ainda aí o falhanço foi total. Imitando uma personagem da sua peça, direi que Figueiredo de Barros e o povo não bebem do mesmo copo.

A própria «Rita das benzeduras» não resistiu á mentira, muito embora tivesse a servi-la o talento de uma actriz como Elvira Velez. Não há actriz capaz de pôr verdade onde o autor a não pôs. E a Rita que se desculpa de ser bruxa, que diz que o não é, não é não senhor, até é muito temente a Deus etc., a Rita perde toda a verticalidade quando diz rezas e palavrório com cheiro a... Chiado.

Ainda agora virão alguns

(Continua na página seguinte)

CAMISAS P/ MEDIDA
HIRONDELLE
R. Pedro Nunes, 39
(ao Saldanha)

TUDOR PILHAS BLINDADAS ESTANQUES

FRIGORÍFICOS
IGNIS
· Maior capacidade em menor espaço
· A maior e melhor linha
Uma marca de prestígio ao seu dispor nas melhores condições de aquisição em:
ELGA, LDA.
AV. ALMIRANTE REIS, 104-B
T. 42175 — LISBOA

PIANOS
VERTICAIS E DE CAUDA
ALUGAM-SE
Estabelecimentos
VALENTIM DE CARVALHO
Comércio e Indústria, S. A R. L. — 95, Rua Nova do Almada, 99 — LISBOA

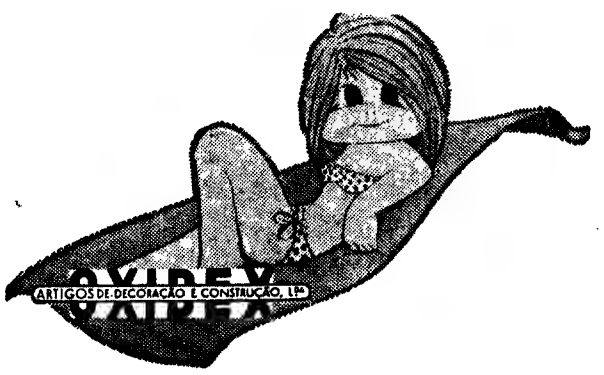
VIAGENS A MADRID

Utilização de beliches no comboio Lusitânia-Expresso

A C. P. lembra a todos os que pretendem deslocar-se a Madrid, que o comboio Lusitânia-Expresso inclui na sua composição uma carruagem de beliches (correspondentes ás «couchettes» dos comboios franceses).

Com um suplemento de apenas Esc. 83$50, além do preço de bilhete normal de 2.ª classe, poderá assim viajar-se comodamente deitado neste comboio que assegura, com trajecto nocturno, as ligações entre as duas capitais peninsulares.

Kingfisher Vinyl



ÚLTIMAS NOVIDADES
DE PAPÉIS LAVÁVEIS PARA PAREDE
300 PADRÕES DIFERENTES
EXPOSIÇÃO PERMANENTE
Av. João Crisóstomo, 10-B (Junto Av Def. Chaves)

NOVA MODALIDADE EM APARTAMENTOS MOBILADOS

só em J. PIMENTA, S. A. R. L.

190 Contos rendem-lhe 1.187$50 mensais, garantidos por escritura pública, durante 6 e até 18 anos.

Administrando directamente pode obter um RENDIMENTO MENSAL DE 1.437$50 (SUPERIOR A 9%)

PREÇO DOS APARTAMENTOS MOBILADOS

130 000$00 — 210 000$00
140 000$00 — 230 000$00
155 000$00 — 240 000$00
160 000$00 — 250 000$00
170 000$00 — 270 000$00
180 000$00 — 280 000$00
190 000$00 — 300 000$00
200 000$00 — 340 000$00

PREÇO DOS ANDARES

3	ASSOALH	220 000$00
4	»	280 000$00
5	»	380 000$00
6	»	440 000$00
7	»	600 000$00

LOCAIS ONDE POSSUÍMOS ANDARES E APARTAMENTOS

REBOLEIRA — AMADORA; CENTRO DA AMADORA; VENDA NOVA — AMADORA (JUNTO À GARAGEM EDUARDO JORGE); PAÇO DE ARCOS (ESPARGAL) — PAREDE (RUA DO LOBITO À QUINTA DA JUNQUEIRA) E CASCAIS

MORADIAS LUXUOSAS

9 DIVISÕES ASSOALHADAS 3 CASAS DE BANHO, COZINHA GARAGEM QUINTAL E JARDIM

MAGNIFICA VISTA DE MAR E SERRA, SITUADA NA RUA JOSÉ FERRÃO CASTELO BRANCO EM PAÇO D'ARCOS

EM CASCAIS:

Apartamentos Mobilados de 300 a 500 contos

Andares de 3 a 6 assoalhadas de 400 a 800 contos

TEMOS ANDARES E APARTAMENTOS PRONTOS A FAZER ESCRITURA

MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO:

Azulejos nacionais e estrangeiros

Plásticos para revestimentos de paredes e tectos. Ferragens e ferramentas. Loiças sanitárias, tintas e máquinas para construção civil. Toda a gama de materiais de construção, utilidades para o lar, novidades em artigos domésticos, flores e apetrechos para jardins encontra V. Ex.ª aos mais baixos preços nos estabelecimentos da Organização J. Pimenta, em Amadora e Queluz, junto às estações de caminho de ferro respectivas.

ESCRITÓRIOS: **LISBOA** — Rua Conde Redondo, 53-4.º, Esq. — Telefs. 45843 e 47843; **QUELUZ** — Rua D. Maria I, 30 — Telefs 952021-952022 **AMADORA** — Reboleira — Telefone 933670

A NOSSA ORGANIZAÇÃO VENDE MAIS BARATO E COM MAIS GARANTIAS PORQUE É A ÚNICA DO PAIS DEVIDAMENTE APETRECHADA NA INDÚSTRIA E COMÉRCIO DO RAMO, ESTUDANDO, DECORANDO E VENDENDO AS SUAS PROPRIEDADES

CONTABILISTA

NECESSITA EMPRESA DE LISBOA, DIPLOMADO PELO INSTITUTO COMERCIAL, COM SITUAÇÃO MILITAR RESOLVIDA. RESPOSTA A ESTE JORNAL AO N.º 313 INDICANDO:

— **EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL;**
— **ORDENADO PRETENDIDO;**
— **IDADE.**

GRÂNDOLA

Mariana Domingas Gonçalves Champalimaud Batista Limpo

FALECEU

Maria Madalena Champalimaud Sallaty de Aires Mateus, seu marido e filhos; António de Aboim Champalimaud Barahona, sua mulher e filhos e demais família, cumprem o doloroso dever de participar que foi Deus servido chamar à sua Divina presença a sua muito querida tia e parente e que o funeral se realiza amanhã, dia 1, pelas 10 horas, da sua residência Avenida Manuel Da Maia, n.º 26-2.º, Esq.º, para jazigo de família no cemitério de Grândola, onde deverá chegar cerca das 12,30 horas

AGÊNCIA SALGADO (Telef. 48258)

SINTRA ESPERA-O

NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os comboios eléctricos.

MINISTÉRIO DA SAÚDE E ASSISTÊNCIA

HOSPITAL DE SANTA MARIA

Concurso para o 3. quadrimestre de 1969

LIMPEZA INTERIOR E EXTERIOR DO EDIFÍCIO HOSPITALAR

Concurso Público N.º 67/69

As respectivas condições encontram-se patentes todos os dias úteis das 9 ás 12 e das 14 ás 17 horas, excepto aos sábados, em que o horário será das 9 ás 12.30 horas, na Secretaria do Serviço de Aquisições.

A abertura das propostas terá lugar no dia e hora indicados no Caderno de Encargos.

Lisboa e Hospital de Santa Maria, em 30 de Julho de 1969.

O ADMINISTRADOR,

Dr Pedro de Carvalho Dias Costa

AUTOMOTORA ESPECIAL

A C. P. organiza semanalmente, até aviso em contrário, uma automotora especial de Vila Real de Santo António-Guadiana a Barreiro, e volta,, em ligação com as carreiras normais entre Barreiro e Lisboa (Terreiro do Paço), com o seguinte

IDA Sábados	HORÁRIO	VOLTA Domingos
12.00 P.	Vila Real de Santo António-Guadiana	C. 5.41
12.11 P.	Vila Real de Santo António	C. 5.37
12.34 P.	Tavira	C. 5.15
12.51 P.	Olhão	C. 4.59
13.00 P.	Faro	C. 4.48
13.36 P.	Tunes	C. 4.17
16.55 C.	Setúbal	P. 0.59
17.25 C.	Barreiro	P. 0.35
18.10 C.	Lisboa (Terreiro do Paço)	P. 23-50

PREÇOS

— De Vila Real de Santo António — Guadiana até Olhão a Lisboa, e volta ..... 120$00
— De Faro e Tunes a Lisboa, e volta ..... 110$00

Bilhetes à venda nas estações de Vila Real de Santo António-Guadiana, Vila Real de Santo António, Tavira, Olhão, Faro e Tunes.

CANAL DA CRÍTICA

(Continuação da pág. anterior)

dizer que, com mil diabos, se trata de uma peça popular, peça para as pessoas simplórias que não percebem de altas cavalarias, etc., etc., o que interessa é ser educativo, moral etc. e tal.

É a linguagem dos medíocres. Esses ignoram que em arte não existe educação onde falte estética. Que todas as boas intenções ficam pelo caminho lá onde a arte claudicou. E que os que dão ao povo peças, romances ou poesia esteticamente deterioradas apenas se salvam da cadeia porque não existe para condená-los o rigor com que se punem os fabricantes de chouriço de carne de cão.

Ao transmitir peças como «A Casa da Penha», que não possuem um mínimo de qualidade estética, a R. T. P. presta um mau serviço ao público. Foi demasiada a dose de deseducação artística.

Os actores são (cá vem o choradinho...) as grandes vítimas. Mas o mau trabalho de Luís Filipe, de Joaquim Rosa, de Rui Mendes, de Irene Cruz, de Susana Prado, de Fernanda Alves não pode passar em claro. Devem esses actores quanto antes, esquecer que foram cúmplices na degradação da noite de teatro.

MC

CAMINHOS DE FERRO

Horário dos comboios na Zona Sul

Comunica-nos a C. P. que a partir de 1 de Agosto de 1969 são feitas diversas alterações ao Horário actualmente em vigor nas Linhas e Ramais a seguir indicados:

Linha do Sul — (Circulações ascendentes e descendentes);

Linha de Évora e Ramais de Reguengos e Mora;

Ramais de Montijo, Montemor, Aljustrel e Moura;

Via Fluvial e Tranvias, Lisboa, Barreiro, Praias Sado, Seixal e Lisboa;

Linha do Sado e Ramal de Sines.

O pormenor destas alterações consta dos CARTAZES HORÁRIOS afixados nas estações e nas Secções de Informação ao Público, das estações de Lisboa (Santa Apolónia), Lisboa (Rossio) e Lisboa (Terreiro do Paço).

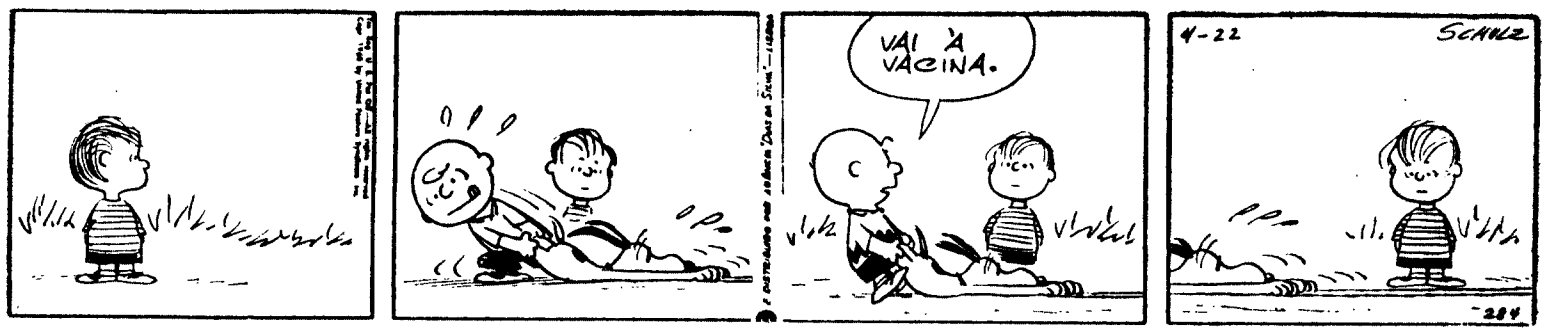
FERGUSON

A GRANDE MARCA BRITÂNICA DE TV

O «Diário de Lisboa» vende-se no Porto

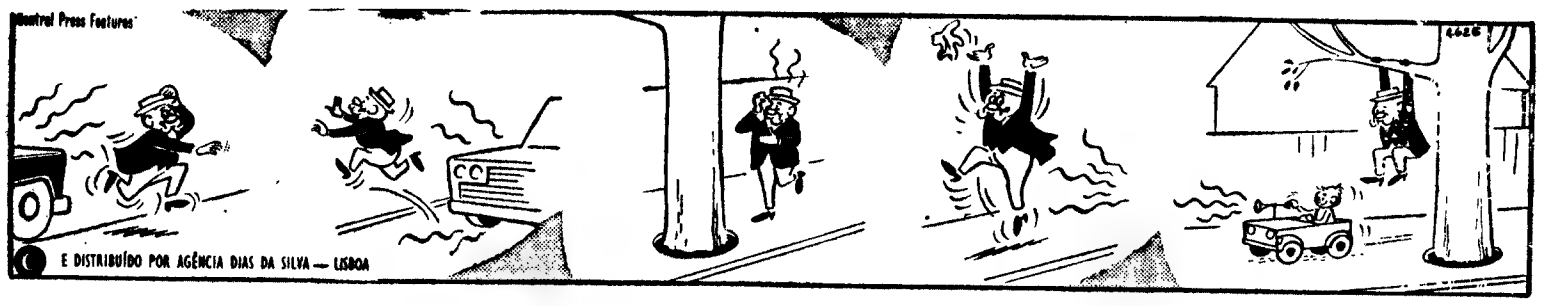
O «Diário de Lisboa» encontra-se á venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da Republica, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30, e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.

Os Peanuts



Carol Day

Aventuras do Tio Carlos



Palavras cruzadas

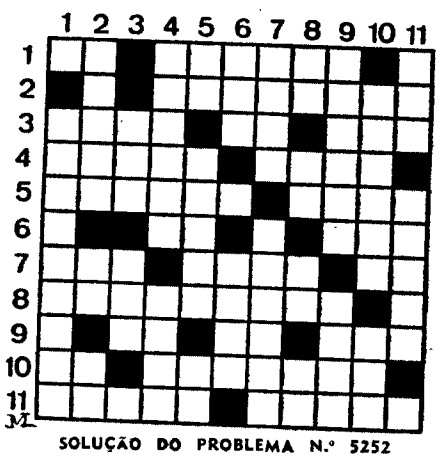
(com PROVÉRBIO)

PROBLEMA N.º 5253

HORIZONTAIS: 1 — Aqui. Imprecações. 2 — Povoado insignificante. 3 — Moradia. Prefixo de negação. Em companhia. 4 — As parcelas de uma relação. Uma e outra. 5 — Aberturas. Seguirei. 6 — Antes de Cristo. Diligência. 7 — Frequentavas. Clima. Basta (inv.) 8 — Os que se dedicam á descrição das montanhas. 9 — Nociva. Preposição. Gritos de dor. 10 — Artigo (pl.). Acautelar. 11 — Ceifam. Iguais.

VERTICAIS: 1 — Naturais da ilha de Chipre. 2 — Desconto. Aspecto. Catedral. 3 — Cultiva. Tartamuda. 5 — Estrépido de desmoronamento. Extrair. Certo. 6 — Actuei. Enseada. 7 — Cidade da Bélgica, capital da Flandres ocidental. Aludi. 8 — Atmosfera. Interjeição de surpresa, admiração, repugnância ou dor. Solitário. Doutor (abrev.). 9 — Enxugara. Ressudam. 10 — Nome de mulher. Raiva. 11 — Benigno. Navios de recreio.

Resolveu completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o PROVÉRBIO nele inscrito.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 5252

HORIZONTAIS: 1 — Reviver. 2 — Eco. Edil. Pá. 3 — Aproza. Ri. 4 — Gaza. BOM. 5 — Os. Prontos. 6 — Tapai. Hás. 7 — Apostos. 8 — Aos. Aro. 9 — ADVOGADO. Ou. 10 — Realizarem. 11 — Erramos. MAU.

VERTICAIS: 1 — Sé. Gota. Are. 2 — Asa. Ader. 3 — Rooz. Provar. 4 — Papa. Sola. 5 — Ver. Ria. Gim. 6 — Ida. Prazo. 7 — VIZINHO. Dás. 8 — Ela. Tás. Or. 9 — Basta. Em. 10 — Prós. Aroma. 11 — Caim. Usou.

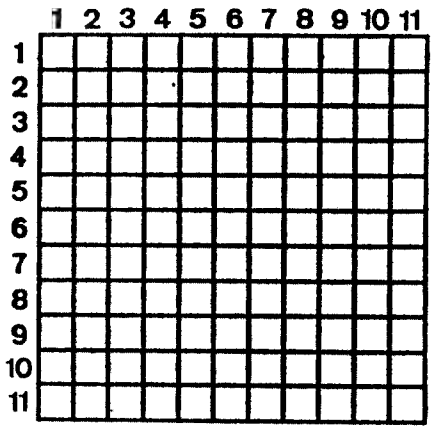
(PROVÉRBIO: **Bem advogado mau vizinho**).

(NOVA MODALIDADE)

PROBLEMA N.º 9096

HORIZONTAIS: 1 — Cidade de Portugal. 2 — Preposição. O espiritual. Nota musical. 3 — Fluido aeriforme. Cabelos brancos. Ente. 4 — Gasta. Género de plantas leguminosas. 5 — Tostar. Magnífica. 6 — Dá mios. Trocar. 7 — Vantagens. Ruins. 8 — Suspiros. Ecoa. Curso de água natural e abundante. 9 — Dois mil em romano. Compra. Lê. 10 — Cobrir de iodo. Persistir. 11 — Perda. Chouriço de sangue. (Prov)

VERTICAIS: 1 — Norma. Região montanhosa da Ásia central (Rússia e Afeganistão). 2 — Extremidades dos braços. Versejou. 3 — Tremores de terra. Quinhentos e um em romano. 4 — Preposição. Ofereceis. Ilha inglesa no mar da Irlanda. 5 — Roçara. Tempo do verbo ser. 6 — Larva das feridas dos animais. Colocar. 7 — Chegar. Bolor. 8 — O mais. Mau. Guarneço de asas. 9 — Cortar com serra. Pronome pessoal. 10 — Ligeiro. Dar uivos. 11 — Chuvisco (Bras). Costumara.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9095

HORIZONTAIS: 1 — Cargo. Pária. 2 — Areal. Urano. 3 — Brisa. Menor. 4 — Res. Avô. 5 — Ai. As. 6 — Atum. Arar. 7 — Arantes. 8 — Pilar. Assar. 9 — Ana. III. Ili. 10 — Gera. Unia. 11 — Asada. Atoar.

VERTICAIS: 1 — Cabra. Apaga. 2 — Arreia. Inês. 3 — Reis. Talara. 4 — Gás. Cura. Ad. 5 — Olas. Mári. 6 — Io. 7 — Puma. Atai. 8 — Are. Três. Ut. 9 — Inovar. Alia. 10 — Aoros. 11 — Criar.

CÂMARA MUNICIPAL DE VILA FRANCA DE XIRA

EDITAL

Fornecimento e montagem de equipamento electromecânico das estações elevatórias de esgotos da Castanheira do Ribatejo

LUÍS ROSADO FÉRIA THEOTÓNIO, PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL DE VILA FRANCA DE XIRA:

FAZ SABER que esta Câmara Municipal em sua reunião extraordinária de 2 de Julho de 1969, deliberou abrir concurso público, pelo prazo de 30 dias, a terminar em 29 de Agosto de 1969, para a empreitada de obras em epígrafe, conforme a seguir se indica:

DEPÓSITO PROVISÓRIO ..... 2500$00

O depósito definitivo será de 5 por cento do valor da adjudicação.

Para ser admitido ao concurso é necessário apresentar documento comprovativo de ter efectuado o indicado depósito na Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência, suas filiais, agências ou delegações à ordem deste Município, mediante guia preenchida pelos próprios interessados, segundo o modelo que figura no programa de concurso.

O programa de concurso e caderno de encargos estão patentes todos os dias úteis, durante as horas regulamentares, nos Serviços Técnicos de Obras e Urbanização deste Município.

Paços do Concelho de Vila Franca de Xira, 28 de Julho de 1969.

O Presidente da Câmara,

Luís Rosado Féria Theotónio

MOTEL PRAIA VERDE

FÉRIAS NO ALGARVE

As melhores e mais económicas

Reserva em Lisboa 32 63 35

HÁ 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 31 de Julho de 1939 publicava:

«VARSÓVIA, 31 — Nos círculos militares bem informados afirma-se que durante a primeira quinzena de Agosto próximo chegarão á Polónia cinquenta aviões britânicos de bombardeamento que foram comprados na Grã-Bretanha e que depois sucessivamente chegarão a outros pontos do território polaco muitos outros aviões de bombardeamento e de caça.»

Graduados da M. P. no Acampamento «Europólis-69»

Já se encontram na Escola Nacional de Graduados da M. P., na Cruz Quebrada, os participantes, representando as províncias do Continente, Ilhas e Ultramar, que se deslocarão a Viena para comparticipar com outras delegações europeias no Acampamento Internacional «Europólis-69», que decorre de 3 a 10 de Agosto.

A representação portuguesa participará em todas as modalidades, quer culturais, como jornalismo, fotografia, colóquios, quer desportivas.

Outra das finalidades deste estágio é o da preparação dos trabalhos a apresentar posteriormente em Michelberg, próximo de Viena, local onde se realiza o acampamento.

Curso de pintura de construção civil

Incluído no programa de actividades do Fundo de Desenvolvimento da Mão-de-Obra, através do serviço de formação profissional, está a realizar-se no Centro n.º 4 de F. P. A., na Venda Nova, o terceiro curso de pintura de construção civil. Os alunos, em número de quinze, frequentarão este curso durante cerca de seis meses, constando do conjunto de trabalhos as seguintes tarefas profissionais: trabalhos preparatórios sobre madeira, paredes e ferro; preparação de tintas e massas; pintura a óleo e esmalte; envernizamento; revestimento; acabamento em pinturas; enceramento; fingidos; vidros; forro de papel pintado; painéis e letras.

Para além de todos estes trabalhos práticos, serão ainda dados conhecimentos gerais de tecnologia dos materiais e ferramentas da profissão, execução e interpretação de desenhos geométricos decorativos simples, cálculo elementar, normas de segurança e higiene da profissão, materiais utilizados e técnicas de aplicação, conservação de ferramentas e equipamento.

Pretende-se, assim, formar, segundo o método F. P. A., profissionais qualificados para o sector da construção civil.

Sociedade «ESTORIL»

VENDA DE SÉRIES DE 20 BILHETES SEM DATA PARA OS DOMINGOS

Todos os dias e em todas as estações.

VENDA DE BILHETES

Aos sábados na estação do Cais do Sodré, das 15 às 22 horas.

DESPORTO DESPORTO DESPORTO DESPORTO

NÃO SERÁ A HORA DE REMODELAR?

SÃO PAULO QUASE NÃO DEU PELOS JOGOS LUSO-BRASILEIROS

SÃO PAULO — Chegou um telegrama da C. B. D. comunicando que as provas de ciclismo em pista deviam realizar-se nos dias 26 e 27. Pois Mas as provas de ciclismo já se tinham realizado. Este é um exemplo da confusãozinha que rodeou a programação dos Jogos, a tal ponto que a Imprensa nunca acertou as agulhas, publicando as mais desencontradas informações sobre os dias e horários das competições.

por MÁRIO ZAMBUJAL
(nosso enviado especial aos Jogos Luso-Brasileiros)

O que aconteceu foi que o programa foi alterado, pelo menos três vezes e, ás tantas, ninguém se entendia. É possível que nas outras cidades em que se realizaram provas simultaneamente com as que presenciei em São Paulo, não tenha havido os mesmos problemas. Mas nesta grande cidade de recorte novaiorquino as competições de ginástica e de ciclismo efectuaram-se quase sem ninguém dar por isso.

Por outro lado, os Jogos parecem repartidos por compartimentos estanques. O que se passa nesta ou naquela cidade só tarde chega, ou nem chega, ao conhecimento do publico ou dos próprios atletas, dirigentes e jornalistas, que se encontram noutros locais. Estou absolutamente convicto de que neste momento em Portugal, há uma visão muito mais completa, no plano conjunto, do que se está a passar nestes Jogos Luso Brasileiros. É que estou práticamente a zero com o que está a acontecer com o andebol, o basquete, o atletismo, a natação, o remo, etc. Os dirigentes aqui presentes, entre os quais o director-geral dos Desportos, não recebem notícias. E a Imprensa faz silêncio.

*

O professor José Céspedes Zanqueta, chefe de serviços do Ensino Secundário de Educação Física e Desportos de São Paulo, tem uma opinião que coincide perfeitamente com o que eu penso ocerca desta competição que importa manter mas que parece dever remodelar-se: «*Há demasiada dispersão, não se chega a fazer uma ideia dos Jogos no seu plano global e daí o pouco interesse que estão a despertar. Se se quiser realmente popularizar a competição é indispensável centralizar, fazendo-a disputar numa ou duas cidades, não mais. Assim teria, efectivamente, interesse desportivo.*»

O curioso é que nem uma só das pessoas com quem falei sobre estes assuntos não achasse maravilhosa esta ideia dos Jogos Luso-Brasileiros. Mas nem uma só se mostrou de acordo com a sua expressão actual, que poderá servir magnificamente a finalidade do convívio e do proporcionar conhecimento das terras que se visitam, faltando-lhe, no entanto, um passo que julgo de não menor interesse: a sua valorização desportiva, sem a qual não há interesse, nem do público, nem, até certo ponto, dos próprios atletas.

Talvez seja significativo contar que não havia mais de uma duzia de pessoas na bancada do velódromo de Itapuera quando se realizaram as primeiras provas de ciclismo em São Paulo. É evidente que isto, numa cidade onde vivem mais de seiscentos mil portugueses, só terá sido possível pela má informação da Imprensa — ela própria mal informada pela organização. Mas reflecte também a falta de entusiasmo, a todos os níveis, não pelos Jogos como ideia, mas pela magra fatia que cabe a cada cidade.

Aliás, o ciclismo forneceu-nos um exemplo da necessidade de um certo valor desportivo para prestígio dos próprios Jogos. Era precisamente uma modalidade em que se esperava que os portugueses — tradicionais vencedores da Volta ao Estado de São Paulo — marcassem posições interessantes. Mas a nossa Federação seleccionou quatro jovens amadores, sem experiência e sem grandes possibilidades no confronto com os já valiosos ciclistas do Brasil, que apresentaram, inclusivamente, um vice-campeão mundial. O desnível foi muito evidente no circuito de Belém do Pará. No velódromo, os portugueses (só dois no primeiro dia, devido a doença de Henrique Silva, da Ambar, e a um acidente do benfiquista Orlando Correia — e já com a presença deste no segundo dia de provas) sempre deram melhor conta de si, mas não ganharam uma unica das corridas. Resta acrescentar que estes ciclistas brasileiros, catalogados como «amadores» têm muito melhores condições materiais que os nossos chamados «profissionais».

No ginásio Banespa, também em São Paulo, estariam duas ou três centenas de pessoas a assistir ao Brasil-Portugal em ginástica. «*É o publico que normalmente assiste a qualquer competição entre colegiais*» — informaram-me.

*

Escrevo antes de se realizarem, aqui nesta imensa cidade de mais de seis milhões, jogos de andebol e de hóquei em patins. Acredito que estas competições já sejam rodeadas de maior carinho, principalmente pela grande colónia portuguesa. E isto porque o dr. Armando Rocha fez um oportuno apelo para que os portugueses de São Paulo estivessem presentes nas actuações dos nossos representantes. Aconteceu, isto, no decorrer de um interessante programa de variedades que encheu por completo a vasta sala de um teatro paulista. Um programa português — «Caravela da Saudade» — transmitido directamente por TV-Tupi. Os organizadores convidaram a delegação desportiva nacional, e alguns dos dirigentes brasileiros que sempre amàvelmente nos têm acompanhado, a subir ao palco, onde escutaram fartos aplausos. Foi, verdadeiramente, o primeiro e agradabilíssimo contacto com a colónia que, de uma maneira geral, devia desconhecer a presença de desportistas nacionais em São Paulo. Um programa interessante, bem português, em que se dançou o vira, sorteou-se uma viagem a Portugal, o Luís Alves, de «O Século» foi «promovido» pelo locutor a dr. Luís Alves, as jovens da ginástica dirigiram saudações á juventude desportiva brasileira e o dr. Armando Rocha falou com entusiasmo do luso-brasileirismo até tão bem representado por aqueles quase dois milhares de compatriotas.

*

Haverá, no fim dos Jogos, que fazer um balanço geral, completar o «puzzle». Talvez me tenha cabido o pior bocado, o capítulo mais frio desta competição amiga. Desde a cidade de Belém, progressiva mas ainda imprepara-da para que os Jogos tivessem um início que logo generalizasse o interesse por toda esta maravilhosa terra brasileira, até á grande colmeia paulista, práticamente surda, cega e muda para o acontecimento. Poderá ter havido, aqui e além, entusiasmo em torno de várias provas. Mas dissociadas dos Jogos, como expressão global.

Não creio que a melhor defesa dos Jogos Luso-Brasileiros esteja no aplauso incondicional, na repetida exaltação das suas virtudes. Ao contrário, será a análise do que não parece estar bem, a procura de uma valorização. Estes IV Jogos poderão ter completado uma fase inicial. Será, repito, a altura de estudar uma remodelação que os reforce e vivifique. É também a opinião dos brasileiros — gente do desporto — com quem tive o gosto de conviver.

Pausa num treino para um jovem com aspirações — Domingos, o guarda-redes do União de Lamas que veio tentar a sua sorte no Benfica

PUGILISMO

PUGILISTAS MOÇAMBICANOS DE NOVO EM LISBOA

Os adeptos do pugilismo certamente recordam a época áurea que o boxe atravessou quando vieram até nós, esses magníficos pugilistas que foram Beni Levi, Luís Eugénio «Xangai», Carlos Wilson e Fernando Matos.

Pois bem. Parece que a história vai repetir-se. O pugilismo tem milhares de adeptos e centenas de praticantes na nossa província de Moçambique e embora o Conselho Provincial de Desportos não dedique á modalidade, um interesse muito cuidado nem auxilie a Federação a organizar este desporto em normas regulamentares e disciplinares naquela província, o pugilismo vicceja exuberantemente em Lourenço Marques, Beira, Quelimane e outras cidades moçambicanas.

No panorama actual do pugilismo moçambicano Beni Levi treina os amadores do Sporting de Lourenço Marques e Al Pereira e Manuel Chora são entusiastas organizadores de sessões de boxe, o primeiro na Beira e o segundo em Lourenço Marques.

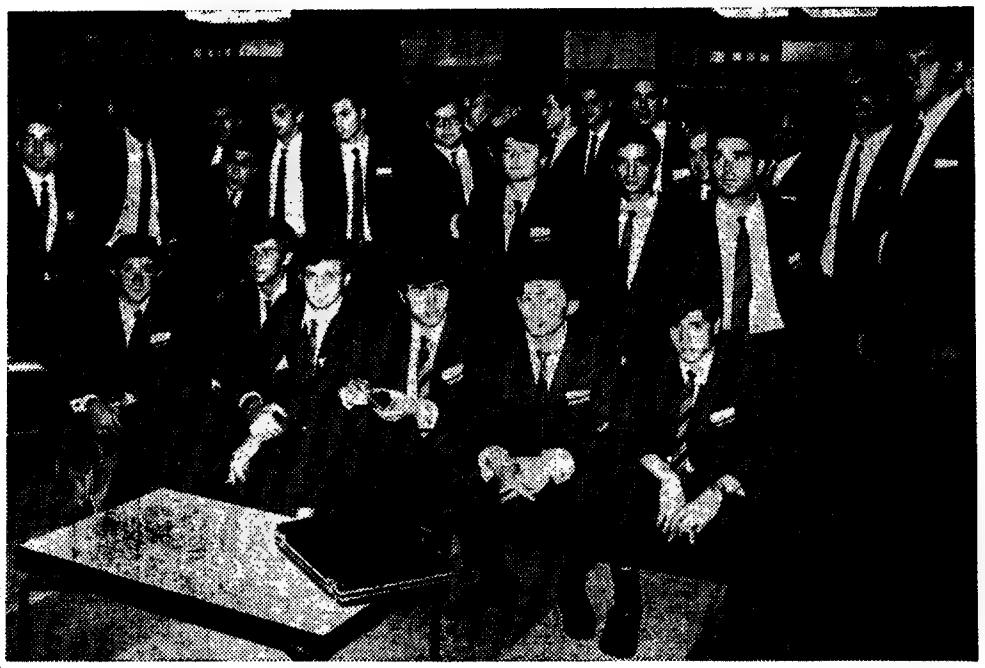
É este último quem pensa trzer á Metrópole três pugilistas moçambicanos que afirma terem muito valor.

Serão bem-vindos, pois poderão ser o «halali» do renascimento do profissionalismo entre nós.

A CAMPANHA NO BRASIL PARA ENTREGA AO BELENENSES DO ESTÁDIO DO RESTELO

RIO DE JANEIRO, 31 (ANI) — Está quase concluída a encadernação das folhas com trinta mil assinaturas de portugueses e brasileiros da campanha em prol do Belenenses, devendo o volume seguir em breve para Lisboa, a fim de que as autoridades competentes restituam àquele clube português o Estádio do Restelo, dando-lhe o nome de «Américo Thomaz», uma vez que o Presidente da República Portuguesa é o sócio mais ilustre do clube de Belém.

O organizador da campanha, Salustiano José Fernandes Lopes, agradeceu, por intermédio da Imprensa, a todos os que com ele colaboraram a bem do C. F. «Os Belenenses» e comunicou ter-lhe prometido o Presidente do Conselho Português, prof. Marcello Caetano, durante a sua recente visita ao Brasil, empregar os seus bons ofícios para que a Câmara Municipal de Lisboa entregue o estádio ao clube.



Basquetebol e andebol nos Jogos Luso-Brasileiros — representações entregues ao Sporting que, dignamente, procuraram bem cumprir a ingrata missão

ATLETISMO

Nos jogos europeus participam mais de 1250 atletas

ATENAS, 29.— (R.) —Mais de 1250 atletas concorrerão aos Jogos Europeus, que se realizam nesta capital de 16 a 21 de Setembro, segundo foi revelado.

O Estádio de Karaikakis, com capacidade para 40 000 espectadores e onde se realizam os Jogos, seria equipado com uma pista de «tartan» para todas as condições atmosféricas, semelhante á utilizada nas Olimpíadas do ano passado, no México.

A corrida da maratona, que assinalará o fim dos Jogos, seguirá a rota original desde o antigo campo de batalha em Maratona até Atenas.

INSCRIÇÕES NO BENFICA

Na Secretaria do Sport Lisboa e Benfica encontram-se abertas as inscrições para todas as raparigas que desejem praticar atletismo em representação do clube.

Em ALCOBAÇA o «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por José Narciso da Costa, Sue., Rua Dr. Oliveira Salazar, 54.

DESPORTO DESPORTO DESPORTO DESPORTO

8.º GRANDE PRÉMIO ROBBIALAC

Manuel Luís (Benfica) que venceu a etapa de ontem tem 24 anos e é do Cercal

OFIR, 31 — Chama-se Manuel Luís, tem 24 anos, mora no Cercal da Lourinhã, e é irmão do José Anastácio (que também correu no Benfica) e lá para Outubro casará com a Teresa: a quem manda um beijinho por intermédio do «Diário de Lisboa». Lábios brancos, seco e magro, nariz estreito. Não tem uma costura para rebentar: durante 178 quilómetros cavalgou para uma vitória que chegou a imaginar não poder apertar nos dedos.

Afinal, com a ajuda de José Pereira, Manuel Luís (que chegara a ter 9 minutos de avanço sobre o pelotão) atingiu a meta de Ofir com 7 segundos de vantagem sobre um Pedro Moreira com quase dois metros de altura e um Joaquim Agostinho que, dando-lhe pelo ombro, quase exclusivamente comandou a «caça á lebre».

À chegada, eram 66. Isto, reflecte luta abnegada e generosa, mas igualmente significa que, pelo menos 40% dos corredores que se inscreveram no «8.º Grande Prémio Robbialac» não possuem condições físico-técnicas para suportarem um esforço que se prolonga por 950 quilómetros.

Do zenite para o zero

Com 20 anos de idade e um mundo de sonhos á sua frente, o moçambicano José Reis não pode considerar-se um homem derrotado. Mas o golpe sofrido ontem, arredando-o de uma prova para a qual se preparara afincadamente, na qual empatara boa dose de esperança, na qual amalgamara muita fé, é um imponderável, um azar que está a trás da porta sem ninguém esperar. Foi José Reis quem me disse, de olhos tristes:

— *Andei cinco quilómetros com a minha máquina. De repente, um carreto avariou-se. Lá á frente, a acompanhar as «feras», ia a minha bicicleta pousada no carro do Sporting. Sentei-me na berma da estrada, á espera. Pois, veja você como o azar entrou comigo: em 15 quilómetros sofri três novas avarias. Cheguei á minha bicicleta, uma hora depois de a montar já me tinha enganado três vezes no percurso. A «caixa de ar» começou a dar de si, a apertar-me, a asfixiar-me. E a temperatura, o clima, eu sei lá...*

José Reis: a derrota estampada no olhar muito límpido. Desistiu depois de ter pedalado 120 quilómetros, isolado, na cauda do pelotão, longe de uma língua de gente que se lhe escapulia da vista como enguia de entre os dedos.

— *Contava chegar ao fim* — diz-me ele. «*Mas aquele maldito quadro que se partiu, o atraso de 15 minutos das «estrelas», o estar ali sózinho, sem nenhum colega de*

por

NEVES DE SOUSA

(nosso enviado especial)

equipa, sem ninguém que pudesse «voar» lá ao fim, até junto do carro do Sporting, e trazer-me a correr a ultima bicicleta... Ah!, meu amigo, isto dói.

José Reis apontou o peito. Está oprimido, derreado, sem força para mais nada que não seja desabafar: que é aluno de Minas, que namora mas não sabe quando casará, que está muito grato a Damasceno Covão pela oportunidade que lhe deu de vir lá da sua Beira distante até ao continente. De vir jogar a sua sorte numa carreira profissional diferente da que era seu sonho de menino. Mas o azar, esse azar negro e ternível, arrojaria José Reis para o grupo dos desistentes, para os que só muito tempo depois dos vitoriosos terem atravessado a meta souberam que fora o benfiquista Manuel Luís quem, com uma arrancada empolgante (apenas em dois terços de 178 quilómetros compartilhados pelo brioso Pereira, da Coelima) o vencedor desta tirada inicial do «8.º Grande Prémio Robbialac». E o nosso José Reis, o rapaz simples e modesto de Moçambique, estudante universitário que anda de bicicleta aos domingos, veio agora mesmo ao pé de mim só para que eu diga aos seus amigos de África que tudo o que lhe sucedeu foi obra de azar. E que ressalve o facto do carro de apoio do Sporting não ter notado que ele ficava lá para trás.

— *No fim de contas* — disse José Reis — *o mundo será sempre das vedetas.*

Agostinho: afinal ganhou 25 contos

Aliás, foi uma vedeta que comandou as operações e se tornou o pólo central do olhar de muitas dezenas de milhar de pessoas que, no Minho, viram o «Grande Prémio Robbialac» levar-lhes á porta o «homem do dia». Uma vedeta chamada Agostinho que puxou sózinho pelas correntes de setenta máquinas (João Roque foi a unica excepção). Uma vedeta que não encontrou nos outros clubes o apoio que solicitava para a média subir e não ficar em magros 35,747 km/h.

Como jogo de equipas, o Benfica fez o seu: perfeito. O F. C. Porto pode considerar-se como o grande fracassado nesta primeira jornada: podemos revelar que Mário Silva, meia hora antes da partida, quase exigiu prémio de presença igual ao de Agostinho para dar umas pedaladas. Mas Damasceno Covão fez-lhe ver que o prémio era apenas para Agostinho, e como consequência do valor dos contratos perdidos em França neste mesmo período de tempo em que decorre o «Grande Prémio Robbialac»

— *O senhor ainda vai ouvir falar muito de mim* — respondeu Mário Silva.

Cá está: Joaquim Agostinho chegou em quarto, comandou toda a perseguição, apanhou aplausos de multidões de todas as cores clubistas. Mário Silva foi aquele rapaz, com o n.º 41 na camisola, que entrou em 15.º com mais vinte ao seu lado.

*

Manuel Luís: triunfo da combatividade. José Pereira: prémio para a generosidade. Joaquim Agostinho: um caso de tenacidade.

Hoje falamos deles e de mais ninguém.

Manuel Luís — primeiro «camisola amarela» no «Grande Prémio Robbialac»

«FLASH» DA ETAPA

Aos 15 quilómetros 7 corredores tentaram a sua sorte: Albino Alves, José Nunes, José Luís Pacheco, José Viegas, Firmino Bernardino, Daniel Vitorino e Américo Silva. Mas foi José Viegas quem conseguiu pedalar isolado durante 7 quilómetros. Absorvido depois, pelo pelotão estivemos 18 quilómetros á espera de que mais qualquer coisa se passasse: foi em Vila Praia de Ancora, onde José Reis passou com 20 minutos de atraso e Manuel Luís «disse adeus» aos companheiros.

Com 54 quilómetros de corrida o benfiquista tinha 2 m e 5 s. de vantagem, que manteve durante 20 quilómetros. Aos 100 quilómetros um rapaz de Pevidém, José Pereira, de seu nome não quis abastecer-se e fugiu em perseguição do benfiquista que apanhou em Vila Verde. Os dois rapazes revezaram-se no comando que aos 147 quilómetros lhes marcava uma diferença favorável de 8 m. e 55 s. Mas cá atrás o indomável Joaquim Agostinho (palmas para o Senhor ciclista) *obrigou 60 homens a encurtarem a desvantagem para 3 m. e 40 s. Em Famalicão Manuel Luís e José Pereira tinham 1 m e 35 s. de avanço e quando atingiram Ofir, ao quilómetro 221,7 segundos era o magro prémio para uma proeza de arrebatar.*

CLASSIFICAÇÃO GERAL

1.º, Manuel Luís (Benfica), 6 h. 10 m. 41 s.; 2.º, José Pereira (Coelima), 6 h. 10 m. 46 s.; 3.º, Pedro Moreira (Benfica), 6 h. 10 m. 58 s.; 4.º, Joaquim Agostinho (Sporting), 6 h. 11 m. 08 s.; seseguido de um pelotão com 45 unidades onde os nomes mais destacodos eram Custódio Gomes (F. C. Porto), Albino Alves (Ambar), Fernando Mendes e Augusto Fortes, (Benfica), Manuel da Costa (Ambar) e José Santos (Benfica).

Completaram a etapa 66 corredores, mas os dois ultimos (Fernando Brito da Ambar, e José Avelino dos Santos do Luanda e Benfica, entraram com o «contrôle» encerrado).

Desistiram durante a etapa, Norberto Duarte e Manuel Lote, do Sangalhos; António Pires, do Luanda e Benfica; Manuel Sousa e Joaquim, do F. C. Porto; Emanuel Cortinhola, da Ambar; Rogério Domingues, de Tavira; António Domingos do Coelima; e José Reis, do Sp. de Lourenço Marques.

Em virtude de não ter sido atingida a média fixada para a etapa, os prémios foram reduzidos a 50 por cento.

Todavia, o juri atribuiu um prémio especial de 600 escudos a Manuel Luís, do Benfica, e também a José Pereira, do Coelima, que se revelaram com muita fibra no decorrer da etapa.

As metas «Viton» foram vencidas respectivamente em Vila Praia de Ancora por Augusto Cardoso (Benfica); em Vila Verde e Barcelos por Manuel Luís (Benfica. Quanto ás metas «Robialac», houve três vencedores: José Viegas (Tavira), em Viana do Castelo; Manuel Luís (Benfica), em Ponte da Barca e José Pereira (Coelima) em Braga.

Classificação por equipas

1.º, Benfica, 18 h. 33 m. 02 s.; 2.º, Coelima, m. t.; 3.º, Ambar, 18 h. 33 m. 09 s.; 4.º, Sporting, m. t.; 5.º, F. C. Porto, m. t.; 6.º, Tavira, m. t.; 7.º, Sangalhos, m. t.; 8.º, Sport Luanda e Benfica, 19 h. 35 m. 02 s.

Por pontos Manuel Luís (20) comanda. Quanto á classificação «Viton», Manuel Luís e Augusto Cardoso, do Benfica, e José Pereira, da Coelima, são os melhores classificados.

BELENENSES EM ANGOLA

—Segundo jogo, segunda vitória

No Lobito e defrontando a selecção desta cidade, o Belenenses efectuou o segundo jogo integrado no programa da sua actual digressão a Angola.

Voltaram os «azuis» a vencer, desta feita por 3-0, com 2-0 ao intervalo.

Uma primeira parte veloz, intencional, francamente bem jogada, manietou, desde logo, a animosa turma lobitense e convidou o Belenenses para um futebol de bom recorte. Menor, portanto, do que se esperava, a resistência dos angolanos, mas mais espectacular a exibição dos lisboetas. Na 2.ª parte, naturalmente, o tom baixou um pouco, nunca estando em duvida, porém, a superiodade da equipa metropolitana.

Os golos do Belenenses foram obtidos por Ernesto (2) e Esteves.

Quanto aos novos recrutas agradaram claramente as actuações de Quinito e Djalma, que prometem vir a ser de grande utilidade para a equipa do Belenenses.

CONCURSO DE PESCA DESPORTIVA NO RIO ALMANÇOR

Organizado pelo Clube dos Amadores de Pesca de Portugal, realiza-se no dia 3 de Agosto, no rio Almançor, o 11.º Concurso de Pesca Desportiva Interclubes

O concurso será disputado individual e colectivamente por pescadores inscritos em quaisquer das associações de pesca desportiva e legalizados para o corrente ano.

As inscrições encontram-se abertas até ao dia 1 de Agosto, na sede do C. A P. P., Rua do Salitre, 175, r/c, dt.º, podendo, ainda, ser feitas pelo telefone 684805.

Os «alcatruzes da nora»...

O MÓNACO DESCEU DE DIVISÃO

• PENSA-SE NA RECONQUISTA E O FILHO DE RAINIER SERÁ POSSÍVEL JOGADOR...

A A. S. Mónaco, que na sua história, tem pertencido à «élite» do futebol francês reflecte a crise actual deste desporto em França.

O onze do principado perdeu, em Paris, por 2-0 o jogo de passagem. Foi seu adversário a A. S. Angoulême que, como segunda classificada da II Divisão tinha direito ao jogo com o penúltimo da I Divisão.

No primeiro jogo, em Angoulême, o Mónaco ganhou por 2-1. Em Monte Carlo, porém, perdeu surpreendentemente, por 1-0, golo de Grizetti o melhor rematador da Europa. No jogo de desempate, em Paris, voltaram a perder por 2-0 e ficaram fora da I Divisão.

A A. S. Mónaco foi sempre considerada, pelo Príncipe Rainier, grande entusiasta do futebol e que segue os encontros de uma janela do palácio que fica sobre o campo, como um elemento de propaganda do seu principado e da Cote d'Azur.

Deu sempre bons subsídios ao clube e ajudou-o o melhor que pôde em todas as circunstâncias.

Em 1961 o Mónaco ganhou o seu primeiro título de campeão de França e em 1963 conseguia a façanha de ganhar o campeonato e a «Taça». Do onze que cometeu tal façanha faziam parte Artelesa, Hidalgo, Biancheri, Douis, Cossou, Theo e Carlier um jogador holandês internacional.

Depois as coisas começaram a correr mal para o Mónaco. Mudou várias vezes de treinador, últimamente de Direcção, também.

Agora pensam organizar uma equipa de jovens talentosos para voltarem à I Divisão.

Neste onze de reconquista da posição perdida é natural que alinhe o príncipe herdeiro, que joga nos juniores do Mónaco e é tão entusiasta pelo futebol como seu pai.

ACAMPAMENTO INTERNACIONAL DE JUDOCAS

Organizado pela Federação Portuguesa de Judo e pelo Clube Naval Setubalense, com o patrocínio da Comissão Regional de Turismo da Serra da Arrábida, realiza-se de 16 a 31 de Agosto, o II Acampamento Internacional de Judo, no castelo de Palmela. Do programa consta um estágio dirigido por John Ryan, treinador da equipa inglesa de judo e, ainda, diversos festivais, recepções e digressões.

No dia do encerramento, disputar-se-á um torneio aberto a todos os judocas, encontrando-se já inscritas numerosas representações de vários países.

GOLFE

CAMPEONATO EUROPEU DE JUNIORES

Com a participação de onze equipas começou a disputar-se no campo da Penina o campeonato europeu de golfe, de juniores, por equipas.

A pontuação das equipas depois da jornada de ontem é o seguinte: Suécia, 383 pancadas; Holanda, 394; Bélgica, 397; Suiça, 403; Espanha, 404; Alemanha, 407; Itália, 411; Dinamarca, 419; França, 423; Portugal, 424 e Áustria, 427.

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os comboios eléctricos.

Conta Juventude

BANCO DO ALENTEJO

OS EXAMES DO ENSINO TÉCNICO

Publicamos a seguir a solução da primeira prova do Curso Geral de Comércio (Exame de Aptidão), cujo enunciado inserimos nas nossas edições de ontem.

2 — PEDIDOS

2.0 — Cálculos

2.0.0 — Preço médio do café «Moka»:

720 s × 60 kg → 43 200 kg × 28$99 = 1 209 600$00
300 s × 60 kg → 18 000 kg × 20$00 = 360 000$00
Despesas: 21 600$00

1 591 200$00

Frete ...... 33 640$00
Seguro ... 4 145$00
Carretos ... 1 815$00

39 600$00

39 600$00: 33 000 kg = 1$20/kg

Despesas atribuídas ao café «Moka»
18 000 kg × 1$20 = 21 600$00

$$Pm = \frac{1\,591\,200\$00}{61\,200\ kg} = 26\$00/kg$$

Preço médio de custo: 26$00/kg

2.0.1 — Valor líquido do desconto:

100 s × 60 kg = 6 000 kg
6 000 kg × 42$00 = 252 000$00

Desconto de 10% s/ 252 000$00 → 25 200$00

1.º líquido: 226 800$00
Desconto de 5% s/ 226 800$00 → 11 340$00

2.º líquido: 215 460$00
Nota de crédito n.º 78 → 2 513$70

212 946$30

Letra de 212 946$30, a 60 d/v; aceite com data de 23/Julho; tempo: 58 d + 2 = 60 dias.

Desconto.

$$D = \frac{212\,946\$30 \times 4.5 \times 60}{36\,000} = 1\,597\$10$$

Transferência:

$T = 212\,946\$30 \times 0{,}002 \simeq 425\$90$ (v. ap.)

$D + T = 1\,597\$10 + 425\$90 = 2\,023\$00$

Imposto:

$J = 2\,023\$00 \times 0{,}03 \simeq 60\$70$ (v. ap.)

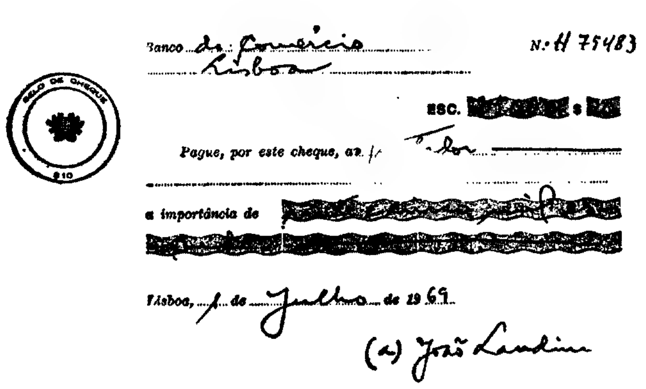
Prémio de desconto:

$1\,597\$10 + 425\$90 + 60\$70 = 2\,083\$70$

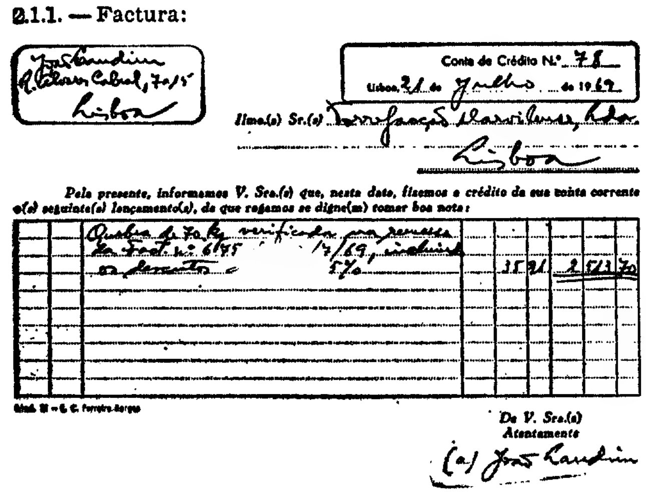
$L - P.\ D. = 212\,946\$30 - 2\,083\$70 = 210\,862\$60$

2.1 — Documentos

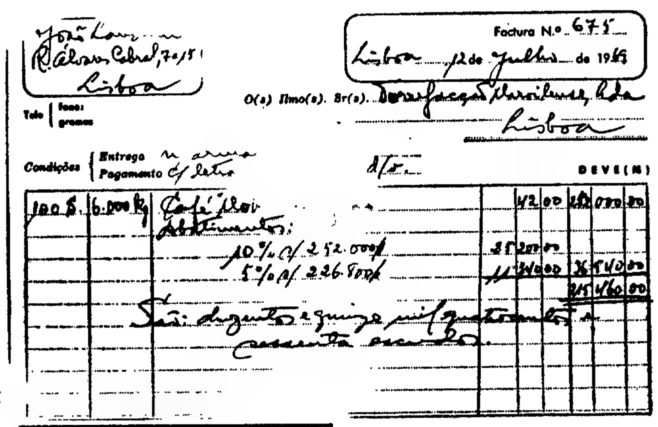
2.1.0 — Cheque:


Banco do Comércio
Lisboa
N.º H 75483
Esc. [redacted]
Pague, por este cheque, a ...
a importância de [redacted]
Lisboa, 1 de Julho de 1969
(a) João Landim

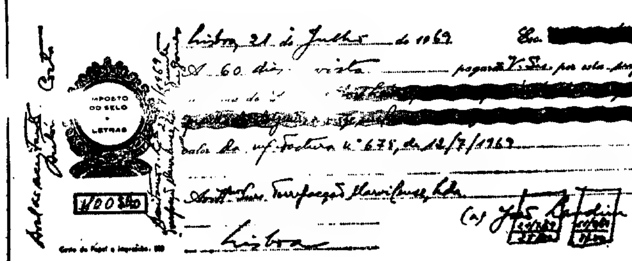
2.1.1. — Factura:


João Landim
R. Álvares Cabral, 70/5
Lisboa
Conta de Crédito N.º 78
Lisboa 21 de Julho de 1969
Ilmo.(s) Sr.(s) Torrefacção Marvilense, Lda.
Lisboa
Pela presente, informamos V. Sra.(s) que, nesta data, lançamos a crédito da sua conta corrente o(s) seguinte(s) lançamento(s), de que rogamos se digne(m) tomar boa nota:
Quebra de 70 kg verificada na remessa da fact. n.º 675 ... 7/69, incluindo os descontos ... 5% ... 35$91 2.513$70
De V. Sra.(s)
Atentamente
(a) João Landim

2.1.2 — Nota de Crédito:


João Landim
R. Álvares Cabral, 70/5
Lisboa
Factura N.º 675
Lisboa 12 de Julho de 1969
O(s) Ilmo(s). Sr(s). Torrefacção Marvilense, Lda.
Lisboa
Condições: Entrega no armazém; Pagamento c/ letra
DEVE(M)
100 s. | 6.000 kg | Café Moka ... 42$00 | 252.000$00
Abatimentos:
10% s/ 252.000$ 25.200$00
5% s/ 226.800$ 11.340$00 36.540$00
215.460$00
São: duzentos e quinze mil quatrocentos e sessenta escudos.

2.1.3 — Letra:


Lisboa 21 de Julho de 1969 Esc. [redacted]
A 60 dias vista pagará V. Sa. por esta única ...
[redacted]
valor da n/ factura n.º 675, de 12/7/1969
Torrefacção Marvilense, Lda.
Lisboa
(a) José Landim

Verso da letra: «Pague-se ao Banco de Comércio ou à s/ordem. Valor em conta. Lisboa, 25/7/1969. (a) José Leiria.

2.2 — Escrituração

DIÁRIO DE CAIXA

DEVE

Datas		Descrição	N.º Doc.	Total	Dep. à Ordem	Devedores e Credores	Diversos
1969 Julho	1	Saldo anterior		14.780.00			
	1	N/cheque n.º H75 483 s/ B. C.		25.000.00	25.000.00		
	8	Café Monaco, Lda.	793	3.500.00		3.500.00	

HAVER

Datas			N.º Doc.	Total	Devedores e Credores	Despesas gerais	Mercadorias	Diversos
1969 Julho	18	João Pires, s/fact. 358	788	23.480.00	23.480.00			
	21	Compra de letra		428.20		428.20		
	28	Carretos e mais despesas		1.815.00			1.815.00	

2.2.1 — Ficha de armazém:

Datas		Descrição	N.º do Doc.	Quantidades D.	Quantidades H.	Quantidades S.	Preços D.	Preços H.	Preços S.	Importâncias D.	Importâncias H.	Importâncias S.
1969 Julho	1	Saldo anterior		49.200		49.200	28.00		28.00	1.377.600.00		1.377.600.00
	12	Venda a T. Marvilense.	675		6.000	43.200		28.00			168.000.00	1.209.600.00
	28	Compra a C. R. Planalto	2973	18.000		61.200	20.00			360.000.00		1.569.600.00
	»	Despesas							26	21.600.00		1.591.200.00

2.2.2 — Diário de Vendas:

Datas		N.º das Facturas	Clientes	Localidade	Total	Obs.
1969 Julho	12	675	Torrefacção Marvilense, Lda.	Lisboa	252.000.00	

2.3 — Correspondência:

Carta dirigida à Torrefacção Marvilense, Lda.:

«Acusa a recepção da carta de 15/7/69; explica o motivo da quebra de peso; junta a nota de crédito n.º 78; aguarda o favor de novas ordens.»

LICEU-INSTITUTOS
1.º, 2.º E 3.º CICLOS
2.º CICLO POR SEC. E DISCIPLINAS
CURSOS DE LINGUAS
Francês ★ Inglês ★ Alemão
● Escola São Vicente:
— Rua do Paraíso 28 — T. 86 59 04
● Externato Marquês de Pombal:
— Rua Carrilho Videira, 10 — T. 83 46 58
— Rua Edith Cavel 8-1. — T. 82 02 21
CURSOS DE FÉRIAS
Julho, Agosto e Setembro

SÁ DE MIRANDA
EXTERNATO LICEAL E PRIMARIO
RUA ALEXANDRE BRAGA 17 — TELS. 45310 E 537532

CARTAZ DOS CINEMAS

VOX
Tel. 720808

Às 18.30 e 21.45 (M 21 anos)
2.ª SEMANA A ESGOTAR!
O filme revelação das funções naturais da vida
HELGA
(O segredo da maternidade) comentado em português
(Ar condicionado)
AVISO:
É indispensável a apresentação do bilhete de identidade àquelas pessoas cuja aparência possa suscitar dúvidas

EDEN
(M 6 anos) Tel. 320768
DOIS PROGRAMAS À SUA ESCOLHA!
À tarde — 15.15 e 18.30
GRANDE PARADA WALT DISNEY
Technicolor

À noite — 21.45 — (Adultos)
ROBERT STACK e VIRGINIA MAYO em
TERRA SANGRENTA
Technicolor

MONUMENTAL
(M. 12 anos) Tel. 555131
Às 21.30 no «écran» gigante
3.ª SEMANA
SPARTACUS
com Laurence Oliver, Kirk Douglas e Jean Simmons

CONDES
Telefs 322523 - 326710
Às 21.30 (M 12 anos)
2001, ODISSEIA NO ESPAÇO
Panavision Metrocolor
70 m/m
(Ar condicionado)
No programa «A Investidura do Príncipe Carlos, Príncipe de Gales» — colorido

Às 15.15 e 18.15 (Para todos)
O MELHOR DE BUCHA & ESTICA

RESTELO
(M. 17 anos) Tel. 610375
As 21.30
RESGATE HUMANO
com FRANCO NERO e CHARLOTTE RAMPHING

CHIADO TERRASSE
(M. 17 anos) Tel. 320917
As 21 horas
LADRÕES DE BICICLETAS
UMA PROVINCIANA NA COSTA DO REI SOL

IMPERIAL
(Adultos) Tel. 45933
As 21 horas
OFÍCIO DE MATAR
AS AVENTURAS DO FANTASMA LA TULIPE

AVIS
(M. 12 anos) Tel. 47163
ÀS 21.45
O MAIS INTRIGANTE DOS AGENTES SECRETOS!
O SUPER AGENTE FLIT
com RAIMOND VIANELLO e PAMELA TUDOR
EASTMANCOLOR
AR CONDICIONADO

SÃO LUIZ
(Adultos) Tel. 327172
Às 15.15, 18.15 e 21.30
com Clark Gable e Sophia Loren
COMEÇOU EM NÁPOLES

ALVALADE
(Adultos) Tel. 763080
Às 15.45 e 21.45
com Clark Gable e Sophia Loren
COMEÇOU EM NÁPOLES

ODEON
(M. 12 anos) Tel. 326283
Às 15.15 e 18.15 (p. r.) e às 21.30
a 1.ª notável realização de Henrique Campos
UM HOMEM DO RIBATEJO
com Barreto Poeira, Julieta Castelo e Eunice Muñoz
A história de um pedaço de terra onde o Tejo dá o pão e rouba vidas...
HERMÍNIA SILVA num fado!
ALBERTO RIBEIRO numa canção!

MUNDIAL
(Adultos) Tel. 538743
Às 15.15, 18.30 e 21.45
Sensacional reposição!
Sophia Loren e Marlon Brando vivem a mais hilariante comédia do ano!
A CONDESSA DE HONG-KONG
Um filme de Charlie Chaplin
TECHNICOLOR
(AR CONDICIONADO)

LIZ
(Adultos) Tel. 48560
As 21 horas
JOGOS PERIGOSOS
UMA GAROTA DO OUTRO MUNDO

EUROPA
(M. 12 anos) Tel. 661016
Às 15.15 e 21.30
Um mundo esquecido, estranho, onde o tempo parou!
A SUL DO RIO GRANDE
com James Franciscus, Gila Golan e Richard Carlson
TECHNICOLOR
AR CONDICIONADO

IMPÉRIO
(Adultos) Tel. 555134
Às 15.15 e 21.30
2.ª SEMANA
Ele, Strange... ela, Frederika... para quem o amor tinha qualquer coisa de proibido...
O CASO STRANGE
com Michael York, Susan George e Jeremy Kemp
Um filme de David Greene
Technicolor

ESTÚDIO
(M. 12 anos) Tel. 555134
Às 15.30, 18.30 e 21.45
3.ª SEMANA
O extraordinário filme de WALT DISNEY
O DESERTO MARAVILHOSO
TECHNICOLOR

SÃO JORGE
Telef. 54153
HOJE, ás 15.15 e 18.15
(M. 6 anos)
ULTIMAS EXIBIÇÕES DE
NAMU — RAINHA DOS MARES
Premiado com:
«Arquero de Oro» — Melhor longa-metragem do Festival de Gijon
«Oso Pardo Astoriano»
«Platera de Plata»
ATENÇÃO!
A 1.ª parte da 2.ª «matinée» é preenchida com uma demonstração de fantoches por Francisco Esteves da «CASA DA COMÉDIA»

Às 21.30 (M. 17 anos)
ESTREIA
ESCROQUE ELEGANTE
com DICK VAN DYKE — EDITHW EVANS

POLITEAMA
Tel. 326305
HOJE, às 15.15 (P. r.) e às 21.30
EM 2.ª SEMANA SENSACIONAL
Um choque de paixões bárbaras estimulando a fúria de matar
TEMPO DE MASSACRE
com FRANCO NERO e GEORGE HILTON
UM FILME DE ARREPIANTE FEROCIDADE
(Scope-Col.) (M. 17 anos)
HOJE, às 18.30 (M. 17 anos)
SESSÃO CLÁSSICA

CASINO ESTORIL
(M. 17 anos) Tel. 260729
Às 17 e 21.30
PEQUENO ALMOÇO EM CAMA DE CASAL
com LISELOTTE PULVER e O. W. FISCHER

TIVOLI
(M. 12 anos) Tel. 56598
Às 9.30 da noite
60.ª SEMANA
do maior êxito de todos os tempos!
MÚSICA NO CORAÇÃO
com Julie Andrews e Christopher Plummer
Exclusivo desta sala

ROMA
(Adultos) Tel. 727778
Às 21.45
Um filme que todos desejarão recordar!
PÃO, AMOR E FANTASIA
com Gina Lollobrigida e Vittorio de Sica
(AR CONDICIONADO)

ESTUDIO 444
(Adultos) Tel. 779095
Às 18.30 e 21.45
2.ª SEMANA
Um poema de graça e de imagens!
O CASAMENTO
(Le Mariage ou Mazel Tov)
com Claude Berri e Elisabeth Wiener
EASTMANCOLOR
AR CONDICIONADO

LIDO
Praça D. João I — AMADORA
Às 21.30 — (M. 12 anos)
O maior êxito de CANTINFLAS!
Um filme com graça e ternura
O BOM PASTOR

OUTROS ESPECTÁCULOS

ÓPERA

TRINDADE — Às 21 e 30: «La Scala di Seta» (12 anos).

TEATROS

MONUMENTAL — Às 21 e 45 e ás 23 h.: «Ri-te, Ri-te» (17 anos)
VARIEDADES — Às 21 e 45: «Os Direitos da Mulher» (17 anos)
GIL VICENTE — Às 22 h.: «A maçã» (17 anos).

CINEMAS

OLIMPIA — Às 19: «O tumulo do Faraó» (17 anos).
PARIS — Às 21: «A pequena virtude» (17 anos).
JARDIM — Às 21: «O grande pistoleiro» (17 anos).
CINEARTE — Às 21: «O vale dos bonecos» (17 anos).
ARCO IRIS — Às 21: «A deusa do ouro» (12 anos).
SALÃO LISBOA — Às 21: «O homem que veio do futuro» (12 anos)
MOSCAVIDE — Às 21: «Madigan» (17 anos).
IDEAL — Às 21: «O homem de Oklaoma» (17 anos).
ORIENTE — Às 21: «A brigada nua» (12 anos).
SPORT L. BENFICA—Às 21 e 15: «Tarzan e a caçadora» (12 anos)
BOMB. VOLURES — Às 21 e 15: «Golpe sobre golpe» (17 anos).
ENCARNAÇÃO — Às 21: «Boa noite sr.ª Campbell.» (17 anos).

● Linha de Cascais

OEIRAS — OEIRAS-CINE — Às 21: «Rua sem lei» e «Como salvar um casamento e arrumar-se» (17 anos).
PAREDE — ROYAL-CINE — Às 21: «O Louco» (17 anos)
ESTORIL — CASINO — Às 17 e ás 21 e 30: «Pequeno-almoço em cama de casal (17 anos); CINE-ESPLANADA — Às 21 e 30: «Eles com elas» (12 anos).
CASCAIS — S. JOSÉ — Às 21 e 30: «A queima roupa» (17 anos).

● Outra Banda

ALMADA — INCRIVEL — Às 21 e 15: «Quatro damas para um ás» (17 anos)
COSTA DA CAPARICA — CINE-COPACABANA — Às 21: «A minha filha é um problema» e «Um espião chamado Solo» (17 anos)
TRAFARIA — PAVILHÃO JARDIM — Às 21 e 15: «Mistério do Alto da Falésia» (17 anos).
COVA DA PIEDADE — UNIÃO ARTÍSTICA — ÀS 21 e 30: «Cantinflas em calças pardas» (17 anos)

● Linha de Sintra

DAMAIA — D. JOÃO V — Às 21 e 30: «Pinocchio» (6 anos).
AMADORA — RECREIOS DESPORTIVOS — Às 21 e 15: «Filhos de ninguém» (17 anos)
SINTRA — CARLOS MANUEL — Às 21 e 30: «Gigantes em duelo» (17 anos)

NO TEATRO VARIEDADES
HOJE, ÀS 21.45 H. (Adultos)
VASCO MORGADO apresenta
A comédia de ALFONSO PASO
«OS DIREITOS DA MULHER»
Domingos, à tarde, às 16 h.

UM CASO MUITO SÉRIO TRATADO A «RIR»

C.ª TEATRO ALEGRE
HENRIQUE SANTANA
IRENE ISIDRO — COSTINHA
LIA GAMA
MARIA HELENA — HENRIQUE SANTOS
LUISA DURÃO
HELENA ISABEL — BENJAMIM FALCÃO

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

● Em Lisboa — Turno M

(Ver pelos bairros das mediações e telefones entre parênteses)

ALCÂNTARA — Probidade, R. de Alcântara, 15-A-B (638589).
AJUDA — Lídia Almeida, Calçada da Ajuda, 170 (6373 8)
ALTO DO PINA — Eusti, R. Barão Sabroso, 104 (841912)
ALVALADE — Rainha Santa, Rua Al. Lopes Vieira, 57-B (765262) ✻ Alentejo, Av. da Igreja, 28-B (712682)
ANJOS — Guerra, Rua Andrade, 32-36 (845513).
AREEIRO — Belo, Av. de Roma, 53-A (776314) ✻ Estados Unidos, Av. Estados Unidos da América, 16-B (725859) ✻ Central do Areeiro, Av. Paris, 2 e (720820).
AVENIDAS NOVAS — Santa Maria, Av. 5 de Outubro, 283-A (763016) ✻ Cardoso, Lda., Av. Visconde Valmor, 28-A-B e C (772291) ✻ Saldanha, Av. Praia da Vitória, 53-55 (43938).
BAIRRO AZUL — Sirius, R. Fialho de Almeida, 38-A (44000)
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO — Ascenso, Rua 27, 41 (311216)
BAIXA — Frazão, R. das Portas de St.º Antão, 72 (328180) ✻ Durão, R. Garret, 90-92 (324166)
BENFICA — Marques, E. de Benfica, 648 (700096) ✻ Vitex, Est. de Benfica, 373-B (780548) ✻ S. João, Est. da Luz, 124-A (783179).
CAMPO DE OURIQUE — Condestável, R. Coelho da Rocha, 119 (666206) — Almeida, R. Silva Carvalho, 136 (681726).
CAMPOLIDE — Imparcial, R. General Taborda, 28 (680931) ✻ Rualto, Lda., Rua do Alto do Carvalhão, 5-A-5-B (651721).
CHARNECA — São Bartolomeu, Vila Paulo Jorge, 1 — Galinheiras (790969).
CHILE — Lab.º do Brasil, R. Alves Torgo, 29-31 (46843).
CONDE BARÃO — Lys, R. da Esperança, (17-19 (660913).
CONDE REDONDO — Branco, Av. Duque de Loulé, 61-65 (45048).
ESTRELA E LAPA — Gama, Calç. da Estrela, 130 (660339).
GRAÇA — Anunciada, R. do Vigário, 74 (866360) ✻ Progressiva, Rua St.ª Marinha, 18 (8636 9)
LUMIAR — Patutela, Herdeiros, R. do Lumiar, 122-124 (790332)
OLIVAIS — Fernandes Borges, R. C. 3, Lote 300 (311091) ✻ Central dos Olivais, Rua Afonso Barnaro Ruas 7-C, Olivais-Norte (315539).
PALHAVÃ — Curie, Av. Madame Curie, 15-A (778439).
PAMPULHA — Infante Santo, R. do Olival, 290 (661003).
PATRIARCAL — Cunha, Rua da Escola Politécnica, 6 (62545).
PEDROUÇOS — Restelo, R. Duarte Pacheco Pereira, 11-C — (610741)
PENHA DE FRANÇA — Dimas, Rua Conde de Monsaraz, 17-B (842583)
PICHELEIRA — Mariuz, Calç. da Picheleira 140-B-C (720703) e 728395)
REGO — Prates & Mota, Rua do Benefic.ência, 91 (773728).
SANTO AMARO — St.º Amaro, Rua F. Elísio, 29-A-B (637070).
SÃO PAULO — Ultramarina, Rua de S. Paulo, 01 (321771).
DE SANTA APOLÓNIA AO BEATO — Grilo, R. do Grilo, 25 ✻ Alves de Carvalho, Rua do Vale de St.ª António, 7-9 (840125). 48-A (2511234).
MOSCAVIDE — Varela — Av.ª de Moscavide, 44 (Tel 2518520). ✻ Império — R. de Olivença,

● Linha de Cascais

ALGÉS — Almeida Nifa, Avenida Comb. G. Guerra, 64 (212070)
CAXIAS — Nova — Rua Bernardim Ribeiro, 1-A (Tel. 242839)
PAÇO DE ARCOS — Trindade Brás, Rua Coste Pinto, 186 243 20 34)
OEIRAS — Godinho — R. Cândido dos Reis, 98 (Tel. 2430090).
PAREDE — Brandão, Av.º da República, 77-C (2471054)
ESTORIL — S. João (Tel. 261186)
MONTE ESTORIL — Suiça, Cruzeiro (260087).
CASCAIS — Cordeiro — Av. Comb. G. Guerra 40 (Tel. 280170-28149); Nova — Estrada de Alvide—Fontainhas (T. 281044).

● Linha de Sintra

AMADORA — Dias, Av. Marquês de Pombal, Lote 9 (934589) ✻ Campos, R. Elias Garcia, 185 (930072) ✻ Clobel, R. António Sardinha, 23-D (938551).
DAMAIA — Confiança, Estrado Militar, Lote D (971023).
QUELUZ — Correia, L. do Mercado, 3 (950905) ✻ «Zeller, R. da República, 83 (950045).
CACÉM — Central — R. Elias Garcia, 55 (Tel. 2940034).
MEM MARTINS — Quimia — Est. Mem Martins, 285 (T. 2910012)
S. PEDRO DE SINTRA — Valentim (Telef 980456)
SINTRA — Marrazes (Estefânia) — Largo Afonso de Albuquerque (980058)
COLARES — Colares — Abreia (Tel. 299088).

● Outra Banda

ALCOCHETE — Gameiro, L. António dos Santos Jorge, 15 (Tel. 234100)
ALHOS VEDROS — Gusmão, R. Cândido dos Reis, 30 (22 40 20).
ALMADA — Nuno Álvares, Avenida D. Nuno Álvares Pereira, 39 (270504)
BAIXA DA BANHEIRA — Aliança — Est. Nacional, 74 Tel. (224302)
BARREIRO — Pimenta, R. Cons. Joaquim António de Aguiar, 259 (2273012)
COVA DA PIEDADE — Castro Rodrigues, L. 5 de Outubro, 62 270121)
MOITA — Silva Rocha, P. da República, 16 (23 90 29)
MONTIJO — Montepio, R. Almirante Reis, 93 (230035)
SESIMBRA — Lajes, R. Cândido dos Reis 67 (22 90 28)
SETUBAL — Lisboa, R. Dr. Paulo Borba (22248) — Saião — Av. Portela (22709)
SEIXAL — Godinho — L. da Igreja, 51 (Tel. 22 18580)

SERVIÇOS URGENTES

Telefones

ÁGUA, GÁS e ELECTRICIDADE — Companhia das Águas 361353 ✻ Companhias Reunidas, 537011 ✻ Gazcidla 538821 ✻ Gazcidla (dom. e feriados) 382069.
BOMBEIROS — Sapadores 322222 ✻ Voluntários 538524
POLÍCIA e G. N. R. — Serviço de emergência, 115 ✻ Segurança Publica, 366141 ✻ Judiciária, 535380 ✻ Marítima, 326456 ✻ Internacional, 362721 ✻ Viação e Trânsito, 42205 ✻ G.N.R. (área rural), 36865
SAÚDE — Cruz Vermelha, 665342 ✻ Enfermagem permanente, 766161 ✻ Enfermagem de urgência, 43738 ✻ Hospital de Santa Maria, 775171 ✻ Hospital de S. José, 860131 ✻ Sangue, oxigénio e soros, 771168 e 771169 ✻ Transfusões, soros e oxigénio, 538524 ✻ Centro de intoxicações (informativa), 767777 761176 e 763456.
TRANSPORTES — Aeroporto, 720111 ✻ Caminhos-de-ferro (C. P.), 869029 ✻ Caminhos-de-ferro (Estoril), 361121 ✻ Estação fluvial (T. Paço), 325345 ✻ Estação Marítima de Alcântara, 663195 ✻ Estação Marítima de Rocha, 672445 ✻ Estação fluvial (Belém), 638531.

BOM APETITE

Restaurant CASTANHEIRA
E. da Torre - Lumiar - 790168
ESPECIALIDADES DIÁRIAS
AOS SÁBADOS E DOMINGOS
ORQUESTRA PRIVATIVA
DESTE RESTAURANTE
(M 15 anos)

NOVO RESTAURANTE E SALÃO DE CHÁ
NO POSTO SHELL EM
AZEITÃO
ESTRADA LISBOA - SETÚBAL
Telef. 22 82 44
LOCAL APRAZÍVEL PARA ALMOÇAR E TOMAR CHÁ

XANGAI
Av. Duque de Loulé, 20-B
Telef. 5 73 78
(frente à Embaixada Americana)
ESPECIALIDADE DIÁRIA
CARNE DE PORCO ACRE E DOCE e o célebre arroz CHAO CHAO

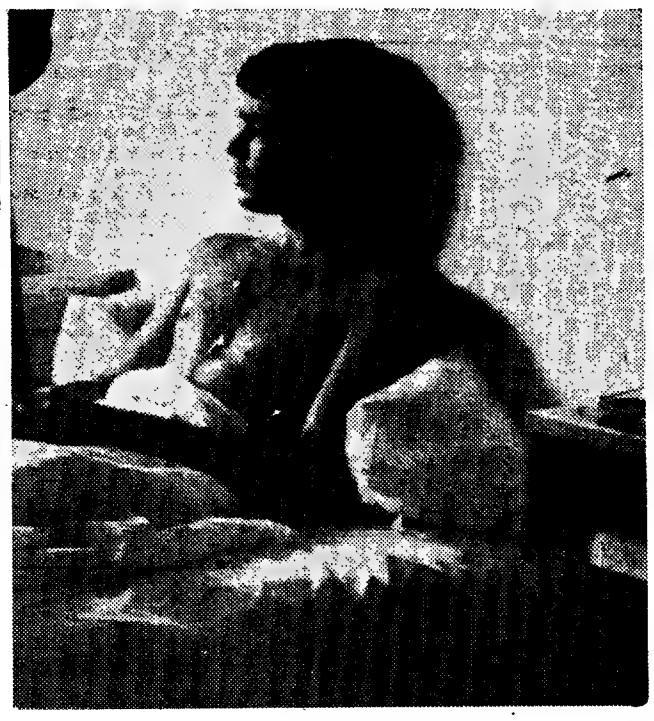
RESTAURANTE
antónio
COZINHA PORTUGUESA
Diàriamente açorda de lagosta
AR CONDICIONADO
R. TOMÁS RIBEIRO, 63

RESTAURANTE
QUINTA DE S. VICENTE
Telheiras de Cima, 144
Telef. 790211
Aos Sábados e Domingos
JANTARES DANÇANTES
com o conjunto privativo
AMBIENTE FAMILIAR
AR CONDICIONADO
(Encerrado ás 3.as-feiras)
Parque privativo para automóveis
(Maiores de 15 anos)

Diário de Lisboa
DL
Propriedade de
Renascença Gráfica, S. A. R. L.
Editor: João C. de Sá
Sede: Rua Luz Soriano, 44
Telef. 32 02 71-2-3 e 32 11 54-5
Publicidade 3 42 21
End. Tel. DIBOA. Telex 1363
Lisboa 2 — Portugal

«Por enquanto, tourear! casar, só mais para diante...»

—palavras de «Paquirri» que hoje toureia no Campo Pequeno



Paquirri — entrevista na cama

«Paquirri» recebeu-nos no quarto do hotel. Deitara-se tarde e estava visìvelmente ensonado. Elimpático, porém, não se furtou a responder a umas quantas perguntas. A glória pesa e aqueles que, embora moços (e este mundo é cada vez mais deles!), a acarretam aos ombros, não podem fugir aos intermediários, entre eles e as multidões.

Que tal o publico português?

— *É bom, não acho que difira do espanhol. Gosto de tourear em Portugal.*

— E não se importa com o facto de os touros não serem mortos?

— *Bem, importar não me importo. É um costume daqui. Penso, porém, que a lide completa é mais bonita.*

Andaluz de Sara, baptizado em Cádiz, Francisco Rivera «Paquirri» começou a tourear por «aficion». Era tão jovem que, segundo nos disse, nesse tempo não podia pensar em fama e em fortuna.

— *O meu pai, novilheiro nos seus tempos, foi meu unico mestre. Eu, que com 11 anos já me vestia de toureiro, comecei a experimentar os meus dotes no matadouro onde labutava, nas vacas e bezerros que iam ser abatidos. A minha família trabalhava, gente humilde, portanto. O meu irmão também é matador, também abraçou esta carreira.*

— Quais são as suas ambições para o futuro?

— *Ser figura grande no toureio, ganhar dinheiro também, claro, porque ninguém arrisca a vida sómente por «aficion». E dentro de uns dois anos, tornar-me ganadeiro, em Campo de Medinas, na Andaluzia.*

— É uma ambição comum a todos os matadores. Porquê?

— *Bem, talvez porque quando abandonamos a arena, se formos ganadeiros, continuamos ligados ao ambiente e isso é importante para quem tem os touros no sangue.*

— E casamento?

— *Prefiro continuar solteiro. Não tenho noiva, nem quero. Lá mais para diante, talvez... Olhe, quero é continuar a tourear, até me quererem nas praças, claro!*

«Gallito», Belmonte, Manulete...

— Quais foram para si os melhores toureiros de sempre?

— *«Gallito», Belmonte e Manolete. Evidentemente, só os conheço de ouvir falar, mas fizeram história, foram importantes na sua época.*

— E na actualidade?

— *Para mim, todos os que se vistam de toureiro e pisem a arena, são bons... Medo todos têm, quem disser o contrário não fala verdade!*

— Quantas corridas toureou já na época?

— *35. 3 das quais em Portugal.*

— Acha mais difícil a lide no nosso País?

— *É diferente. Os touros devem ser picados, para que sangrem, e aqui não são. Isso dificulta a lide, tem de se tourear de maneira diferente, pois os animais conservam mais poder.*

— Concorda com a ideia antiga de que a lide deve ser feita num unico sítio, como dantes, onde caía a «montera»?

— *Não. O touro corre. Há que escolher o terreno, aproveitar as qualidades do animal.*

— É sensível á crítica?

— *Bem, se ela não existisse, seria outro mundo. Aliás, todos os que vão aos touros e pagaram o seu bilhete, têm pleno direito de criticar. Só não me parece bem quando o fazem porque não perceberam as possibilidades que o touro dá. Aliás, quando piso a arena, noto logo se o publico é aficionado, e isto por certas reacções, certos movimentos...*

— Acha que hoje se toureia melhor do que antigamente?

— *Sim, muito melhor. O tourcio evoluiu. Dantes davam-se seis passes, hoje dão-se 50! Veja quantos se candidatam a toureiros e quantos o conseguem ser!*

— Qual a maior emoção da sua vida artística?

— *Pois bem, a alternativa, em Barcelona, com Bienvenida e Chamaco. Foi colhido, e voltei a ter outra corrida de alternativa, esta com Paco Camino e Biti, mas a emoção da primeira foi inesquecível, Em 67 confirmei a alternativa em Madrid. Fui novilheiro 3 anos e sempre aspirei a ser matador. Se fosse possível voltar atrás, tornaria a abraçar a mesma profissão!*

— Como encara a corrida de hoje?

— *Com emoção, pois sei que é das mais importantes que se efectuam em Portugal.*

— Quais os portugueses com quem toureou?

— *Falcão, José Julio e Amadeu dos Anjos. Nunca vi tourear Manuel dos Santos, mas ouvi falar muito dele.*

— Só mais uma pergunta: é supersticioso?

— *Não, não acredito nessas coisas, mas suo muito religioso, muito mesmo.*

É assim deixámos «Paquirri», um moço de 21 anos que já desfruta de fama e de (alguma) fortuna — quando lhe perguntámos se tinha ganho já muito dinheiro, respondeu-nos: *alguno* — entregue á responsabilidade de mais uma corrida, de mais uma vez enfrentar os touros, numa profissão difícil, num ofício onde quem se engana pode pagar com a vida. «Buena suerte»!

O tempo

INFORMAÇÃO DO SERVIÇO METEOROLÓGICO NACIONAL:

TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ATÉ ÀS 9 HORAS DE HOJE — Máxima: Elvas, 34°; mínima: Montalegre, 9°.6

TEMPERATURAS OBSERVADAS, AS 9 HORAS, NA COSTA DO SOL—Na atmosfera: 21°; na água do mar: 18°,6.

TEMPERATURAS DO AR ÀS 9 HORAS — Porto, 17°; Penhas Douradas, 21°; Coimbra, 15°; Portalegre, 25°; Lisboa, 20°; Faro, 24°; Funchal, 22°.

PREVISÃO GERAL ATÉ AS 24 HORAS DE AMANHÃ

Céu geralmente limpo, com excepção da faixa costeira para norte do cabo da Roca, onde poderá ocorrer durante a noite e de manhã períodos de céu muito nublado e neblina ou nevoeiro. Vento fraco predominando de Noroeste.

Amanhã
Nascer ás 6 e 38
Ocaso ás 20 e 48

Dia 5 Dia 13 Dia 20 Dia 27

MARÉS:

PREIA-MAR: **Dia 31** — 5 e 50 (4,1 m); 18 e 08 (4,4 m). **Dia 1** — 6 e 33 (4,0 m); 18 e 52 (4,3 m). **Dia 2** — 7 e 14 (3,9 m); 19 e 35 (4,1 m). BAIXA-MAR: **Dia 31** — 13 e 28 (0,8 m). **Dia 1** — 0 (0,7 m); 12 e 10 (0,9 m). **Dia 2** — 0 e 40 (0,9 m); 12 e 52 (1 m).

8.° GRANDE PRÉMIO ROBBIALAC

Emiliano Dionísio (Sporting) vencedor em Aveiro

AVEIRO, 31 — (Pelo telefone do nosso enviado especial Neves de Sousa) — O ciclista do Sporting Emiliano Dionísio foi o vencedor da 2.ª tirada do 8.° Grande Prémio Robbialac entre Ofir e Aveiro na distância de 147 quilómetros.

O vencedor da etapa gastou no percurso 4 h. 00 m. 40 s. e o mesmo tempo foi creditado a um pelotão de 37 corredores que entraram na «meta» de Aveiro juntamente o estradista «leonino».

Com o tempo de 4 h. 02 m. 25 s. chegaram depois Joaquim Agostinho, João Roque, Vítor Rocha, Norberto Timóteo e Vítor Tenazinha que tinham ficado para trás, depois do acidente do primeiro em Oliveira de Azeméis.

Com estes corredores vinham também os benfiquistas Américo Silva (que também caíra com Agostinho) Augusto Fortes e Fernando Vieira.

Sessenta e quatro ciclistas iniciaram ás oito horas e cinco, a 2.ª etapa do «Grande Prémio Robbialac» disputada entre Ofir e Aveiro na distancia de 147 quilómetros.

Na Póvoa do Varzim, Leonel Miranda passou em primeiro e em Vila do Conde era Augusto Cardoso que comandava o pelotão. A 30 quilómetros da partida Sousa Vieira, da Ambar, logrou isolar-se e perante certo alheamento do pelotão chegou a alcançar, em escassos quilómetros 10 minutos de avanço. Em Vila da Feira, Joaquim Andrade e Américo Silva que tinham iniciado a perseguição, juntaram-se ao fugitivo e anularam a sua tentativa. E em Oliveira de Azeméis — numa passagem trágicamente assinalada — o pelotão marchava práticamente completo.

Entretanto os últimos quilómetros da prova foram percorridos com os corredores divididos em pequenos grupos que se foram juntando ao aproximar-se a linha de chegada em Aveiro.

A MORTE FOI VER OS CICLISTAS

Tarja negra na estrada. O 8.° Grande Prémio Robbialac ficou ensombrado hoje com uma ocorrência triste em Oliveira de Azeméis. Um homem, arrastado pelo seu entusiasmo, morreu: Abílio de Sousa, de 70 anos, foi colhido de forma irremediável pelo pelotão á frente do qual pedalava Joaquim Agostinho. O ciclista do Sporting não pôde evitar a colisão e caiu desamparado. Ficou também muito maltratado e embora continuasse em prova fê-lo de forma quase automática, visìvelmente perturbado. A morte foi ao ciclismo, foi ver passar os corredores e assinalou de forma trágica a sua presença.

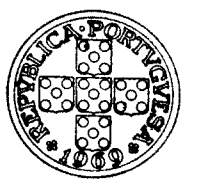
TRUCIDADO POR UM COMBOIO

BARREIRO, 31 — Foi trucidado por um comboio na Baixa da Banheira o octogenário sr. José Gonçalves, de 81 anos, natural de Algoz, Silves, casado e residente naquela freguesia.

As autoridades tomaram conta da ocorrência.

Instituto Superior de Línguas e Administração
ESCOLA SUPERIOR
DE ORGANIZAÇÃO CIENTÍFICA DO TRABALHO
(reconhecida oficialmente
para fins militares e provimento de cargos públicos)
FORMAÇÃO DE TÉCNICOS
DE ADMINISTRAÇÃO E PSICOLOGIA INDUSTRIAL
Habilitação mínima: 7.° ano dos Liceus ou equivalente
Aulas das 20 às 24 horas
ABERTAS AS INSCRIÇÕES
PARA O PRÓXIMO ANO LECTIVO
Pedidos de folhetos e informações para a
Rua do Sacramento à Lapa, 16 — Telefs. 676395 - 673766

TV SALORA
O TELEVISOR DE ALTA QUALIDADE
PREMIADO COM MEDALHA DE OURO



Reprodução do verso das novas moedas de um escudo, cinquenta centavos, vinte centavos e dez centavos, e do anverso que é comum ás quatro moedas

AS NOVAS MOEDAS

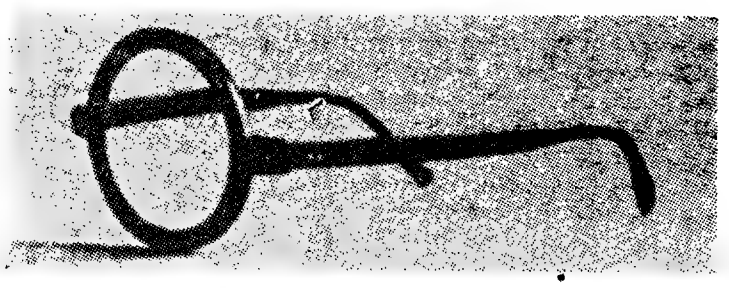
Como oportunamente anunciámos, foram criados novos tipos de moedas metálicas. A modificação verifica-se exclusivamente no valor real de algumas moedas, isto é, o valor intrinseco do metal nelas empregado. O valor aparente mantem-se. Assim, permanecem os sete tipos de moeda, a saber: os múltiplos do escudo (2$50, 5$00 e 10$00) e os submúltiplos do escudo (1$00, $10, $20 e $50). No novo sistema de moeda metálica, para facilidade de identificação, os dois grupos de múltiplos e submúltiplos são fàcilmente reconheciveis pela cor: branca, para as moedas do primeiro grupo, cor escura de bronze para as do segundo, exceptuando destas últimas a moeda de tostão, que será fabricada em liga branca de alumínio. De facto, já não era possível fabricar em bronze uma moeda de tão baixo valor. Esta excepção não provocará confusões com as moedas brancas múltiplas do escudo, dada a grande diferença de peso e de diâmetro.

São as seguintes as ligas empregadas: cupro-níquel — nas moedas de 2$50, 5$00 e 10$00; bronze — nas de $20, $50 e 1$00; alumínio — para a moeda de tostão.

Os novos tipos de moeda entram na circulação dentro de alguns meses. O primeiro novo tipo a tomar contacto com o público será o escudo.

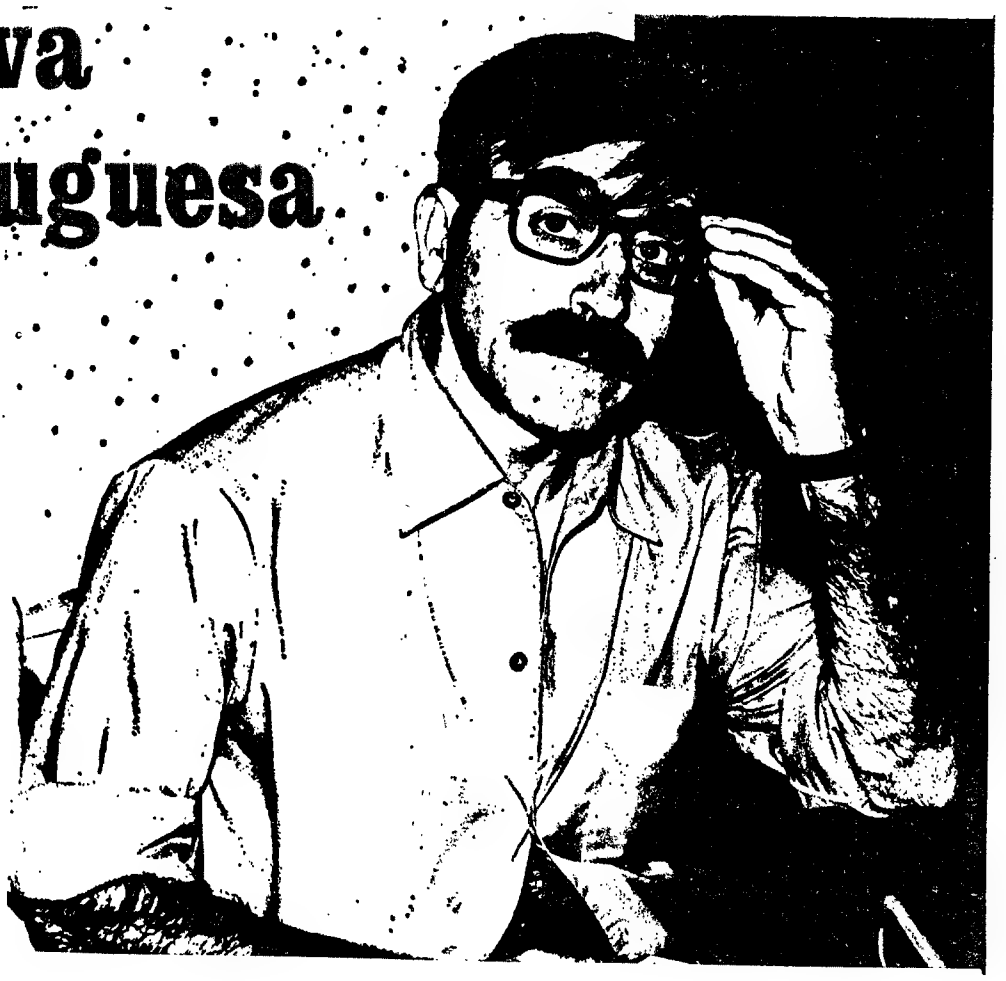
SUPLEMENTO
Diário de Lisboa
LITERÁRIO
Nº 573/31 DE JULHO DE 1969

VIDA COM OS OBJECTOS



(Nas páginas centrais)

António José Saraiva e a Civilização Portuguesa



Entrevista conduzida pelo dr. Diniz Silva

NO ÚLTIMO NÚMERO deste suplemento, deixámos o diálogo com António José Saraiva no ponto em que o entrevistado declarava a necessidade de nós, portugueses, vivermos a experiência linguística brasileira e a ela nos adaptarmos — questão bastante difícil, no parecer de Diniz Silva, mas que dependeria, segundo o notável historiador e ensaísta, das relações que mantivéssemos com o Brasil. Hoje, publicamos a última parte da importante entrevista

Perspectivas da comunidade cultural de língua portuguesa

D. S. — Isto muda-nos portanto para o campo das relações culturais luso-brasileiras, e pergunto-lhe de chofre como encara não só o desenvolvimento, mas o próprio estabelecimento normal, efectivo, dessas relações e as suas perspectivas no futuro. Por exemplo quais são as maneiras mais eficazes de contribuirmos para esse diálogo luso-brasileiro?

A. J. S.— Aí é preciso vermos que o Brasil tem muito mais para nos dar a nós que nós a dar ao Brasil. Outrora, até ao século XIX nós éramos no Brasil os representantes da cultura europeia e hoje já não o somos. O brasileiro hoje quando vem à Europa vem a Paris e só vai a Lisboa se tiver tempo Há evidentemente este problema gravíssimo que o Brasil está integrado e cada vez se integrará mais, no conjunto que é a América Latina ao passo que nós vamos a caminho queiramos ou não, de uma integração na Europa.

D S. — Em detrimento talvez de uma ideia que em Portugal é forte, de um Portugal não apenas virado para a Europa mas virado também para um mundo tropical. Como sabe, este é um dilema permanente na cultura portuguesa a partir da expansão, e mais fortemente a partir do século XIX.

A J. S. — É um dilema...

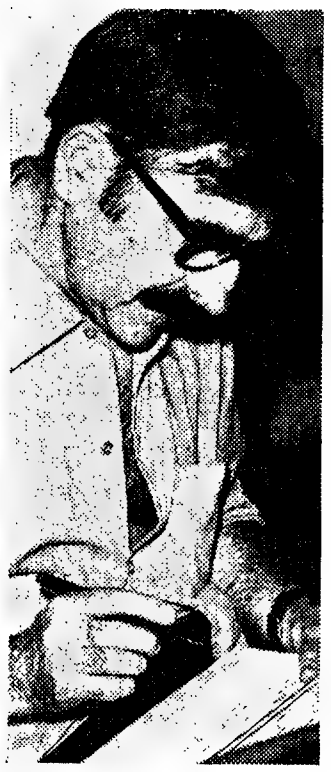
D. S. — Porque parece muito difícil poder Portugal jogar ao mesmo tempo nos dois tabuleiros

A. J. S.— As circunstâncias do mundo mudam muito ràpidamente e é-nos difícil portanto saber em que sentido caminharão as coisas, porque se, por um lado, assistimos à formação de grandes conjuntos como por exemplo o conjunto americano que tendem a viver dentro da sua estrutura própria por outro lado as comunicações mundiais são cada vez mais densas e mais fáceis. No que respeita a nós portugueses, é evidente que a cultura europeia terá entre nós cada vez mais importância Mas por outro lado temos que contar com dois factores: o primeiro, a cultura europeia está em crise nos seus valores, e até na consciência da sua própria superioridade. Por outro lado, o português tem latente em si aquele aspecto sentimental, afectivo, e aquele carácter culturalmente informe a que me referi há pouco. Isso não desapareceu entre nós. Ora, é esse carácter culturalmente informe que nos permite mantermos contactos com culturas diferentes das europeias. Lembro, por exemplo, a facilidade com que muitos portugueses, ao fim de alguns meses no Brasil falam «à brasileira». Eu pergunto a mim próprio como é que vai correr o futuro. Mas um facto é certo, é que a literatura brasileira tem para nós grande importância. Não é tão conhecida como devia ser mas mesmo assim é conhecida e na bagagem cultural, nacional de um português incluem-se sempre autores brasileiros. Por consequência acredito realmente na possibilidade de uma comunidade cultural de língua portuguesa, sòmente não acredito que a sua sede esteja em Lisboa.

O papel da Universidade portuguesa

D. S. — Se partirmos do princípio de que há uma cultura de raiz luso-brasileira, ou portuguesa, como queira que se estende portanto a um espaço geográfico vastíssimo qual será no futuro o papel da Universidade portuguesa dentro da elaboração dessa cultura portuguesa ou luso-brasileira?

A J. S. — A universidade portuguesa é uma instituição que reflecte de uma forma muito acentuada essa involução da cultura portuguesa de que há pouco falava Houve uma série de coisas entre nós que empobreceram; uma delas foi também a Universidade. Julgo que hoje a Universidade portuguesa não está sequer à altura de elaborar teórica e cientificamente a riqueza experiencial da própria língua portuguesa. Não existe em Lisboa em Coimbra no Porto, investigação suficiente, por exemplo para



«Houve uma série de coisas entre nós que empobreceram; uma delas foi também a Universidade»

estudar os problemas cabo-verdianos, problemas como as evoluções várias da língua portuguesa através do mundo como as características culturais essenciais de Portugal na sua manifestação dentro e fora do país. Tudo isso é um mundo que nós não estamos pensando, e em princípio era à Universidade a quem competia tê-los pensado.

D. S — Acha que essa Universidade, na maneira em que ela pensa a cultura portuguesa, não terá no fundo uma tendência restritiva da cultura portuguesa? Para si, a cultura portuguesa abrange um vasto mundo. Ao encará-la, a Universidade encarará também esse vasto mundo? E se não, que mundo ela encara?

A. J. S.— Se nós considerarmos que o mundo da cultura portuguesa é constituído por várias províncias, a Universidade portuguesa é só a Universidade da província de Portugal. Infelizmente isto é assim e por isso eu penso que esta tendência só pode ser invertida por uma intervenção extremamente forte.

Até porque há uma característica, que não é só da Universidade portuguesa, mas também da Universidade francesa e das Universidades de vários países do mundo, que é de se fecharem sobre si mesmas .São estruturas que adoptam em relação ao exterior uma atitude defensiva. E é por isso que é muito difícil, senão impossível, uma reforma da Universidade por ela própria. A reforma tem geralmente vindo de fora, e isso viu-se por exemplo com a reforma pombalina, com a reforma republicana, e viu-se recentemente em França com a reforma Edgar Faure. Qualquer reforma, é evidente deve ter como principal objectivo abrir a Universidade ao exterior, e multiplicar as suas ligações com o que está fora dela.

D S — Eu talvez não esteja de acordo com uma coisa. Disse há pouco que se considerássemos várias províncias em Portugal a Universidade portuguesa é uma Universidade da província de Portugal. Ora, tenho a impressão que se isso é exacto, há também em contrapartida, um certo cosmopolitismo ao nível de elites da própria Universidade. Isto é, a Universidade portuguesa tem tendência a passar ao lado dos problemas portugueses, a não reflectir suficientemente os problemas portugueses, e pelo contrário a debruçar-se com um espírito cosmopolita sobre problemas alheios, por vezes, à própria cultura portuguesa.

A. J S. — Isso é verdade para a Universidade portuguesa e para as elites portuguesas em geral É um fenómeno muito característico, esse de pseudo-pensar problemas alheios, para se dispensar de pensar realmente os problemas próprios. No fundo, é uma expressão de impotência, de incapacidade de pensamento original.

D. S. — Portanto, acabou de dizer que entre as perspectivas de uma evolução da Universidade portuguesa havia essa de se abrir para o exterior.

A. J. S. — Para o exterior, não quer dizer só para o exterior a Portugal. Quer dizer para o exterior da Universidade, dentro da própria realidade portuguesa.

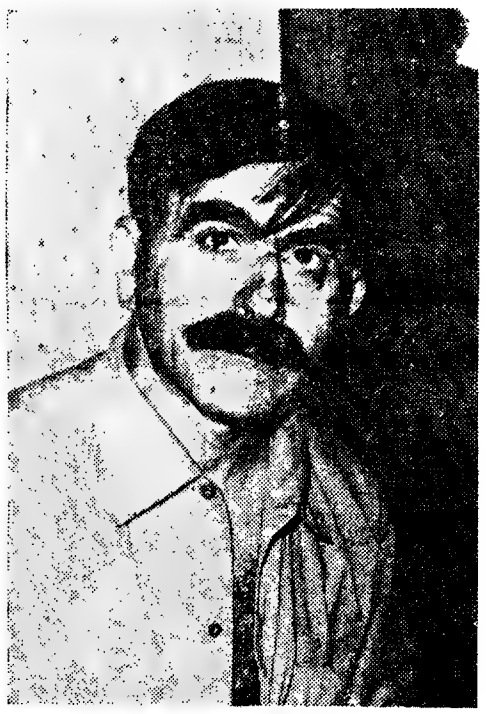
«Metade de Portugal vive fora de Portugal»

D. S — Nessa abertura, qual é para si o papel que podem assumir tanto portugueses que estão fora do País, em relação à evolução da Universidade e da vida intelectual portuguesa. É o problema, tradicional em Portugal, dos estrangeirados.

A. J. S. — A esse respeito, faço primeiro uma observação: é que desde há séculos, metade de Portugal vive fora de Portugal. É um fenómeno perfeitamente comparável ao da diáspora judaica. Ora, ao passo que nesta, a própria emigração é criadora na diáspora portuguesa a emigração torna-se geralmente pura perda. Os portugueses que estão fora de Portugal, em virtude dessa fraca estruturação cultural de que falámos há pouco perdem-se em geral para Portugal. A experiência deles, que é extremamente rica, não enriquece o interior. Isto é um problema que não é posto pela primeira vez mas que é bastante sério. Assim, é indispensável, em relação aos portugueses do

(Continua na página seguinte)

António José Saraiva



«Todos nos somos ao mesmo tempo barrocos, clássicos, românticos, surrealistas»

(Continuação da pág. anterior)

exterior, que eles sejam acompanhados pelo do interior de maneira a sentirem a presença constante do seu país de origem, não apenas de maneira administrativa e coercitiva, mas calorosa e animadora. É preciso também pensar em certas medidas, como por exemplo a participação dos portugueses ausentes na vida política nacional. Vou até ao ponto de pensar que o direito de voto devia ser concedido a esses portugueses. Em relação aos que regressam a Portugal, aos tais «estrangeirados», a história mostra o seu papel relevante. Simplesmente, é preciso ser um bocadinho modesto; é preciso que esses portugueses que voltam a Portugal não tenham o sentimento de que descobriram a pólvora, e que vêm ensinar os seus concidadãos a serem do seu tempo ou uma coisa semelhante. É preciso que, com muita humildade, se integrem nos problemas internos, partindo do princípio de que o centro dos problemas portugueses está em Portugal, e não fora. Nessas condições, eles podem dar uma ajuda efectiva.

«A língua é um tesouro, um repositório de experiências»

D. S. — Mudando de assunto, quer relembrar qual tem sido a orientação da sua investigação desde que está em França, e quais os projectos que tem para o futuro?

A. J. S. — Eu trabalho no Centre National de la Recherche Scientifique sobre um tema que propus e que se resume nestas palavras: «La parole et la croyance à travers l'oeuvre du P.e António Vieira». Cito o título em francês, porque a minha situação profissional no C. N. R. S. me obriga a redigir o meu estudo nessa língua. Esse trabalho integra-se numa problemática portuguesa, mas de carácter universalizante, visto que o problema de Vieira não diz apenas respeito a Portugal, mas põe em causa questões de ordem religiosa em geral, assim como questões de ordem linguística, na forma de utilizar o discurso. O meu primeiro projecto é levar a cabo este trabalho. Em seguida, estaria interessado no prosseguimento da minha *História da Cultura em Pôrtugal* em bases diferentes. Seria ambição minha fazer um volume sobre a época barroca em Portugal e no Brasil.

D. S. — Em que bases gostaria de continuar a *História da Cultura em Portugal?*

A. J. S. — A obra intitulava-se *História da Cultura em Portugal*, o que supõe a ideia de que não há uma cultura portuguesa. Ora, essa ideia hoje não me parece certa, em virtude justamente da minha estadia fora de Portugal. Há uma cultura portuguesa, e a sua primeira manifestação é a língua. É a partir desta realidade que se deve passar a pôr o problema da história da nossa cultura.

D. S. — Isso significa para si que toda a cultura repousa essencialmente sobre uma língua veicular? Qual o papel então de outras manifestações de cultura, como a música, a pintura, etc...? A própria maneira de viver o quotidiano não entrará também em conta?

A. J. S. — Sem dúvida. Eu não estou de acordo com a ideia corrente de que a língua seja só um veículo. A língua é mais do que isso — é um tesouro, é um repositório de experiências que começam com a primeira aprendizagem da experiência social. É um caleidoscópio. É ela que recorta o mundo e o analisa. Há línguas que têm palavras para designar uma determinada coisa, e outras que as não têm. O estudo da língua é já em si o estudo de uma experiência cultural armazenada e condensada. Este é o primeiro ponto. O segundo é que a língua condiciona depois a aquisição de outras experiências culturais em línguas estrangeiras. Lembro-lhe o sentido completamente diferente que têm para nós, emigrados, determinados autores estrangeiros dentro e fora do país: o Sartre lido em Portugal é o Sartre português, tal como o entendemos à luz da nossa experiência quotidiana, muito diverso do Sartre que lemos em Paris. Com respeito a outras formas de cultura, embora elas se desenvolvam dentro do âmbito de grandes civilizações, há contudo uma experiência e uma sensibilidade nacionais que as informam.

«O problema não é sermos o que éramos dantes...»

D. S. — Mas poderemos ainda falar de uma cultura tipicamente portuguesa, quando os problemas essenciais não se põem talvez já ao nível dos estados nacionais?

A. J. S. — Esse fenómeno da uniformização não é de hoje. Podemos até apontar que um dos mais fortes factores de uniformização conhecidos até ao século XVIII foi o cristianismo e, em particular, a Igreja católica. É assim que nós encontramos nas origens do teatro os mesmos elementos de ordem litúrgica, quer se trate de Portugal, quer da Polónia. O que houve sempre foi uma luta entre duas tendências: uma tendência uniformizadora, que suscita uma resposta diferenciadora e particularizante. Uma cultura é tanto mais forte quanto mais sabe encontrar um equilíbrio entre as duas tendências preservando a sua própria originalidade a níveis sucessivamente diferentes de internacionalização. Resta saber se no futuro a cultura portuguesa terá suficiente originalidade e força para integrar a europeização que vem chegando ao nosso país. O problema, portanto, não é sermos o que éramos dantes, mas sim sermos os mesmos em circunstâncias diferentes.

D. S. — Nesse caso, os condicionalismos de várias ordens que existem para todas as nações, e evidentemente para Portugal, permitirão uma reacção criadora por parte da colectividade portuguesa, perante a ameaça de uniformização?

A. J. S. — Para mim, a chave da sobrevivência da cultura portuguesa está no mundo da língua portuguesa. E a este nível põe-se de novo o problema das nossas relações com o Brasil. Deixo portanto o problema em suspenso. Sòmente, acredito na força do português

D. S. — Como língua ou como homem?

A. J. S. — Como tudo. A história revela nos portugueses uma enorme energia, que se exprime por formas caóticas, às vezes bárbaras, mas que explica a enorme expansão mundial de que fomos capazes, e também a nossa resistência à civilização espanhola.

D. S. — Disse-me que ambicionava fazer um volume sobre a época barroca. Qual a razão do seu interesse por esta época?

A. J. S. — A época barroca é apaixonante pela riqueza, pela ambiguidade, pela multiplicidade de caminhos que estão contidos dentro dela. Um lugar comum faz que o período que vai desde o final do século XVI até ao Marquês de Pombal seja considerada em geral como uma simples época fradesca, em que só se escreveram obras de devoção, aliás muito pouco autênticas. Mas se arranharmos um bocadinho, descobriremos abismos no século XVII. É uma época de enganos, de reacções ocultas, que faz a viragem do mundo português tradicional para o mundo português moderno. Em particular, o P.e Vieira é um homem extraordinàriamente complicado, que sob uma aparente clareza traduz uma ambiguidade extrema. Julgo ter encontrado no P.e António Vieira coisas insuspeitadas. Simplesmente é preciso lê-lo com muita atenção, e relacioná-lo com o ambiente geral.

D. S. — Há para si uma época barroca ou uma atitude de espírito barroca? Estou pensando em Eugénio d'Ors, para quem não há uma época barroca, mas uma atitude de espírito barroca, que é cíclica?

A. J. S. — Esse talvez seja um falso problema, porque tudo o que se manifesta culturalmente nas diversas épocas está em cada momento latente nos homens. Todos nós somos ao mesmo tempo barrocos, clássicos, românticos, surrealistas. É possível encontrar elementos barrocos em qualquer época da história. Simplesmente há épocas em que efectivamente estas latências que se chamam barrocas se tornam culturalmente dominantes.

D. S. — Portanto, está absolutamente oposto á ideia muito comum de que a época barroca é caracterizada por uma predominancia, uma exuberancia, das formas em relação a uma problemática de fundo, que seria atenuada por razões de vária ordem.

A. J. S. — Essa busca das formas, esse jogo de formas é ele próprio revelador de alguma coisa que não é a forma. Por exemplo, os paradoxos do P.e António Vieira, que geralmente aparecem ao leitor sob o aspecto formal, têm efectivamente um conteudo de pensamento. Por isso, essa época parece-me extremamente interessante, e inclusivamente extremamente actual, visto que nós vivemos hoje numa época de ambiguidade, de fugas, de subterfugios, de conflitos que em certos casos se mostram claramente, mas em outros casos aparecem sob formas enganosas.

D. S. — Para acabarmos, sente que para prosseguir a sua investigação, a sua ida a Portugal é ou não é essencial?

A. J. S. — Sem duvida que é. O regresso a Portugal impõe-se: simplesmente, o problema é ter ou não condições de trabalho, visto que as oportunidades, por exemplo, de fazer investigação independentemente do ensino são mínimas entre nós no campo das ciências humanas. E por outro lado, o próprio ensino está limitado a um volume muito reduzido de escolas superiores.

D. S. — Por isso mesmo, e é bom sublinhá-lo, o António José Saraiva, este ano, sentindo essa necessidade de aliar um ensino à investigação, proferiu um curso na Sorbonne. Gostaria que dissesse que curso foi e o que é que tinha em vista ao dar esse curso.

A. J. S. — Foi um curso muito breve, apenas algumas conferências e análises de texto, que não chegaram a dar-me uma experiência, a permitir-me tirar uma conclusão dessa experiência. Em todo o caso, senti uma dificuldade: é que para ensinar cultura portuguesa no estrangeiro, encontramos da parte dos alunos, como é natural, uma espécie de analfabetismo em relação aos próprios elementos básicos da cultura portuguesa. É por isso que me parece infinitamente mais interessante ensinar a cultura portuguesa no Brasil ou em Portugal. O tema que eu dei referia-se à ideologia épica portuguesa, e à sua contestação. Em resumo, uma análise comparada de Fernão Mendes Pinto e de Luís de Camões. A verdade é que o tempo não chegou para efectivamente desenvolver este tema.

«É preciso reagir contra a tendência da facilidade e da preguiça»

D. S. — Se um dia lhe fosse dada a oportunidade de ensinar em Portugal, que temas, que matérias gostaria de ensinar?

A. J. S. — Naturalmente, aquelas relativas à história da cultura portuguesa.

D. S. — Para terminar, António José Saraiva, é você que vai dar o ponto final.

A. J. S. — Há um problema que me parece dever ser evocado: é o das nacionalidades na cultura. Cada povo — entendendo-se por povo aquele que tem uma língua própria e uma certa unidade cultural — constitui pela sua própria originalidade uma contribuição à cultura universal. Do mesmo modo que quanto mais diferenciadas forem as personalidades num dado grupo, mais rico e criador é o próprio grupo. Nesse sentido, eu sou radicalmente contra aquilo a que é costume chamar desnacionalização, porque me parece sempre um empobrecimento. Portugal é efectivamente uma personalidade cultural marcada, original, e que trouxe a sua contribuição ao mundo. Na medida em que me sinto profundamente ligado a essa cultura, em que sou a única coisa que posso ser, que é ser português, o meu desejo é que a personalidade cultural portuguesa seja capaz de manter a sua originalidade, não ficando estagnada, mas pelo contrário dinamizando-se, de forma a poder dar uma contribuição própria ao mundo que se está criando. E, a este respeito, quero ainda lembrar que para a solução dos problemas da nossa civilização, dos problemas humanos em geral, há hoje uma série de propostas, série que de maneira nenhuma me parece que esgote as soluções possíveis. Ora, cabe-nos a nós, portugueses, dar também uma contribuição para a solução dos problemas que se põem hoje à humanidade, com uma proposta que não seja nem chinesa, nem americana nem soviética, nem castrista, mas baseada na nossa própria experiência, na nossa própria riqueza. Essa contribuição deve ser procurada, e neste sentido penso que é preciso reagir contra a tendência da facilidade e da preguiça, que consiste em adoptar os modelos e os mitos que vêm já feitos do exterior.

D. S. — Então, até breve, em Portugal!

DINIZ SILVA

O tesouro na gaveta...
Faqueiros de Prata
TOPÁZIO
duplamente trabalhados
valem cada vez mais
Vendem as melhores Ourivesarias

Artes Plásticas em Luanda

A Sociedade Nacional de Belas Artes, por solicitação da Câmara Municipal de Luanda e segundo o regulamento divulgado, procedeu à selecção das obras de artistas de Lisboa concorrentes ao III Salão de Artes Plásticas da Cidade de Luanda. Esta selecção foi ponderada de acordo com o nível geral dos concorrentes e a função do conjunto no plano daquele concurso, aberto a um meio de características particulares e pouco adestrado no domínio das artes visuais.

Concorreram cerca de 110 obras que o juri, constituido por alguns membros do Conselho Técnico da S. N. B. A., reduziu para 30, procurando salvaguardar a qualidade na diversidade e respondendo às específicas condições atrás enunciadas. Entre os artistas seleccionados contam-se João Hogan, Artur Rosa, Helena Almeida, Manuel Baptista, Tomaz Vieira, Eduardo Nery, Bartolomeu Cid, Maria Gabriel, Luís Gonçalves, Vitor Pomar, Paulo Lopes, Graça Antunes, Bouça e Helena Lapas. A apresentação destes artistas em Luanda, na presente circunstância, reveste-se de um fundamental interesse na medida em que pode vir a contribuir para o esclarecimento de um público em geral divorciado do convívio com obras de àrte contemporânea As condições criadas pela C. M. L. para uma exposição deste tipo, com um regulamento actualizado e objectivamente dirigido às correntes modernas, são de certo modo exemplo de outras iniciativas que se podem desenvolver na província.

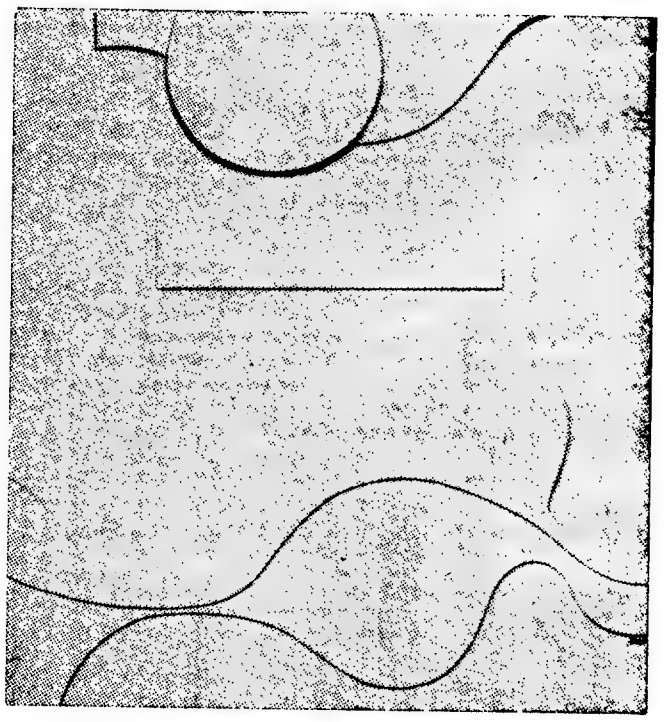
Da arte & do Salão

por Rocha de Sousa

IV SALÃO NACIONAL DE ARTE
S. E. I. T.

UMA DAS ORIENTAÇÕES do extinto S. N. I., em matéria de política cultural, consistiu na promoção de exposições colectivas de arte e na instituição de prémios mais ou menos regulares. Algumas das experiências tentadas, como a do Salão dos Novíssimos ou a do Prémio Souza-Cardoso, malograram-se ao cabo de breves temporadas em virtude de certos condicionalismos que se podem enunciar genèricamente. Com efeito, a representatividade dos organismos oficiais é sempre discutida com certo calor, sobretudo em face da descentralização e concorrência norteadas pelas entidades particulares. Enquanto a produção é reduzida e se faz distribuir por circuitos muito restritos, pode-se dizer que Salões do tipo daqueles que o S. N. I. promoveu conservam um significado sociológico e um sentido cultural aceitáveis no contexto de um país como o nosso. Mas quando as correntes de desenvolvimento se estabelecem com um mínimo de solidez atingindo o quadro das actividades culturais, a distribuição passa a fazer-se de fontes de consumo cada vez mais diversas, integrando uma espécie de mercado que tende progressivamente para a efectividade. Esse movimento, apesar dos naturais pontos mortos e das lacunas inevitáveis, tem vindo a determinar-se entre nós a diferentes níveis, quer no plano da actividade comercial e cultural das Galerias mais representativas, quer no âmbito de organismos particulares como a Sociedade Nacional de Belas Artes, quer ainda pela acção indirecta de empresas industriais ou comerciais que promovem iniciativas públicas no domínio das artes. Em consequência destas actividades cada vez mais assíduas, o quadro da produção é simultâneamente estimulado e fraccionado pelas fontes de solicitação, reduzindo o apelo dos grandes salões colectivos e a sua eficácia em termos de representatividade, portanto de estatística e de acção didáctica. Isso verifica-se, não apenas em relação ao programa proposto pelo extinto S. N. I. ou pela actual Secretaria de Estado da Informação e Turismo, como também em relação aos anteriores programas estabelecidos pela S. N. B. A. e até aos concursos que ùltimamente têm sido tentados por empresas como a Sociedade Guérin ou o Banco Português do Atlântico.

Verifica-se assim que a S. E. I. T. vê o seu campo de acção reduzido nesse aspecto, tendo no entanto um domínio de opção considerável dentro das possíveis exposições retrospectivas ou prospectivas, sobretudo na medida em que dispõe de meios técnicos e económicos que lhe permitem cobrir infra-estruturas de procura e montagem de custo elevado. Ninguém poderá razoàvelmente pôr em causa a acção do S. N. I. ao realizar a exposição retrospectiva das obras de Souza-Cardoso e de Eduardo Viana, na mesma medida em que se deve reconhecer o interesse cultural da presente exposição de trabalhos do artista Bernardo Marques. Este tipo de iniciativas, devidamente apoiadas por técnicos competentes, tem uma oportunidade muito grande entre nós e pode ampliar-se a outro géneros de exposições que se projectem paralelamente ao quadro normal das actividades artísticas. A sua função social e cultural ganha neste momento uma ressonância particular, estabelecendo bases de confronto e de estudo que se reconhecem inteiramente desejáveis e pertinentes.



Justino Alves: obra moderna... numa análise superficial

SALÃO NACIONAL DE ARTE

O Salão Nacional de Arte, iniciado há quatro anos em substituição de outras iniciativas semelhantes, destinou-se a cumprir uma função didáctica aberta às correntes actuais da produção artística portuguesa, nomeando por premiação anual os autores considerados mais representativos e qualificados em diferentes modalidades. Aqui se incluía a função estimuladora que os prémios podem constituir, cobrindo-se desse modo a ausência de um estatuto adequado que respondesse às exigências de profissionalização do artista e o integrasse efectivamente nos quadros especializados da sociedade em que vive e onde desenvolve a sua obra.

A proposta de regulamento destes salões, de princípio mais inesperada pela mudança de atitude do que pela sua verdadeira legitimidade ou adequação, teve resposta suficientemente vasta por parte dos artistas e foi possível assistir-se, em Évora, a um espectáculo cuidado e bem referenciado no domínio da pintura e da escultura, sobretudo. Apesar das ausências e das lacunas, que não podem cobrir-se senão por processos diferentes de selecção e promoção, o trabalho realizado pelos organizadores e pelos montadores significou-se positivamente nos seus aspectos gerais. Em boa verdade, no entanto, estava-se já nessa altura à beira de uma descentralização de produção de arte verificada sobretudo pela actividade isolada ou coordenada das galerias e pela tendência de orientação específica que certos grupos de artistas estavam em vias de assumir. O II Salão Nacional de Arte ressentiu-se profundamente destas novas condições de trabalho e funcionou um pouco no vazio, ao mesmo tempo que surgia contestado ao nível técnico das opções tomadas no panorama estabelecido pelos prémios. Esse facto apressou a desconfiança de grande parte dos artistas (incluindo muitos jovens), reflectindo-se no III Salão Nacional de Arte por um abandono sistemático do concurso, em confronto ostensivo com outras iniciativas particulares que conquistavam uma singular ressonância no meio.

A S. E. I. T. prolongou este ano a «tradição» do Salão Nacional de Arte, praticando (cremos que pela última vez) a sua quarta versão. Mais uma vez se reconhece, aliás, que a instituição de um Prémio Nacional de Pintura (por exemplo) não tem, entre nós, correspondência plausível com a quantidade e a qualidade da produção para o sector de assiduidade proposto (um prémio anual). Esta circunstância, e a ausência de correntes significativos, tem conduzido os júris a soluções de compromisso pouco aceitáveis, escolhendo muito abaixo da cotação exigível e dignificante. Fala-se necessàriamente de um Prémio Nacional e não de outro prémio qualquer, sujeito a condicionalismos de opção completamente diferentes e proposto no domínio experimental de recursos mais ocasionais.

Gil Teixeira Lopes: distinção tardia

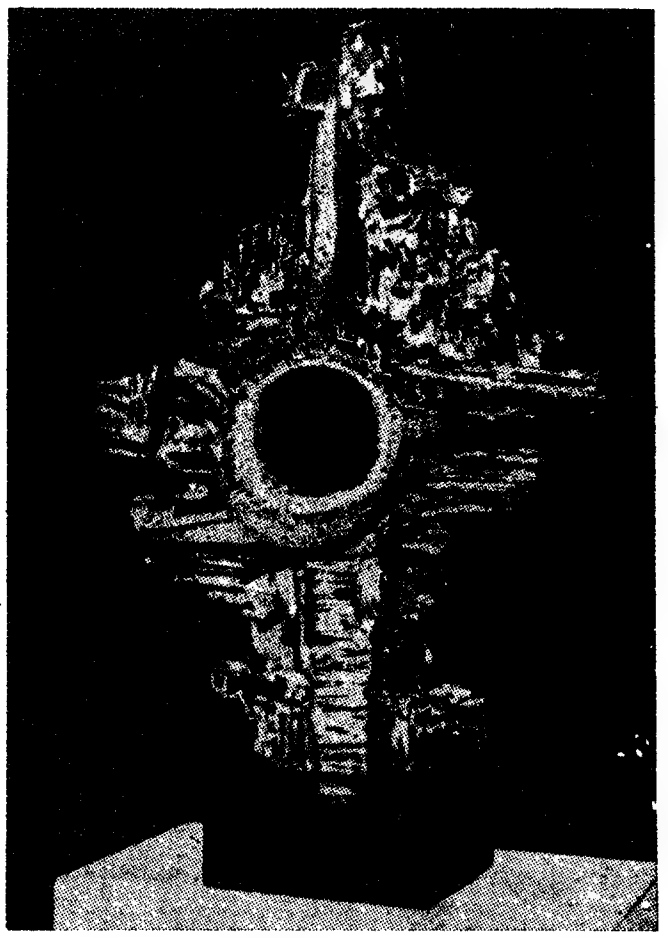
A EXPOSIÇÃO DOS PRÉMIOS

A exposição deste ano revelou-se, mais uma vez, carecida de justificação no plano geral da nossa produção mais viva, mais polémica e mais sólida. O conjunto de presenças ali assinalado decorre sobretudo de individualidades recentes, de artistas jovens, mas sem grande consistência no seu significado. A heterogeneidade inevitável verificada, que poderia ser criativa pelo sistema de relações instaurado, revelou, sobretudo, ao espectador a descontinuidade das propostas e a falta de nexo entre elas, pelo menos na ausência de uma linha de montagem mais esclarecedora e mais delimitada nas tendências.

O Prémio Nacional de Pintura foi atribuído a Gil Teixeira Lopes e a Justino Alves. A obra de Justino Alves apresentada, mais moderno do que a de Gil Teixeira Lopes numa análise superficial, é no entanto nitidamente mais insipiente do que a daquele autor. Gil Teixeira Lopes, talvez na sua melhor fase de produção, depois de vencida a crise intermédia de passagem de uma figuração expressionista para uma nova figuração, em que o espaço do quadro se propõe diferentemente num acordo mais profundo com a experimentação e conhecimento do real, é merecedor da distinção no contexto respectivo, embora tardiamente e numa altura em que o Prémio pouco lhe acentua o curriculum e o esforço isolado que tem desenvolvido.

No Salão foram igualmente atribuídos um prémio em cerâmica para Mário Ferreira da Silva, outro de esmalte para Jorge Mealha e ainda um outro em joalharia para Albert Gordillo.

E assim se encerrou um plano de actividades que necessita urgentemente de revisão, a fim de se estabelecerem outras formas de didactismo mais adequadas ao meio e à circunstância.



Cerâmica (premiada) de Ferreira da Silva

EXPOSIÇÕES

GALERIA QUADRANTE *Av. Luís Bivar*	**ANTÓNIO FERRAZ, ANTÓNIO PAIZANA, DAVID EVANS, FÁTIMA, FERNANDO CALHAU, HELENA LAPAS, JORGE NESBITT, VAZ VIEIRA, MARIA BEATRIZ, VITOR POMAR,** numa colectiva de grande significado para o conhecimento de novos autores
GALERIA BUCHHOLZ *Rua Duque de Palmela*	**ÁLVARO LAPA** (*)
S. E. I. T. *Palácio Foz* *Restauradores*	**BERNARDO MARQUES,** a retrospectiva necessária
GALERIA NACIONAL DE ARTE *Belém*	**SALÃO NACIONAL DE ARTE,** um panorama lacunar da produção artística portuguesa actual
GALERIA INTERIOR *Rua Camilo C. Branco*	**JOÃO ABEL MANTA, FERNANDO CONDUTO, MARIA VELEZ, CHARRUA, SÁ NOGUEIRA, ANTÓNIO SENA,** exposição colectiva

(*) Ainda sem referência crítica.

VIDA COM

OS OBJECTOS

Os Objectos, n.º 10/11 da revista *OPUS Internacional*

NADA PODEM os cineastas, os romancistas e os compositores: são principalmente os maquetistas, os gráficos, os arquitectos, os especialistas do *design*, os decoradores que tornam o planeta habitável ou não para nós. Vivemos rodeados de objectos, produzimos outros tantos, colaboramos na execução de muitos, consumimos uma infinidade deles e somos assaltados por modas e concepções que orientam, distribuem e canalizam a génese industrial desses objectos e estabelecem a sua política comercial. Os objectos nunca são inteiramente nossos (dado o processo mais ou menos complicado que antecede a aparente facilidade da sua compra) nem tão-pouco se podem separar de nós duma maneira absoluta. O disco-microgravado, a torradeira, a poltrona Airborne, o automóvel são libertação e alienação. É evidente que a produção em massa de objectos que caracteriza as sociedades industriais e pós-industriais interessa a toda a gente mas não é toda a gente (antes pelo contrário) que beneficia dum processo de produção em que participa em profundidade, em saber técnico, em sacrifício, em desistência das horas de ócio.

E acreditemos que o envolvimento de que somos agente e vítima não se dispõe como as nossas apetências e as nossas inclinações estéticas possam sugerir. Os objectos que detestamos, que amamos, que nos espiam, que nos tantalizam organizam-se, não numa ordem ideal, mas segundo um critério em que a nossa capacidade de intervenção é muito reduzida. Idealizamos uma rapariga num vestido de Courrèges sentada num divã vanguardista e acabamos por a encontrar numa sala em rústico português. A litografia mais repelente funciona ao lado do catálogo de grafismo impecável; a banheira mais banal, o automóvel mais insípido cruza-se com a arrogância motorizada do modelo de grande classe. Podemos jantar num restaurante de decoração gloriosa e cear um ar lúgubre, verdes de neon e enjoados de fórmica.

Estas considerações surgem com a leitura do n.º 10/11 da revista *OPUS Internacional* consagrada aos objectos. É importante conhecer a riqueza atingida, hoje em dia, por indústrias e técnicas que se dirigem ao consumo ou provocam as motivações do consumo. Analisando-as, *OPUS Internacional* não deixa de chamar a atenção para o papel decisivo que elas desempenham na manutenção e na consolidação dum capitalismo progressivamente mais tentacular. E, aqui, a «lavagem ao cérebro» torna-se mais perigosa, porventura mias alienatória, em virtude da sua qualidade artística...

Mas reconhece-se, por outro lado, que existem empresas, equipas e homens ocupados em tornar mais atraente, mais capitosa a fisionomia monótona da civilização urbana, em criar uma base concreta de sonho para os olhos desocupados dos homens ao fim de horas e horas de rotina. A recuperação dum direito a um mundo e a um meio-ambiente mais belo identifica-se com «o direito á modernidade» de que fala Jean-Clarence Lambert na abertura da citada revista.

Pensamos que *OPUS intenational* dá uma panoramica vigorosa e polémica sobre a proliferação de formas de comunicação que, embora ligadas intimamente á sociedade de consumo, se podem encontrar também nos países socialistas. Uma vez que é uma mobilização do homem em relação a determinadas opções que está em causa... Só há que, evidentemente, separar os princípios que presidem, num bloco ou noutro, ao desencadeamento dessas motivações

Em França, desenvolve-se, nos nossos dias, uma espantosa campanha de ressurreição das artes gráficas. A tradicional hegemonia suiça neste campo é abalada por uma geração gaulesa que estudou profundamente as técnicas de impressão, tratamento de cores, manchas gráficas, etc. e aliou a esses conhecimentos a erupção duma criatividade agressiva e iconoclasta. A criação em Paris dum centro de revitalização e rejuvenescimento das artes combinou-se ás mil-maravilhas com o facto de Paris ser a cidade dos grandes criadores da moda e cada vez mais, juntamente com Londres e Nova Iorque, também a capital da comercialização do pronto-a-vestir.

Cartazes, circuitos de venda de grandes armazéns, embalagens, criação de objectos artísticos (já separados dos coléricos e esplendidamente provocatórios seres-objectos dos surrealistas heróicos), utilização das técnicas audio-visuais, estetização da vida comercial, libertação da sensualidade e de fetichismos, demolição laboratorial de objectos artisticamente antipáticos e sua metamorfose rápida em símbolos da ferrugem progressiva das civilizações, divinização mazoquista do automóvel, a revolta da fotografia contra os lugares-comuns que a asfixiavam e o poder omnipotente dos fotógrafos jovens e anti-convencionais tudo isso se pode ler neste numero especialíssimo de *Opus international*. Ler e discutir depois.

Nada podem os cineastas, os romancistas e os compositores começamos por escrever. Pois corrigimos e diremos que eles podem tudo se compreenderem a escalada das artes e técnicas que a nossa infantilidade clássica classificava de menores. Se os objectos assaltam, se instalam no nosso quotidiano é urgente ver as suas limitações e as suas capacidades. Com a sua intuição, os grandes artistas podem mostrar caminhos mais justos. É preciso que romancistas, compositores, cineastas, gostem para também poderem odiar e desprezar. Oscar Wilde costumava dizer que resistia a tudo menos á tentação. Só a envolvência e a tantalização pelo objecto pode provocar, de dentro para fora, a destruição da poderosa couraça mitica que os acompanha. Só descobrindo a servidão se sabe o sentido da liberdade. Só sucumbindo á maldição do envólucro agradável do utilitarismo moderno, se poderá, como Celine, fazer a «viagem ao fundo da noite».

Sejamos, portanto, suficientemente apaixonados para dizer que uma fotografia de Guy Bourdin para uma super-luxuosa revista de modas revela.

a doçura do corpo,
o peso sensual do corpo,
o mistério dos fetiches «lingerie» sapatos, botas, cintos, aneis),
a serenidade capitosa do objecto-mulher,
a técnica de fazer o calor do corpo sair,
como um grito da noite,

e, mesmo assim, é uma manifestação de venalidade suficientemnte bem servida para a engolirmos.

Deixemos, pois, que no ódio-amor ao objecto se desenvolva dialécticamente a verdade inadiável das coisas que é preciso olhar de frente. Das coisas que são o amor, das coisas que são o ódio.

Fotografia de Guy Bourdin: o peso sensual do corpo...

por José Vaz Pereira

FINALMENTE
à venda em todas as livrarias

A VIDA E OS HOMENS
de *Ilya Ehrenbourg*

Um livro revelador sobre pessoas e factos relacionados com as grandes perturbações sociais do nosso tempo.

Col. "Estudos e Documentos",
348 págs., 55$

PUBLICAÇÕES EUROPA-AMÉRICA
APARTADO 8 — MEM MARTINS
R. das Flores, 45, 2.º — Lisboa
R. de Entreparedes, 6, 2.º — Porto

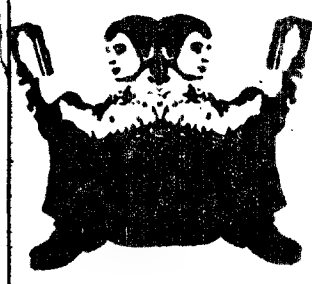
O Lei

NO LÚCIDO PREFÁCIO que antecede *A Letra e o Leitor* (1) afirma Jacinto do Prado Coelho:

«A letra, principalmente a letra impressa (milagre de Gutenberg!) reduz-me à insignificância de leitor transitivo, gota de água ou *bolha de água* para ser fiel à imagem de Quincas Borba. A menos que... E nasce aqui a tentação da literatura crítica, a tentação de juntar à linguagem da obra a minha linguagem, e de com ela vencer também o tempo». (2)

Eis-me igualmente assaltado (guardadas as devidas distâncias) pelo desejo de juntar ao *leitor* deste volume as *letras* da minha própria *leitura*. Mas se Jacinto do Prado Coelho se imagina «criador em segundo grau ou em terceiro), que valor poderei atribuir a mim mesmo, dado que também aspiro ao falar de *A Letra e o Leitor*, «à tarefa impossível de mostrar, *para sempre* o que a obra realmente é, e o que vale, e que sentido histórico tem?»

Em vez de ser embalado pela «ilusão de a fixar, de a esculpir, gravando a leitura na minha escrita» sou éticamente empurrado pela *obrigação* de leitor (que se julga atento) doutro leitor de leituras semelhantes, a chamar a atenção para este trabalho cujas reflexões nos surgem em letras. Letras que o *leitor escolheu*, arrancou, desbastou, compri-



miu, pôs em ordem, foi buscar serena ou furiosamente ao manancial que lhe escorre pela cabeça e pelo coração e se imbuiram da cultura, da inteligência e da sensibilidade que o habitam. As letras surgem assim *manchadas* pelo cunho pesosal de quem as agrupou, trazem as impressões digitais de quem as colheu reflectem as tonalidades cromáticas onde se envolvem apresentam a transpiração de quem as manuseou. Ao contrário da romântica e cega *intuição* que alguns críticos ainda perfilham entre nós (não é com boas intuições que se fazem boas críticas), estas *letras* estão mais próximas da verdade e são uma criação aturada e deliberada onde a razão e a inteligência, o sonho e a realidade, se entrelaçam e actuam. Se é certo, como alvitra Jacinto do Prado Coelho, que a leitura «é sempre uma leitura provisória», não é menos verdade que essa leitura se transforma e eterniza quando a letra a serve, isto é, quando transmite *impressa* essa mesma leitura.

A *criação* do *leitor* não pode portanto ser considerada de segunda ou terceira ordem, mas simplesmente de criação. Claro que a poderemos incluir

...tor faz a letra

por Liberto Cruz

numa determinada escala, mas o mesmo se passa — creio eu — com a obra dum poeta ou dum ficcionista.

O crítico tem (ainda) a vantagem de ousar uma interpretação, de arriscar uma teoria, de apostar no futuro. E enquanto os autores que se enganam se perdem no esquecimento natural a que são votadas, ao *leitor crítico* está-lhe vedada essa compensação. O autor desaparece tranquilamente, sub-repticiamente, mas o *crítico* fica sempre como um alvo a atingir, a massacrar, como um marco e explorar e ridicularizar. E quase sempre é maior o prazer em minimizar a criação errada dum crítico do que em louvar os *monumentos* que erguem e passaram, tantas vezes, despercebidos. Nunca se pedem contas ao autor que falhou, mesmo que a obra tenha tido no seu tempo um franco sucesso. Mas o crítico que não acertou é logo apontado como um produto da época, incluído num rol onde os termos depreciativos pululam e raro são compreensivos. Vê-se pois, que o trabalho do *leitor* que passou à *letra* mereee *inconscientemente* um maior apreço, é objecto de grande atenção, julgado com severidade, esmiuçado até ao pormenor, acolhido ou rejeitado sem quaisquer condescendências. Dir-se-ia que a criação crítica é a única que não admite a aventura fortuita, ocasional, intuitiva e ilusória. Há, portanto, na criação crítica uma responsabilidade uma inquietação, uma tarefa exaustiva, uma humildade e uma grandeza que por si só afastam toda a tentativa ligeira, toda a opinião apressada, todo o conceito fácil.

Com a sageza, a serenidade, o rigor, a cultura, a agudeza de percepção, a honestidade e a inteligência que lhe conhecemos desde os bancos da Faculdade de Letras, Jacinto do Prado Coelho tece todas estas considerações com um brilhantismo e uma segurança que não podem deixar de cativar e impressionar quem tenha feito idênticas leituras. Note-se, no entanto, que não é condição necessária nem suficiente conhecer a poesia de Manuel da Veiga Tagarro, um crítico do romantismo como António Pedro Lopes de Mendonça ou as ideias estéticas de Fernando Pessoa, para se avaliar do valor científico destes ensaios de Jacinto do Prado Coelho. Aqui reside, aliás, o duplo interesse de *A Letra e o Leitor*. Sabendo que o leitor faz a letra e não esquecendo que é um pedagogo, o autor de *Diversidade e Unidade em Fernando Pessoa*, apresenta um livro *didáctico* que se impõe, não pelo dogmatismo solene, escolar, mas, pela liberdade e pela certeza com que valores humanos e estéticos são abordados e descritos. Em vez do tradicional monólogo que caracteriza o Mestre universitário português, a *letra* que expõe ao leitor o professor Jacinto do Prado Coelho implica um *diálogo*, uma *informação* resultante de exaustivo estudo, uma *leitura* de várias e demoradas leituras, um *caminho* onde a criação se «desbiografa».

Vale a pena transcrever esta passagem do prefácio:

«Por mim, para além das virtualidades da linguagem literária, património comum, trazidas à luz na colaboração do consciente, com o inconsciente, o que continua a seduzir-me é a fisionomia única das obras dum autor — a individualidade literária, o

Jacinto do Prado Coelho

quid Garrett, o *quid* Pessoa». (3).

Este gosto pelo *quid* dum autor justifica assim que no presente volume nos surjam nomes como Camões, Bocage, Garrett, Camilo, Julio Dinis, Fialho, Cesário Verde, Eça de Queiróz, Pessoa, Pascoaes e Raul Brandão.

Pois não é verdade que cada um deles se impõe na nossa literatura por «uma fisionomia única?»

Não sabemos todos nós que cada um deles vale pelo *caminho* trilhado, pelo *rumo* escolhido, pelas *vias* que *sinceramente* percorreu?

No primeiro ensaio («Camões: um lírico do transcendente») lê-se logo no começo:

«Sem dúvida, é humano o ponto de partida, no humano mergulha a arte as suas raízes. Mas, como De Sanctis fez ver, a obra de arte caracteriza-se pela *forma* em relação à qual a matéria humana pré-estética não passa de matéria informe ou caos. O assunto, que prende a obra de arte ao devir temporal, extingue-se para renascer noutra esfera, integrado num organismo diferente». (4)

E a partir destes princípios, tantas vezes esquecidos, orienta Jacinto do Prado Coelho a sua *leitura* e aponta ao *leitor* algumas

letras cuja leitura francamente se recomenda. E a aventura começa. Estabelece-se sùbitamente um elo entre autor-leitor e o utente dos ensaios. Ou seja entre o autor, o leitor da obra e o leitor da leitura que o segundo fez. E desta *diversidade* de situações resulta uma *unidade* que pode levar o leitor da leitura feita por outro leitor, a uma inesperada plenitude, a um caminho de espanto e descoberta. Na verdade uma obra só existe quando suporta várias leituras, quando se completa e integra numa leitura, em várias leituras. E o leitor duma só leitura, duma limitada leitura, encontra no outro *leitor* o suporte que lhe falta, o mistério oculto, o veneno sagrado, a beleza intemporal. Esclareça-se que, frequentemente, o próprio autor se *descobre* na *leitura* dos outros.

Verifica-se portanto ter sido o espírito criador do crítico que levou o leitor a admitir e a aceitar integralmente a criação do autor da obra. E não me parece ousado afirmar que, ao contrário do que se observa, em geral, entre o criador e o crítico tradicional, isto é, intuitivo, o autor e o leitor completam-se e justificam-se, admitem-se e esclarecem-se, atingem-se e discutem.

Terminada a leitura das vinte e quatro *leituras* que Jacinto do Prado Coelho nos propõe, só nos resta reconhecer e proclamar, para que conste, que estamos perante um dos mais lúcidos investigadores portugueses. Um daqueles espíritos onde a capacidade de trabalho se alia à inteligência, e a sensibilidade acompanha *humanamente* a cultura como já escreveu David Mourão-Ferreira, Jacinto do Prado Coelho «foi um dos primeiros, entre nós, se não o primeiro, a eliminar, com adequados e novos instrumentos de pesquisa, o fosso tradicional existente entre os estudos linguísticos e os estudos literários». E os da minha geração que tiveram a felicidade de o ter como mestre, sabem quanto estas palavras são justas e se aplicam integralmente ao professor e ao *leitor*.

1) **A Letra e o Leitor** de Jacinto do Prado Coelho. Colecção Problemas. Portugália Edit.
2) Op. cit. p. 5.
3) Idem p. 7.
4) Idem. p. 15.

PRONTUÁRIO DAS LETRAS

Ler e não ler

Num programa da televisão italiana (R. A. I.) foram há tempos lidos versos de José Gomes Ferreira. Até aqui diremos: muito bem, já não era sem tempo! Mas o mais curioso é que poeta recebeu pouco depois o pagamento dos seus direitos autorais (menos de 300$00, segundo cremos). Não está em discussão a verba, que provàvelmente toca segundo a mesma bitola a um Giuseppe Ungaretti ou um Eugenio Montale. O que é notável, sim senhor, é o respeito pela obra de criação, o escrúpulo de que os produtores italianos dão provas.

Aliás, estes italianos continuam a ensinar-nos muita coisa. Por cá nem mesmo de graça temos José Gomes Ferreira nos «vídeos» domésticos.

Prodígio

No n.º 121 do mensário **«Livros de Portugal»** (Janeiro de 1969, agora distribuído) pode ler-se que Jorge de Sena tem no prelo ou em preparação as seguintes obras: **«Ela canta, pobre ceifeira»**, estudo de crítica textual e literária de um poema de Fernando Pessoa, com dois inéditos do poeta; **«A estrutura de Os Lusíadas e outros estudos camonianos»**: **«Dez poemas de Emily Dickinson»**, tradução e prefácio biográfico-crítico; **«Poemas ingleses de Fernando Pessoa»**, tradução, prefácio, notas e variantes; **«Poemas de Cavafy»**, tradução e prefácio; **«A poesia portuguesa do século XVII»**, selecção, prefácio e notas; **«Teoria da Literatura»**; **«Camões — o lírico»**, selecção e texto crítico, prefácio e notas; **«José Régio — a obra e o homem»**; **«Os grãos-capitães»**, contos; **«Sinais de fogo»**, romance; **«Monte Cativo»**, romance; e **«Peregrinatio ad loca infecta»**, poemas. Gritamos com o leitor: prodígio!

O que escreve Urbano

Perguntámos a Urbano Tavares Rodrigues; «O que está a escrever neste momento?» A resposta falou dos **«Contos da solidão»** (livro «quase pronto») e da peça de teatro **«As torres milenárias»**, cujo I Acto foi terminado. Mas depois veio a revelação mais curiosa: «Se **«As torres milenárias»** não derem uma peça transformo o material num romance ou numa novela». Pouca gente sabe-rá que duas novelas de Urbano começaram por ser precisamente peças de teatro. Um pouco de indiscrição — aconteceu isso com **«Limbo»** e **«Mesmo que assim seja»**, aquela incluída em **«Casa de correcção»** e esta em **«As aves da madrugada»**.

A mulher barbuda

Não se pode dizer que o Prontuário descura os lazeres dos seus leitores em férias. Aqui vai mais uma sugestão: **«La vie exemplaire de la femme à barbe»** («A vida exemplar da mulher barbuda»), de Jean Nohain e François Caradec, em edição de La Jeune Parque. A mulher barbuda chamava-se Clémentine Delait e viveu (escanhoando regularmente a face) entre 1865 e 1939.

Ferreira em alemão

Uma editora da Alemanha Democrática manifestou a Manuel Ferreira o seu interesse pela tradução do romance **«Hora di bal»**. Quadro humanístico do arquipélago cabo-verdiano em tempo de seca («Naquele tempo de fome a ilha de S. Vicente era o porto de salvamento. Empurrados do interior, os povos vieram-se arrastando para o litoral, até junto do mar, na ânsia de um caldinho de peixe — que luxo! —, de uma cana para chupar, ou até de folhas verdes para mastigar...», **«Hora dibal»** veio a lume pela primeira vez em 1962, integrado nos Textos Vértice, e está já vertido para francês. O leitor do Prontuário por acaso leu?

NOVIDADES LITERÁRIAS

JOSÉ RÉGIO
TRÊS PEÇAS EM UM ACTO
(TRÊS MÁSCARAS ★ O MEU CASO ★ MÁRIO OU EU PRÓPRIO — O OUTRO)
Obras Completas de José Régio — 40$00

CESARE PAVESE
TERRAS DO MEU PAÍS
Colecção Contemporânea — 40$00

GAETAN PICON
BALZAC POR ELE PRÓPRIO
Colecção Escritores de Sempre (Vol. profusamente ilustrado) — 40$00

V. GORDON CHILDE
A AURORA DA CIVILIZAÇÃO EUROPEIA
Colecção Problemas (Vol. profusamente ilustrado) — 95$00

LOUIS SAUREL
ESTALINEGRADO
Colecção Documentos Humanos (Vol ilustrado com 18 fotos e 2 mapas) — 50$00

MARTIM NOEL MONTEIRO
PERITAGEM E REVISÃO DE CONTAS
2.ª edição inteiramente revista e aumentada, com aplicações à verificação fiscal
Colecção Economia & Finanças — 150$00

LUISA ALCOTT
BOAS ESPOSAS
6.ª edição
Biblioteca das Raparigas — 30$00

Portugália Editora
AV. DA LIBERDADE, 13 LISBOA

Do silêncio ao diálogo — quando?

por Nelson de Matos

O RETRATO NA GAVETA
Otto Lara Resende
Livros do Brasil, Lda.
Lisboa, 1969

Otto Lara Resende — um autor da «geração de 45»

AS EXIGÊNCIAS de uma possível especialização, a fuga ao aterrador amadorismo a que todos em princípio estamos condenados, a atenção e o cuidado que nos exigem alguns imprescindíveis estudos teóricos em simultaneidade com o acompanhar da literatura nacional, inibem-nos a maior parte das vezes de prestar a outras literaturas a atenção que seria necessária e elas sem dúvida justificariam Excepção feita, evidentemente, áqueles raros livros que connosco se cruzam e nos aparecem como de imprescindível leitura. Para esses estudos, para essa possível especialização, o tempo igualmente nos não favorece muito. E á medida que o nosso conhecimento se vai aprofundando e se alarga portanto toda a extensão do que ainda ignoramos, mais nos dói e nos limita essa impossibilidade de profissionalização. Deste modo, dizíamos, a nossa atenção acaba por concentrar-se num campo restrito em que tende a exercer-se essa vaga especialização, com as consequentes falhas a que tais circunstancias nos obrigam.

Em relação á literatura brasileira pareceria natural, em vista do que em princípio nos é comum ou em parte nos aproxima, que a nossa atenção e curiosidade igualmente por ela se repartissem. Tal não acontece, porém, vivendo as duas literaturas, salvo raras excepções, numa total ausência de diálogo e num mútuo desconhecimento. Excepções que a maior parte das vezes se traduzem apenas em prefácios para lá e prefácios para cá, resenções críticas quase sempre só de lá para cá, ou o caso daqueles poucos autores que, de um lado ou de outro, mereceram de facto o interesse e a atenção de um restrito sector do público, quase sempre apenas constituído por estudiosos. Tanto num país como noutro as duas literaturas vivem mal fora das universidades onde são estudadas. Mas, mesmo aí, haveria ainda que frizar o total esquecimento do que modernamente em ambas se produziu.

Sobre o que há de ficção na chamada *comunidade luso-brasileira* já Jorge de Sena e um caderno de *O Tempo e o Modo* dedicaram a devida atenção. Atenção que aliás tem os seus períodos de ouro conjugados com um total esquecimento. De vez em quando alguém se lembra de desenterrar a questão e eis que, do silêncio em que ficara, ela se ergue de novo para mais uma transitória sovrevivência. Oscilações que evidentemente dependem das relações políticas entre os dois países e dos Governos que as conduzem. Recentemente, por exemplo, ao ser anunciada a visita ao Brasil de Marcello Caetano, eis que o problema se levantou de novo de um silêncio de sepulcro. E volta então a falar-se de uma secular amizade, da constituição da tal comunidade, quando apenas um objectivo político norteia tal deslocação.

Regressando então ao campo da literatura poderemos constatar que uma tal situação de incomunicabilidade, aliada á natural concentração em que tende a exercer-se o nosso tempo disponível, resulte em que seja a maior parte das vezes embaraçosa a referência a qualquer livro da moderna literatura brasileira. Embaraçosa porque nos falta aquela geral perspectiva e entendimento que supomos essencial a uma tal abordagem. Neste sentido apenas foi para nós surpresa a leitura deste belo livro de Otto Lara Resende — autor que surge no Brasil integrado na «geração de 5» juntamente com personalidades tão distintas como Lígia Fagundes Teles, Fernando Sabino, Clarice Lispector ou Guimarães Rosa. Geração algo dispersa na medida em que nela couberam tendências tão diversas como, por exemplo, as de Fagundes Teles e Clarice Lispector, inscrevendo-se a primeira na continuidade de um realismo naturalista com o qual a segunda já estabelece uma fundamental ruptura. É no entanto com o regionalismo de Guimarães Rosa que a ficção brasileira encontra finalmente a autenticidade, temática e de linguagem, que até aí tinha procurado.

O Retrato na Gaveta é um conjunto de dez narrativas que, em relação a si mesmas, se caracterizam por uma vincada irregularidade quer pela linguagem, quer pela construção, quer ainda pelos temas que lhes servem de suporte. A primeira e mais longa de todas, *O Carneirinho Azul*, desenvolve-se sobre o fundo da revolução militar de 1930 que originaria Getúlio e lançaria no Brasil as bases do capitalismo de Estado. É no momento de eclosão das forças revolucionárias que se inicia a *estória* da família Sacramento Neto e a sua decadência, isolada, não conseguindo jamais integrar-se e viver dentro das novas estruturas que se organizaram na pequena cidade de Lajedo onde viviam. O narrador é um dos seus filhos, Juquinha, para quem a Revolução começou logo por ser libertadora ao interromper-lhe as aulas e os castigos da mestra. É este narrador-criança que dá a este discurso o seu caracter de visão inocente da realidade em contraste com o olhar seco dos adultos. Com ele Otto Lara Resende procede a um revitalizamento da tala popular, através de um maravilhoso conjunto de sinais (alguns dos quais para nós de difícil interpretação) a que decerto não foi alheia a experiência de Guimarães Rosa. Abertamente confessamos quanto nos agradou a leitura desta narrativa inquieta, carregada de uma leve ironia que a distancia imposta por essa já referida inocência vem reforçar, alargando-lhe o sentido e o alcance. Supomos no entanto que a solução final, pela ambiguidade dos seus termos, se não coaduna bem com a totalidade do texto. Após o estilhaçamento da família, Juquinha fica só, com os seus pés descalços e a sua roupa usada. O deixar-se vencer pelo padre que o encaminha para o Seminário foi decerto a mais fácil solução. Supomos no entanto que a ambiguidade em que nos é apresentada destrói inegávelmente todas as anteriores incidências para que nos apontava esta narrativa.

Dos restantes contos há que destacar a simplicidade de *Os Amores de Leocádia* e de *Todos os Homens são iguais*, curtas narrativas a que a concisão e o brilho da linguagem conferem uma alta qualidade discursiva. De tudo o que este livro nos oferece não podemos aliás deixar de salientar a linguagem, a discursividade, se bem que reconheçamos existirem nele outras qualidades paralelas que o espaço nos não deixa aqui devidamente esclarecer. Eis pois um discurso que inteiramente reaproveita a fala e a simbologia popular, com toda a sua ingenuidade e inocência, com toda a sua ironia, utilizando um vocabulário decisivamente ligado á fala das coisas. Ele nos evidencia uma linguagem rica de sinais, suportando uma literatura que atingiu, ao envolver-se nas mais fundas raízes populares, uma maturidade que a nós nos dói não termos até aqui acompanhado com a atenção devida. Do silêncio ao diálogo entre a literatura portuguesa e brasileira sobra no entanto um espaço que nos não compete a nós preencher a não ser por esta talvez inoperante constatação do seu vazio.

Serviço auto-expresso

LISBOA-PARIS

Todos os dias de 1 de Junho a 27 de Setembro

Entregue*
o seu carro hoje
e levante-o, em Paris,
depois de amanhã,
após uma viagem tranquila
e repousada
no comboio
da sua preferência.

MARCA adapt. AE-69

*A entrega dos carros é feita na estação de Santa Apolónia, em Lisboa, entre as 15 e as 18 horas no dia anterior ao da partida do viajante ou entre as 7 e as 8 horas do próprio dia.

SNCF

Para mais informações:
Est. Santa Apolónia — Departamento Comercial — Telf: 86 41 81
ou TOURISME FRANÇAIS — R. Aurea, 242-3.º — Telf: 32 53 68 - 9

CHEMINS DE FER FRANÇAIS

4º VOLUME
Biblioteca Universitária Inova

OBRAS COMPLETAS DE JOSÉ RÉGIO

acaba de sair a 2.ª edição de

TRÊS PEÇAS EM UM ACTO

Três Máscaras
O Meu Caso
Mário ou Eu Próprio — o Outro

«...O Meu Caso, uma pequena obra-prima, uma das mais profundas farsas do nosso teatro.
Pelas dimensões, variedade, riqueza e unidade da sua obra, José Régio é um caso raro na literatura portuguesa.»

JORGE DE SENA

JOSÉ RÉGIO

brevemente, a 5.ª edição, com seis desenhos de Júlio, do livro de sonetos

BIOGRAFIA

«As variações, a retórica sinceridade, os dons de autoanálise, o objecto do conflito, fazem deste mundo uma mistura singular de espiritualidade e barroquismo. É na verdade um universo, coisa que só de raros poetas se pode dizer.»

EDUARDO LOURENÇO

PORTUGÁLIA EDITORA

FAMO LOUSADA
MOBILIÁRIO DE ESCRITÓRIO

CARDOSO & RIBEIRO, LDA.
SALÃO DE EXPOSIÇÃO E VENDA
PRAÇA RAINHA SANTA, 1-B
TELEFONE 794532 LISBOA-5

De mãos dadas

(Continuação da 8.ª pág.)

para a câmara». E é desta maneira que se inicia a minha actividade no cinema profissional. No fim do 2.º ano do I. D. H. E. C. faço um estágio nas Actualidades Francesas. Terminado o curso, recomeço esse estágio até 1961. Em 62 regresso a Portugal e a Tobis convida-me para trabalhar no seu jornal de actualidades, onde *aguento* três meses. Trabalho com Lopes Ribeiro, com toda essa gente que na al-

tura fazia documentários na Tobis, até que aparece o Teles a produzir *Les Vacances Portugaises*, onde venho a trabalhar com o Coutard. Faço depois o PXO, na Madeira, e quando o Teles me convida para *Os Verdes Anos* eu recuso: tendo conhecido o Jörn Donner, parto para a Suécia, onde fico três anos. Aí, trabalho com o Donner em *Um Domingo em Setembro* e *Amar*, dois filmes premiados internacionalmente, com Alf Sjoberg (*A Ilha*) e com um antigo assistente de Bergman, Lars Erik Lindholm (*Noite de Junho*). Entretanto, regresso a Portugal e volto a trabalhar na Tobis, durante dois anos, até partir para os E. U. A., em 1967. Como eu fizera um documentário sobre a ponte para a United States Steel os tipos convidam-me a visitar os estúdios deles. Com o auxílio da Gulbenkian vou ver aquilo que me interessa. Primeiro em Nova Iorque (os independentes), depois em Chicago e finalmente em Hollywood. Depois desta experiência americana, volto a Portugal e torno-me independente — quer dizer, aceito as consequências. Assim, trabalho com o Lopes (*Uma Abelha na Chuva*), com o Tropa, com o Matos Silva (no seu primeiro documentário), com o Zé Ernesto, com o Fonseca Costa ,etc...

«Grande Roda»: lição de convivência e entreajuda

UM PROPÓSITO E UM CONVITE (FINAL)

A Grande Roda, primeira curta-metragem (15 minutos) realizada pelo até-aqui-operador-e-técnico-de-fotografia Costa e Silva, não teve qualquer subsídio. Mas teve auxílios preciosos: Alexandre Gonçalves, Fernando Lopes, Alexandre O'Neill, Matilde Taveira, Rosalina (supervisora pedagógica), João Martins, Manuel Simões, tantos outros. E as crianças, claro — os seus rostos, os seus risos, a sua actividade, a sua magistral lição de convivência natural e amiga.

V. S. T. — No campo da realização, o Costa e Silva ficará por aqui?

C. S. — Espero que não.

V. S. T. — Tem alguma coisa na cabeça?

C. S. — Coisas sobre crianças. Interessa-me fundamentalmente o cinema infantil, o cinema para crianças, o cinema sobre crianças

Em Portugal não tem sido feito nada, absolutamente nada É neste campo que eu desejo fazer alguma coisa.

■

Vi o Costa e Silva trabalhar no filme-que-se-está-fazendo *Almada — Um Nome de Guerra*. Vi *A Grande Roda*, um filme que não puxa à lágrima e é também por isso digno de apreço. Vi no rosto do Costa e Silva a sensibilidade e a capacidade de admirar (de amar) as coisas. Acho que o novo cinema português pode contar com este cineasta de 32 anos. Sabe do ofício e sabe da arte — porque a estima. Amigo leitor: quando o filme estiver em exibição, veja *A Grande Roda* e aprenda a ser menos egoísta.

VÍTOR SILVA TAVARES

NÃO VIAJE PELA

VARIG

É óptimo cair no trânsito parisiense de hora de ponta.

Você parte mais cedo, é verdade. Mas chega a Paris (ou Frankfurt, ou Copenhague), naquela hora brava, em que o táxi se arrasta palmo a palmo do aeroporto ao centro. Aí vem o almoço. Quando você começa realmente o seu dia, onde está a vantagem? Sem falar nos seus nervos.

Os horários da VARIG, que sempre coincidem com as refeições, permitem-lhe chegar (almoçado a bordo) dentro da faixa ideal para locomover-se ràpidamente ao centro de Paris (ou Frankfurt, ou Copenhague). E não esqueça que você pode aproveitar a sua manhã em Lisboa! Viaje civilizadamente. Pela VARIG.

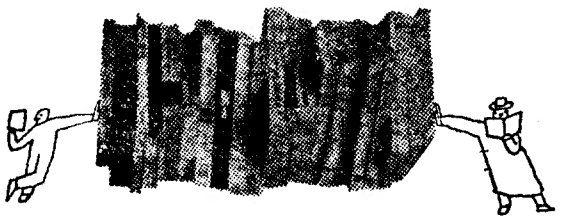
VIAJE PELA

VARIG

Linhas Aéreas Brasileiras

Vai ser muito mais fácil chegar de Orly a Paris.

McCANN



ESCAPARATE

Autores Estrangeiros

Título — Geografia da Península Ibérica
Autor — Michel Drain
Tradutor — António Neves Pedro
Editora — Livros Horizonte, Lda — Editorial Gleba Lda.
Colecção — Horizonte, n.º 1
Número de páginas — 142
Preço — 25$00

Título — Temas Actuais do Cristianismo
Autor — Josemaria Escrivá
Tradutor — Henrique Dias Aguiar
Editora — Editorial Aster, Lda.
Número de páginas — 170
Preço — 40$00

Título — A Paixão do Incesto
Autor — Yvan Simonis
Tradutor — Manuel de Castro
Editora — Moraes Editores
Número de páginas — 279
Preço — 80$00

Título — A mulher do capitão Branican
Autor — Julio Verne
Tradutor — Silva Pinto
Editora — Livraria Bertrand — Lisboa
Numero de páginas — 208
Preço — 25$00

Título — A casa a Vapor
Autor — Julio Verne
Tradutor — A. M. da Cunha e Sá
Editora — Livraria Bertrand — Lisboa
Numero de páginas — 220
Preço — 25$00

Autores portugueses

Título — O Socialismo e o Futuro da Península
Autor — Vitorino Magalhães Godinho
Editora — Livros Horizonte, Lda.—Editorial Gleba, Lda.
Colecção — Horizonte, n.º 2
Número de páginas — 122
Preço — 25$00

Título — A Inquisição Portuguesa
Autor—António José Saraiva
Editora — Publicações Europa América
Colecção — Saber, n.º 31 — 3.ª edição
Número de páginas — 127
Preço — 20$00

Título — Introdução do Teatro Português do séc. XX
Autor — Duarte Ivo Cruz
Editora — Expresso
Colecção — Espiral
Número de páginas — 195
Preço — 40$00

Título — A chave do Castelo Azul
Autor — António Torrado
Editora — Eurográfica — — Lisboa
Colecção — Colecção Giroflé. n.º 1
Numero de páginas — 56
Preço — 20$00

Título — Anti-Literatura 68
Autor — Rui de Brito
Editora — Eurográfica - Lisboa
Colecção — Hoje
Numero de páginas — 96
Preço — 20$00

«A Grande Roda»: Costa e Silva estreia-se como realizador

De mãos dadas

NUMA ARDÓSIA de parede de um rapazito escreve a giz: *A Grande Roda* Outro, que está ao lado, apaga as letras e escreve por sua vez: *A Pequena Roda.*

Estão ambos a compor o genérico de um filme de Costa e Silva (*A Grande Roda*) que em Setembro próximo será exibido no Festival de Cork (Irlanda).

Continuam: *Fetografia de Costa e Silva; Fernando Lopes — o cola-tudo;* *sons do barulhento Alexandre Gonçalves* (e um deles desenha um avião, inimigo n.º 1 do operador de som); quanto ao electricista, escrevem *Viva o João!* e rabiscam um candeeiro. A música (canções de roda e uma balada) é de Matilde Taveira. O Paulinho (seis-sete anos) quer também contribuir para o genérico — no que é contrariado pelos outros mais crescidos. Acabará por ser levado à unha — autêntico *happening* frente à câmara de Costa e Silva.

A Grande Roda não é um filme sobre a actividade do Centro Infantil Hellen Keller. É um filme *sobre as crianças* (normais, deficientes visuais e cegas) que no Centro Infantil Hellen Keller promovem quotidianamente uma admirável lição de convivência e entreajuda.

«Vós sois, crianças, as nossas professoras de energia!» (O'Neill)

UM POEMA DE ALEXANDRE O'NEILL

«O melhor do mundo são as crianças», escreveu o poeta Pessoa. Da mesma opinião, o poeta O'Neill quis dizer *porquê* nesta curta metragem de Costa e Silva:

Nós é que agradecemos que
[vocês
nos deixem ajudar-vos
Não bem ajudar-vos, mas
[mostrar-vos
como podeis entreajudar-
[-vos.

Tu que andavas pelos can-
[tos,
és agora o nosso orgulho:
transformamos a tristeza
e também o remorso de te
[termos,
nesse irresistível movimen-
[to
que se chama a entreaju-
[da!

Pusemos-te em relação
Em relação com o mundo,
em relação com os outros
— e a tua mão já não erra,
[solitária,
pela tua solitária face

Vós sois, crianças, as nos-
[sas professoras de
[energia!

«Ai deles!» dirão os que
[se dissolvem, lamentosos,
na sua própria dor.
«Ai deles!» diremos nós.
Ai deles que não souberam
[reencontrar essa vontade,
essa esperança pertinaz
que ao nome de «vida!»
[acorre e dá resposta.

Nosso programa é simples:
ocupação e entreajuda!

E assim, dia a dia, dizemos
[«NÃO!» ao caos.
que até como lamento se
[insinua

E sois vós, crianças,
as nossas professoras de
[energia!

...COMO SE FOSSE CRIANÇA

Costa e Silva tinha consigo dois mil metros de película — e uma ideia, um desejo, uma paixão. Em tempos, fotografara para o Ernesto de Sousa um filme didáctico (em 16 milímetros) sobre o Centro Infantil Hellen Keller. *A Grande Roda* é o prolongamento (agora pessoal) dessa experiência.

C. S. — O trabalho do Centro baseia-se nos princípios da escola moderna, que tendem a pôr uma criança cega, ou deficiente visual, em contacto com crianças normais — e recuperá-la, nunca a isolando mas colocando-a face aos problemas. Houve até o caso daquela criança que chegou ao pé de mim e disse-me: «Costa e Silva, quando é que vamos *ver* a sua fita?

V. S. T. — Criança cega?

Costa e Silva filmando «A Grande Roda»: «como se fosse criança no meio de crianças...»

C. S. — Sim. E eu disse-lhe: «Amanhã vamos *ver* a minha fita».

V. S. T. — Já a foram ver?

C. S. — Ainda não, mas tenciono. Então sentar-me-ei ao lado dela explicando-lhe as coisas e nunca lhe dando a perceber que não está vendo — isto é, como se fosse a coisa mais normal possível. Eis o ponto fundamental.

V. S. T. — Para a realização do filme, que tipo de contactos manteve com as crianças?

C. S. — Deixei-as completamente à vontade. Primeiro, procurei observar, integrar-me no meio delas, excluir o mundo exterior. Acho que as pessoas estão erradas quando tentam interpretar o que as crianças fazem. Ora a criança tem a sua visão — e é nesse aspecto que o meu filme vai ao encontro dela.

V. S. T. — Mas você como realizador não se limitou a um papel passivo, que aliás era impossível...

C. S. — Não. Tive forçosamente que fazer uma escolha. Estava lá, digamos, como observador como se eu fosse criança no meio de crianças. Habituei-me a isso. Mas na fase de montagem...

V. S. T. — ... teve já que optar...

C. S. — Sim. Na montagem há já um critério de conduzir a acção. Por exemplo: ao princípio eu tinha pensado na leitura de um texto explicativo; depois da montagem estar pronta tive a ideia de ir buscar vários miúdos e pô-los a comentar a fita. Esta, a partir daí, ganha nova feição. No entanto, eu continuava a achar necessária uma pequena explicação talvez sob a forma de poema — mas um poema lido como se fora uma conversa. É aí que aparece o O'Neill a ler o seu próprio poema. Quer dizer, a fita aproximou-se, pouco a pouco, do que eu pretendia...

DA LIBERDADE...

C. S. — As crianças estão em grupos, formados livremente. Depois, cada uma faz aquilo que muito bem lhe apetece. Se lhe interessa estudar uma lição de Aritmética, estuda uma lição de Aritmética; se lhe interessa pintar, pinta; se lhe interessa escrever um texto livre nesse momento escreve um texto livre...

AS FORMIGAS

Eu às vezes piso as formigas
e depois de as pisar
tenho pena delas.

GICA

O SONHO

Ontem sonhei que estava
no meio das estrelas, junto
da Apolo 8. Os meus braços
eram asas.

por Vítor Silva Tavares

Quando acordei estava
no chão.

LUÍS MIGUEL

O MAR

Eu queria ser o mar para
nunca morrer.

PEDRO

A TV

A TV é magistral
manda dormir os miúdos
com o segundo canal
até dormem os graúdos.

PERDIGÃO

PAGINA DE VIDA

A Infantil teve 2 estagiários, viu um avião por dentro e a Teresa Calhau ganhou o prémio das máscaras.

A 1.ª e a 2.ª Braille escreveu ao eng.º Sousa Ve-
loso. Estão tristes porque os peixes morreram.

(...) As 3.as e 4.as classes foram ao Quartel e o Costa e Silva tirou fotografias...

●

A câmara está lá, atenta. E faz-nos participar desta comunhão deste momento exacto em que tudo se inventa e principia... *A Grande Roda* resulta igualmente como uma conquista da espontaneidade. Que é também nossa.

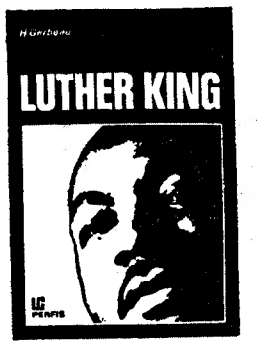
BIOGRAFIA

De Lisboa (onde concluí o 3.º ciclo no liceu D. João de Castro), Costa e Silva alcança a Suécia, na mira de um curso de engenharia (máquinas-têxtil).

C. S. — ... Venho a Paris sobre o Verão e encontro o Cunha Teles, que tinha acabado o 1.º ano do I. D. H. E. C. Ele entusiasma-me a entrar para lá e como eu tinha ainda possibilidades de perder o mês de Outubro tentei. Apresentei a papelada e fui aprovado para o curso de operador — aquele que eu desejava. Desisti da engenharia e comecei a fazer traduções para me poder aguentar em Paris. Entretanto Jean Rouch pedia ao I. D. H. E. C. alguns elementos para poder acabar a sua fita *La Pyramide Humaine* e eu vou trabalhar com o Perchmann. Aí, tenho sorte de o *camera-man* adoecer. Jean Rouch pergunta-me: «O que é que tu fazias no I. D. H. E. C.?» e eu respondo-lhe: «Prise-de-vue». «Portanto vais

(Continua na 7.ª página)

UG
uma editora em renovação



COLECÇÃO
PERFIS
LUTHER KING
de H. Gerbeau... 35$00
UNIÃO GRÁFICA—Rua de Santa Marta, 48—LISBOA